

CLÁUDIO JOSÉ TORRES VOUGA

COMO NUM ESPELHO, OBSCURAMENTE...

ESTUDO DE CASO DE UMA FÁBRICA E DE UM GRUPO OPERÁRIO

Tese de Doutorado apresentada
ao Departamento de Ciências So
ciais da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas - USP

COMO NUM ESPELHO, OBSCURAMENTE...

Estudo de Caso de uma Fábrica e de um Grupo Operário

Para a, a primeira letra,
esse aleph inencontrável.

"Se pudéssemos sair de nosso tûmulo daqui a milhares de anos seriam os longíquos traços de nosso próprio ser que procuraríamos descobrir no mundo futuro. Nossos ideais supremos e últimos são tão mutáveis e frágeis que não podemos esperar impô-los às gerações vindouras. Mas podemos agir de tal forma que elas se reconheçam na nossa maneira de ser. Quanto a nós, queremos ser por nosso trabalho e nosso ser, os antepassados da espécie humana futura." (Max Weber)

"Hã alguma coisa nos acontecimentos que é apreendida de modos diferentes por diferentes mentes ou mesmo pela mesma mente em momentos diferentes." (Joseph Conrad)

"Quando era criança, falava como criança, compreendia como criança, pensava como criança, mas quando me tornei homem deixei de lado as coisas infantis." (I Cor. 13,11)

"E afora este mudar-se cada dia
Outra mudança faz de mor espanto
Que não se muda já como soia" (Camões)

Diversas instituições colaboraram para que este trabalho pudesse ter sido realizado: a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Conseil du Tiers Monde da Universidade Católica de Louvain, o Centre National de la Recherche Scientifique de Paris, o Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e naturalmente a alma mater, a Universidade de São Paulo, na qual passei os melhores e os piores anos, e outros por vir.

Quero ressaltar a importância que algumas pessoas tiveram para o meu desenvolvimento intelectual: Paulo Villaça, que ao me interessar pelo cancionário medieval me afastou definitivamente da engenharia. Florestan Fernandes, que me contrariou sem me conhecer e que depois foi paciente o bastante para não aceitar nenhum dos meus pedidos de demissão. Fernando Henrique Cardoso, que um dia resolveu apostar em mim. Alain Touraine, último mestre.

Um agradecimento muito especial deve ser feito à minha orientadora, Ruth Cardoso, cuja amizade e carinho, mas sobretudo a atenção e a crítica, tornaram este trabalho uma realidade, não sendo, entretanto, responsabilizável por nenhum de seus desacertos.

Obrigado a Jeanne Favret, a Maria Belo ao Doda e a Pilar Lecoussin, com eles e por causa também deles, em momentos diversos, eu consegui ficar do lado de cá.

O ornitorrinco alado do primeiro capítulo vem da dicatória de um livro de Robert Schwartz.

Na pesquisa, contei com a colaboração de Albertina de Oliveira Costa e Cacilda Ascutti. Depois, ao longo da vida, Albertina atrapalhou muito na feitura deste trabalho. Meus filhos Manoela e Xavier atrapalharam também.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Este trabalho foi escrito em momentos diferentes e eu tento, ao invés de disfarçar, tirar partido do fato, segundo a sabedoria oriental, transformando a fraqueza em força.

O primeiro capítulo, bem como a breve conclusão, foram escritos em 1987, embora alguns textos remontem a 1985. Em todos, de qualquer forma, me reconheço como sou hoje. O segundo capítulo foi escrito em 1966 e, depois, reescrito em 1972, embora algumas referências bibliográficas sejam posteriores. Tentei manter o texto ingênuo e esquerdizante, cortando apenas o que me parecia redundante. Espero ter mantido o estilo geral.

O terceiro capítulo constitui-se das entrevistas com os operários. Reduzi o número original de 32 entrevistas para as 25 que apresento. Elas me parecem representar a realidade estudada. As sete entrevistas que excluí nada mais fazem do que repetir temas e questões que se acham suficientemente expostos naquelas aqui editadas. A introdução às entrevistas é escrita hoje, embora se baseie, em grande parte, em anotações mais antigas.

O quarto capítulo foi escrito em 1972, em Paris, quando eu tentava pensar questões mais gerais da fase populista, tendo por base o material de minhas entrevistas e questionários. Minha preocupação nesse momento, que de resto está também presente na segunda parte do segundo capítulo, é a seguinte: o Brasil é contemporâneo de seu próprio passado, ou seja, tem muitos tempos num só tempo. Sempre se enfatizou muito a diferença entre o desenvolvimento industrial e urbano do Brasil e aquele processo que ocorreu na Europa e até certo ponto nos Estados Unidos. Minha intenção era explorar exatamente a vertente oposta: a semelhança entre o processo brasileiro e o desen

volvimento clássico da industrialização. Hoje eu não descarto o interesse de se orientarem estudos futuros nessa direção e creio que essa hipótese, apesar de eu não a ter desenvolvido, ajuda a compreender os discursos operários aqui apresentados.

SUMÁRIO

- 1- AFTER THE FALL
 - 1.1- O Ornitorrinco Alado
 - 1.1.1- Tese 2
 - 1.1.2- O Objeto da Tese 7
 - 1.1.3- Obra Inacabada, Obra Inacabável 9
 - 1.2- Vinte Anos Depois 13
 - 1.3- Crônica
 - 1.3.1- Situação 33
 - 1.3.2- Observação 37
 - 1.3.3- Questionário 40
 - 1.3.4- Entrevistas 43
- 2- TEMPOS MODERNOS
 - 2.1- A Fábrica
 - 2.1.1- Histórico 47
 - 2.1.2- Situação de Mercado e Mercadorias Produzidas 53
 - 2.1.3- Organização e Direção 58
 - 2.1.4- A Política com o Pessoal 64
 - 2.2- Os Operários
 - 2.2.1- Proveniência da Mão de Obra 68
 - 2.2.2- Profissão 75
 - 2.2.3- Salários 78
 - 2.2.4- A Situação Pessoal 81
 - 2.2.5- Participação Sindical 86
 - 2.2.6- Greves 98
- 3- O DISCURSO ESQUIZOFRÊNICO 106
 - 3.1- Percursos e Discursos 109
- 4- MEMÓRIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO
 - 4.1- Populismo 227
 - 4.2- Autoritarismo 241
- CONCLUSÃO 247
- BIBLIOGRAFIA 251
- ANEXOS 254

1- AFTER THE FALL

1.1- O ORNITORRINCO ALADO

1.1.1- TESE

Tese. Que tese que a tese tem? Tesão. Que tesão pelo tema tenho? Tenho uma tese e um tesão. Temo aos dois. Melhor seria uma tese com pouca tese e nenhum tesão. Então por que fazer? Capitão não falta, quem falta é o tenente. Tenente não falta, quem falta é o general. Também para a carreira militar é preciso o fogo sagrado. E para o cientista? Alguém se torna poeta, ou a gente nasce poeta? Burocrata. Burocrata do saber tem saber?

Neste momento abandono o abrigo da barra e me lanço no ar, sabendo que embaixo não tem rede. Os dados estão lançados, ainda não caíram, mas lá já está a combinação que não sei. O julgamento do Destino. Destino? Hic opus hic labor est.

Ao contrário dos pássaros descritos por Borges, que voam para trás por lhes importar o lugar de onde vieram e não aquele para onde vão, a mim me importa onde cheguei. Em mim. No meu sofrimento, na minha angústia, nas minhas dúvidas, no que eu sei, no que eu ensino, no que eu testemunho. E o que é tudo isso dia 05 de janeiro de 1987. O suor mancha o papel e tenho medo de borrar a tinta. Que interesse tenho hoje. Que interesse se tem você que me está lendo tempos depois. Há que escrever, há que fazer, dizer porque estou, porque vim.

Se estou defendendo uma tese, que tese defendo? Eleições de 1986, São Paulo. O deputado federal mais votado em todo o país é Lula, o deputado estadual mais votado é Afanásio Jazhadi, espanto, com grande frequência são os mesmos eleitores a sufragar os dois nomes: como se pode explicar que alguém

vote ao mesmo tempo no líder metalúrgico, fundador do Partido dos Trabalhadores, que se coloca inequivocamente à esquerda no espectro político e em um jornalista marrom, produtor de programas de escândalo e calúnia, apoiado e financiado pelos setores mais retrógrados e obscurantistas da direita? Mas essa perplexidade não é nova, já o velho Procusto Marx, ao analisar a Revolução de 1848, na França, deparou-se com a contradição: como os mesmos soldados que faziam a revolução em fevereiro reprimiam-na em julho? O que acontece para que os mesmos, e, de ve-se insistir por que eram fisicamente os mesmos, com nome e sobrenome, tivessem esse comportamento inexplicável. Como numa longa receita a ser realizada por etapas, reservemos a palavra inexplicável, explicável, explicar, explicação.

Mas, qual a tese que defendo? Simples. A de que o povo não é louco. A de que o seu comportamento, hoje, em 1848 ou em 1963, faz sentido. De que o sentido do comportamento não é o que alguns analistas de hoje, a exemplo do autor do 18 Brumário, procuram dar. O comportamento humano já tinha sentido antes das luzes ou do socialismo. Naturalmente, o sentido, é preciso procurá-lo e, não como os herdeiros dos philosophes, gritar que o rei vai nu simplesmente porque não traja os ouropéis da consciência, inventada por aqueles que acham possível mudar o mundo e suas realidades psíquicas e institucionais, em nome de algo tão frágil e recente: la raison.

Não pretendo, como o inglês, personagem de Corba o grego (a referência é para o filme e não para o livro, que não li) terminar por simplesmente me render ao encanto ou horror dos costumes existentes e, me conformando com a crueldade, baixar à praia e comer meu cabrito assado e beber meu vinho, enquanto aprendo meus passos de dança. O que eu quero é perceber o sentido que a ação tem para o outro e, ser capaz de compreen

dê-la e compreendê-lo. A tese é a tentativa de apreender uma lógica do vivido contra o aparente absurdo da realidade quando nos atemos a uma idéia de razão: o povo (o termo vago é fruto de escolha e não de imprecisão) já é dominado, humilhado, ofendido, famelizado e ainda por cima pretende-se exigir que seja coerente ou, pior ainda, que tenha a nossa coerência. Coerência, razão, o que tem essas idéias a ver com nossa vida profunda, sofrida, sentida? Com o fundo de nosso estômago, com o vão de nossas pernas, com as ausências e presenças. Afinal de contas é por aí que passam as idéias do povo, como de resto também as nossas, tudo o mais é apenas a filosofia da burguesia triunfante, agonizante ou travestida.

Quando vejo tapes, filmes ou fotos da doença e do enterro de Tancredo Neves, quando vejo fotos do enterro de Getúlio Vargas, da greve de Osasco em 1968, da Marcha com a Família com Deus e pela Liberdade, quando vejo na televisão populares sendo entrevistados sobre as motivações passadas ou futuras de seus votos ou então quando trabalho com a memória e me lembro do bairro do Catumbi, do morro de São Carlos da minha infância, das idas ao mercado da Praça 15 com minha avó, dos bondes "taioba", como eram chamados os bondes de segunda classe no Rio de Janeiro, quando me lembro do jogo de bicho no Ponto Cem Réis na Rua Itapiru, quando lembro das pessoas depois da derrota do Brasil na Copa de 1950, quando lembro todas as caras, todas as cores, todas as vozes, dos choros, dos risos, dos olhares, então eu compreendo. Compreendo o Afanásio e o Luíla, o Jânio de 1961 e todos os outros Jânios, o Brizola e o Carlos Lacerda em 1962, compreendo novamente o Brizola vinte anos mais tarde, as explosões e o conformismo e percebo que tudo isso, toda essa história recente que é também a minha história, tem sentido. Que eu sou capaz de entender, embora não saiba talvez explicar. E percebo também que a maior parte dos que

tentaram explicar não compreenderam nada. Que tentam sempre conformar a realidade, seja ao esquema das classes sociais, seja às determinações da falsa consciência, seja à traição, à manipulação etc.. Esses esquemas apenas negam o real, complexo e multiforme que pede muito mais para permitir uma das possibilidades de desvendamento.

Afanásio, respondendo a um jornal (Folha de São Paulo, 08/12/86) sobre se não achava contraditório o fato de ter tido os mesmos eleitores de Lula, declarou: "Só em termos partidários. Veja só: o Lula trabalha pelos trabalhadores. Ele é um líder. Tem carisma. Eu acho que essa grande votação é porque os trabalhadores acreditam nele, no que ele fala, conhecem o trabalho dele. O mesmo aconteceu comigo: são pessoas que se identificam com o que eu falo, conhecem o que eu faço. Então, é natural". Aí estão as palavras: carisma, acreditar, identificar... Podemos criticar as classes populares por votar assim de forma tão pouco racional? E nós, por onde anda a nossa consciência racional? Ou não será a política sempre em toda parte, em todos os lugares sociais, paixão? De resto, da ciência à religião, passando pela política e pelos negócios, como já mostrou Max Weber, a vida social é toda movida pela paixão, tudo é paixão, tudo são deuses, diziam os antigos. Tudo. Da nossa fome à nossa foda. E nosso voto? E o do povo? E nossas escolhas? E a consciência de classe? De onde vem tudo, senão da paixão? Senão do amor, senão do ódio?

"Le chagrin et la Pitié", filme documentário sobre a Resistência na região do Maciço Central na França, a Auvergne, entrevista com um ex-partisan. Armas na mão contra o inimigo estrangeiro. Ato de resistência, ato de consciência. Como entrou para a resistência? Um dia, conta ele, fui a um restaurante, em Clermond Ferrand, se não me engano, já faz tempo que vi

o filme, pedi um bife, prossegue o informante do filme, o garçon me disse: não tem bife. Pouco depois, senta-se a meu lado um soldado alemão que pede um bife e vem. Como é possível que tenha bife para o boche e não tenha para mim? Resolvi entrar para a Resistência. Um exemplo, uma exceção, um caso? Um para digma?

São Paulo, 1965, noite chuvosa, estou num taxi na Rua Rego Freitas. O circo de Moscou está de visita à cidade. O chofer tenta puxar conversa sobre o circo. O aparelho repressivo não tinha sido montado ainda, porém é ditadura, já ocorrem prisões arbitrarias. Não quero falar do circo, nem de Moscou, nem da Rússia. Entretanto, mesmo assim ele insiste: "Se o senhor não foi, então não viu um urso que tem lâ, sabe fazer de tudo, é impressionante. Pelo que o urso faz, a gente imagina do que é capaz aquele povo. Capacidade." Pelo dedo o gigante, pelo urso o povo, pelo bife o partisan. O voto pela paixão. Pe los lugares da paixão passa a consciência. Não ao paternalismo da razão.

1.1.2- O OBJETO DA TESE

Há uma coisa que sempre me embaraça enormemente, todas as vezes que falo com colegas sobre a minha tese. Eu ja mais consegui responder, senão depois de me engasgar e dar vãrias voltas até chegar ao ponto propriamente dito, àquela que é, no entanto, a mais simples das questões: "Sobre o que é sua tese?" Se faço uma tese sigo um modelo, utilizo uma linguagem, me submeto a um ritual. Sobre o que, então é a tese que apresento? Se eu fizesse Sociologia na terceira pessoa, a resposta, como todas as respostas nesse caso, seria simples: sobre os estudantes universitários no período de 1945 a 1964; sobre os empregados na indústria hoteleira na Bahia; sobre a cultura material dos Tukano, sobre as prostitutas em Copacabana, sobre a política externa brasileira em relação aos países árabes na década dos sessenta, e assim por diante.

Num caso como o meu, em que o narrador está constantemente interferindo, cabe a pergunta: de que falo, de onde falo, de que falo escrevo. Sou a primeira pessoa, sou a terceira pessoa, sou a primeira que fala da terceira. Então onde me situo? Que lugar é esse ao mesmo tempo dentro e fora? Olho para meu trabalho, olho para meu umbigo, olho para meu falo. Falo. Então, o objeto de minha tese não são os operários da Arco Íris? Então, de sujeito eu viro objeto. É sobre mim a tese? Que tese? Madame Bovary. Para que serve então a pesquisa? Para que servem as entrevistas com os operários?

A tese é sobre a fábrica Arco Íris, a tese é sobre os operários da fábrica, a tese é sobre uma visão dos operários: o marxismo tropical, a tese é sobre outras visões dos operários que pretendendo se lhe contrapor, aceitam, entretanto lutar em seu campo e com suas armas: as noções de classe,

consciência, razão. A tese fala de minha geração, da geração antes da minha, de nossas visões. A tese fala de mim enquanto parte desse mundo. Sobre tudo isso eu quero falar e sobre isso eu estou falando o tempo todo, embora por vezes tenha-se a impressão que falo ora sobre uma, ora sobre outras coisas.

É um estudo de caso de uma fábrica e do grupo operário. É um estudo sobre atitudes e consciência desse grupo operário no quadro das vésperas da Revolução de 1964. É um estudo sobre o impacto da política populista e da propaganda dos setores que iriam se aglutinar para dar o golpe sobre os operários em São Paulo. É um estudo sobre os estudos sociológicos antes de 1964, e depois também. É um estudo de meu próprio itinerário intelectual.

1.1.3- OBRA INACABADA, OBRA INACABÁVEL

Tinha diante de mim algumas entrevistas, tabelas, anotações de campo e alguns escritos, uma tese inacabada. A primeira idéia que tive era óbvia: tentaria aproveitar a parte já redigida que fosse mais descritiva e reescreveria completando a parte mais propriamente interpretativa. Cedo, porém, percebi ser esse propósito irrealizável. Logo compreendi que o trabalho não era inacabado mas inacabável. Tentar acabá-lo, redondo, seria um absurdo tão grande quanto o de uma das administrações de Barcelona que pretendeu terminar a Igreja da Sagrada Família, que Gaudi deixara inconclusa. As obras não davam certo porque o projeto era inacabável. Compreendi também que não haviam sido apenas as condições difíceis da vida no exílio que me haviam impedido de lá concluir meu trabalho. Não havia como reescrever minhas páginas escritas, a única coisa que eu podia fazer era escrever sobre elas. Por que essa impossibilidade? Simplesmente porque eu não conseguia recuperar a inocência, a ignorância e o verdor de meus 23 anos, quando a pesquisa foi feita, como ainda hoje continuo não podendo, como não posso também recuperar as certezas de meus 31 anos, de quando datam outros escritos que tinha diante dos olhos quando me pus ao trabalho final. Agora eu vejo com clareza o que o agora me possibilita ver. Só agora eu sei que afinal o objeto de meu estudo não era apenas o que eu pensava ser: a fala operária, mas também a minha surdez.

Então, o trabalho fica propositadamente inacabado como as estátuas da última fase da escultura de Michelangelo. A tese inacabada, testemunho de minha dor, de meu fracasso, como o artista que apesar da perfeição da forma é incapaz de dar vida à pedra. Afinal, o Moisés não falou. Quando juntos, os materiais diversos, o objeto e o momento, aquele ou este, formam

um bloco s \tilde{o} , parte esculpido, parte mat \tilde{e} ria bruta. Aqui fica evidente, e os perfis oper \tilde{a} rios a \tilde{i} est \tilde{a} o para nos gritar isso, que o pior cego \tilde{e} aquele que n \tilde{a} o quer ouvir. Como foi poss \tilde{i} vel que eu (respondo apenas por minha surdez que, entretanto, nunca foi excepcional) n \tilde{a} o tenha percebido o erro das interpretaç \tilde{o} es contempor \tilde{a} neas da pesquisa que insistiam sobre alianças pol \tilde{i} ticas impossibilitadas j \tilde{a} havia muito tempo (Weffort 1972, Almeida 1975 e Loyola 1973). Sim, os oper \tilde{a} rios realmente n \tilde{a} o tinham consci \tilde{e} ncia de classe, por \tilde{e} m o absurdo de tal concepç \tilde{o} de consci \tilde{e} ncia fica patente nas falas oper \tilde{a} rias. Quando mais tarde, em 1972, eu retomo o material, posso ter uma vis \tilde{a} o cr \tilde{i} tica, sou levado a acertar pelas raz \tilde{o} es erradas, por outra surdez, por tentar mais uma vez impor um molde ao real, desta vez uma vers \tilde{a} o maoista-guevarista da sabedoria popular (longe, muito longe do Vietnam). Hoje, eu me pergunto, como pude acreditar nisso (a \tilde{e} nfase vai toda para a palavra acreditar). Mas ao mesmo tempo eu n \tilde{a} o posso negar que acreditei. N \tilde{a} o posso cancelar essa parcela da soma, ainda que provis \tilde{o} ria, que sou. Estou, todos estamos, lendo o passado com a perspectiva do presente, que ser \tilde{a} , por sua vez, lido, ele e sua leitura, a partir de um ponto de vista que n \tilde{a} o sabemos. Como dizia Weber, n \tilde{a} o podemos ter a pretens \tilde{a} o de saber o futuro ou dizer \tilde{a} s geraç \tilde{o} es vindouras o que fazer. Uma coisa n \tilde{o} s podemos entretanto, ver os erros de nosso passado, podemos torn \tilde{a} -los evidentes para n \tilde{o} s e para todos. E, ao fazer isso, ajudar a que todos possam tamb \tilde{e} m ver e a pensar o passado, n \tilde{a} o apenas a partir do que se \tilde{e} hoje, por \tilde{e} m, n \tilde{a} o escapando da condiç \tilde{a} o de tempo presente, essa jaula que nos prende com barras s \tilde{o} de um lado, porque pelo outro vamos nos apossando do futuro a cada instante, sem escamotear do que fomos. Ao tratar o pret \tilde{e} rito do presente, devemos ter em mente que o passado s \tilde{o} \tilde{e} passado porque por um momento foi presente e nesse sentido todos os futuros eram poss \tilde{i} veis e n \tilde{a} o apenas o que aconteceu. Ao fazer esta tese da maneira como fa

ço (como seria mais fácil mostrar simplesmente a partir da riqueza de meu material como todos os outros autores foram cegos em não perceber como o futuro já estava inscrito naquele passado) eu formulei um convite. Vamos, vamos todos recuperar esses tempos da ditadura, vamos tentar nos pensar, nos compreender como éramos naquele tempo. Não é por terem sido tempos de trua e de mentira que devemos hoje ter de nós uma imagem falsa e piedosa. Perspectivas, ponto de vista, Weber à saciedade, tudo bem. Não é por alguém ser radical socialista, hoje por mais radical e socialista que seja, que poderá apagar da memória os tempos em que era um pensador da tecnocracia. As pessoas não são coerentes desde sempre, apenas na Enciclopédia Soviética, e mesmo essa, tempo houve em que precisava ser refeita todos os anos. Também me causa estranheza ver a descrição da batalha da Rua Maria Antonia e do incêndio subsequente do prédio da velha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, feito por alguém que, na ocasião dos acontecimentos, estava na França. Nesses momentos, e são só dois exemplos entre tantos outros, vejo que a ditadura foi vitoriosa, conseguiu nos inculcar esse espírito de falsidade. A ditadura está em nós, ela está no fundo de nós, debaixo de nossa pele, dominando nossa voz.

Para minha tese eu tinha além da aludida possibilidade de do só eu vi o que ninguém viu, outra possibilidade, deixar tudo de lado, jogar fora os dados, os escritos e ir fazer outra coisa: pesquisar os hábitos alimentares dos lituanos de Vila Alpina, ou a vida sexual dos migrantes rurais na grande metrópole e assim por diante. Porém, abandonar seria abandonar a possibilidade, abandonar as veredas que eu via se me abrirem e ofertarem como a máquina do mundo ao poeta. Por que então não ter esse foco ampliado e realizar uma tese sobre os intelectuais do populismo à ditadura, ou então sobre a evolução do pensamento brasileiro. É importante frisar que essas questões eu

não poderia pensar independentemente do material de pesquisa da fábrica Arco Íris. Foi na medida em que eu refletia sobre a pesquisa feita, e, como dizia Fernando Henrique Cardoso, procurava fazer com que o ângulo reto fervesse a 90°, é que fui capaz de pensar todo esse percurso. É por isso que tudo vai junto, porque qualquer coisa seria incompreensível sem a outra. Talvez, mesmo eu, preferisse uma pantera ou um leopardo, mas aí está um ornitorrinco, um ornitorrinco alado.

1.2- VINTE ANOS DEPOIS

O trabalho que hoje apresento baseia-se em uma pesquisa realizada em 1963 no quadro da antiga Cadeira de Sociologia I da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e do hoje extinto Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho, subordinado àquela Cadeira. Para melhor explicitar o que me proponho a fazer hoje é necessário remontar ao início dos anos 60 e aos projetos que então animavam Florestan Fernandes, Professor Catedrático da referida Cadeira, e Fernando Henrique Cardoso, diretor do CESIT e, por conseguinte, de todos aqueles que trabalhávamos na cadeira e no centro.

Graças a uma doação feita pela Confederação Nacional da Indústria (devida principalmente a Fernando Gasparian, um de seus diretores) e a recursos provenientes do Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto foi criado o CESIT. O projeto de Florestan Fernandes era, através de pesquisas empíricas, conhecer melhor a realidade da industrialização no Brasil para ser capaz de atuar sobre o processo de desenvolvimento (Fernandes, 1963). O conhecimento sociológico dessas situações parecia também importante em um outro sentido: "A própria Ciência tem, assim, muito a ganhar com o conhecimento positivo das situações histórico-sociais que se afastem do "tipo normal", em aspectos relevantes para a manifestação de fenômenos essenciais. Parece certo que as descobertas daí resultantes irão permitir a compreensão e a interpretação adequadas dos mecanismos que regulam a expansão da economia capitalista, da sociedade de classes e do regime democrático nos países subdesenvolvidos (Fernandes, 1963).

O plano inicial comportava um grande survey sobre a empresa industrial em São Paulo, que deveria ser completado pe

lo estudo de quatro grandes temas: a) a mentalidade do empresário industrial; b) a intervenção do Estado; c) a mobilização da força de trabalho; e d) os fatores societários residuais do crescimento econômico do Brasil. Desses, os dois últimos temas jamais passaram do estágio de anteprojetos; os dois primeiros resultaram respectivamente nos livros de Fernando Henrique Cardoso, Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico (Cardoso, 1964) e de Octávio Ianni, Estado e Capitalismo (Ianni, 1965). Todo o projeto inseria-se em uma colocação em que o desenvolvimento econômico é considerado um objetivo desejável, e que além de obstáculos de ordem política e econômica para sua plena realização há outros de ordem sócio-cultural, para a superação dos quais a Sociologia pode ser utilizada. "(A análise sociológica) serve para apontar o grau de adequação ou de inadequação da estratégia a ser seguida, praticamente, onde a vitalidade do crescimento econômico não é bastante forte para romper com o peso morto do passado" (Fernandes, 1963).

No que se refere ao estudo da empresa industrial em São Paulo, o plano previa um levantamento tipo survey em trezentas empresas industriais divididas em três categorias segundo o número de empregados: "A - um endereço para cada 25 fábricas no grupo das empresas de 20 a 99 empregados; B - um endereço para cada 7,5 fábricas no grupo das empresas de 100 a 499 empregados; C - um endereço para cada 2 fábricas no grupo das empresas de 500 ou mais empregados." (Cardoso, 1964). Análises baseadas nesse survey podem também ser encontradas em Rodrigues, 1966, Pereira, 1967 e Pereira 1982.

Depois de completado o levantamento deveriam ser realizados "pelo menos cinco monografias sobre os tipos de empresas industriais selecionadas para estudo intensivo a serem elaborados pelos pesquisadores-responsáveis acreditados nesse pro

jeto" (Fernandes, 1963). Dessas, apenas a monografia, pela qual era responsável Leôncio Martins Rodrigues, chegou a ser publicada, porém já com um plano e escopo diferentes daqueles previstos inicialmente (Rodrigues, 1970). O estudo da Fábrica Arco Iris, que agora apresentamos, era outro dos estudos de caso previstos no plano inicial de Florestan Fernandes. A fase de campo da pesquisa foi realizada a partir de maio de 1963 e, antes mesmo de seu início, um plano mais ambicioso do que um clássico estudo de caso havia sido elaborado. Paralelamente ao estudo de caso, pretendia, por um lado, uma tentativa de elaborar uma crítica da concepção de Sociologia que presidia o plano mais amplo, do qual o estudo de caso era parte. Por outro lado, pretendia realizar um estudo mais aprofundado do grupo operário. Na verdade, muito influenciado pela leitura de Luckács, era o tema da consciência de classe que me interessava, ou melhor, da distância entre a consciência empírica e a consciência possível.

Durante a fase de coleta de dados, pude contar com a colaboração de duas auxiliares de pesquisa, graças a um financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Uma vez completada a coleta de dados para o estudo de caso da empresa e do grupo operário, procedeu-se à tabulação dos dados de natureza quantitativa durante os primeiros meses de 1964. Pensávamos voltar aos informantes com os quais havíamos realizado entrevistas em profundidade, em número de 32, para estudar melhor alguns aspectos das questões levantadas. Entretanto, a 31 de março ou primeiro de abril, tempo houve em que o simples enunciado da data em que se deu o movimento militar já era suficiente para situar politicamente uma pessoa, teria início um processo que além de afetar profundamente a fi

sionomia do país, teria também repercussões imensas na Universidade e afetaria de maneira definitiva tanto os projetos da Ca deira de Sociologia e do CESIT quanto os meus próprios. Ainda no mês de abril, foi procurado pelo aparelho repressivo em fase de estruturação o diretor do CESIT, Fernando Henrique Cardo do, que depois de algum tempo optou por deixar o país, para on de só voltaria em 1968. Era o primeiro episódio de um longo processo que mudaria os destinos da Sociologia na Universidade de São Paulo e também os destinos pessoais de muitos de nós. Muitos anos depois, conversando com Antonio Cândido, referiu-me ele que ao se iniciarem as perseguições aos professores da USP, ele já predissera que no início apenas seriam demitidos, depois seriam presos e finalmente seriam torturados. Hélas foi exatamente o que aconteceu. Depois do exílio de Fernando Henri que foi a prisão de Florestan Fernandes, quando de sua corajo sa carta ao major que presidia o IPM (Inquérito Policial Mili tar) instalado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Fernandes, 1977).

Não havia mais verbas para a pesquisa, porém mesmo se fosse possível em alguns casos trabalhar com os recursos de bordo, ninguém naquele momento daria uma entrevista onde as questões políticas tinham uma importância muito grande. A pesquisa não pode ser completada como pretendia. Entretanto, graças à insistência e estímulo de Florestan Fernandes redigi e defendi minha tese de mestrado, ainda então chamava-se especia lização (Vouga, 1964) e dediquei-me ao ensino, deixando dor mir nas gavetas o material recolhido na Fábrica Arco Íris.

Em 1966, Perry Anderson esteve no Brasil recolhendo material e redigindo um trabalho sobre o populismo e seu ocaso na revolução de 1964, trabalho esse que afinal nunca publicou (Anderson, s/d). Suas exposições, as discussões que a elas se

seguiam e longas conversas, onde a teoria e a cerveja sempre estavam presentes, motivaram-me a retomar o material, ainda que incompleto, e a reformular o plano de estudo a que me havia proposto. Refiz a tabulação inicial, construí quadros, calculei porcentagens, porém cada vez que principiava a análise, sentia que me faltava uma armadura teórica mais sólida. Uma visita de Alain Touraine ao Brasil em 1967, na qual tivemos uma conversa, decidiu-me a pedir uma bolsa para realizar um estágio junto ao Laboratoire de Sociologie Industrielle, por ele dirigido na época.

Viria a embarcar para a França em dezembro de 1968, como bolsista do Centre Internationale des Stages, do Ministério da Cooperação Técnica. Mais uma vez, porém, a História, entrando pela academia, vinha modificar meus planos. O que mais tarde viria a ser consagrado com o nome de "os acontecimentos de maio" ("les événements de mai"), porque parecia ser um ponto neutro entre a "chienlit" (talvez mazorca fosse uma tradução possível) do General de Gaulle e a revolução libertária (sous le pavé la plage) de todos os esquerdistas, viria a atrasar minha partida que deveria ter-se realizado em outubro, porém o ano universitário ficou retardado, em virtude do que acontecera na Universidade e fora dela.

Entretanto, no Brasil também tínhamos vivido nosso maio, em parte em junho, com as passeatas estudantis e a mobilização da Universidade, ou pelo menos de significativa parte dela, principalmente em São Paulo e no Rio, nosso julho com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Rua Maria Antonia ocupada, a desmobilização causada pelas férias de inverno, a radicalização das lideranças estudantis influenciadas pelos mais diferentes teóricos dos mais diversos grupúsculos, já era, na verdade, o início do processo de luta armada. Finalmente che

gou agosto, os grupos paramilitares, a política do governo do Estado (quem a controlaria, o comando do II Exército ou o liberal Abreu Sodré?) depredaram e incendiaram nossa Faculdade, que tinha um valor simbólico de resistência, temendo provavelmente uma reaglutinação do movimento estudantil com o reinício das aulas. Nosso maio não foi de primavera, mas sim do outono estalinista das organizações de esquerda, prenúncio do inverno de nosso desgosto, da repressão, do medo, do silêncio cúmplice, da tortura.

Parti para Paris no dia 9 de dezembro de 1968, em busca de uma teoria e de um recuo. Quatro dias depois, soube pelo porteiro de meu hotel em Montparnasse, que algo importante ocorrera no Brasil. Era dia 13 de dezembro de 1968, eu fazia 28 anos, me sentia velho e mal na pele. Só no dia seguinte, com a leitura do Le Monde, soube que se tratava do Ato Institucional nº 5, chamado depois de "o golpe no golpe", glosando o título do livro do teórico Régis Debray.

Meu período como bolsista em Paris foi de grande importância intelectual, porém por motivos diferentes daqueles que me levaram a pedir a bolsa e a me afastar de minhas atividades na USP. O que naquele momento mais interessava a Alain Touraine, como a grande parte dos intelectuais franceses e eu ropeus de modo geral, era ser capaz de compreender de uma maneira integrada aquilo que se passara em maio de 1968. Touraine reformulava seu esquema teórico, que viria a resultar, anos mais tarde, no livro Production de la Société (Touraine, 1973). Além do seminário de Touraine, eu participava do Seminário sobre a América Latina, dirigido por Daniel Pécaut. de outro sobre os movimentos nacionais no terceiro mundo, dirigido por Anouar Abdel Malek, todos no quadro da VI Section da École Pratique des Hautes Etudes; seguia também um curso de Nikos Poulantzas so

bre o fascismo e a Internacional Comunista, em Vincennes, onde o governo do general De Gaulle teve o cuidado de cantonar toda a extrema esquerda da universidade sob a polícia de um reitor membro do Partido Comunista. Maoístas, trotskistas e outros esquerdistas menores degladiavam-se a propósito de qualquer coisa. Qualquer asneira era transformada em um conceito importante, sempre apoiado em textos de Lenine, Troski, Lin Piao (quem ainda se lembra quem foi?), Gramsci, Mao Tsé Tung ou Marx Pai ele próprio. Em Vincennes, imensa quermesse de mercadorias e de idéias, as pessoas pareciam não perceber o essencial: maio terminara e o país voltara à normalidade. Corria a guerra do Vietnam, a Revolução Cultural Chinesa ainda não parecia ter chegado à sua fase descendente e Cuba acendia, junto com os braseiros da guerrilha e da repressão, as esperanças de uma unidade chamada América Latina que, cegos e surdos, pensávamos ser uma realidade geográfica e cultural e não um mero recurso da política externa cubana em seu complexo jogo entre as potências.

Entretanto, em março de 1969, é desferido o golpe mais rude no setor de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. São aposentados compulsoriamente, com base na legislação decorrente do AI 5, Florestan Fernandes, a quem eu estava diretamente subordinado, pois era Assistente da Cadeira por ele dirigida; Fernando Henrique Cardoso, que tendo sido, durante o ano letivo de 1967/1968, professor da Universidade de Nanterre (onde maio de 1968 começou em abril) entrementes voltara ao Brasil e vencera o concurso para a Cadeira de Política; e Octávio Ianni, livre docente de Sociologia.

Apesar desses acontecimentos, prolonguei meu estágio na França, tendo obtido a prorrogação de minha licença e a renovação da bolsa para o ano letivo de 1969/1970. Durante os

dois anos que passei na Europa, estudei muito, refiz minha ca
beça, percebi que para compreender todas as coisas entre o céu
e a terra, na rosa dos ventos da diversidade, eu precisava de
muito mais do que da filosofia social de que dispunha e agora
percebia vã.

Acho que foi apenas durante essa minha estadia na
França que comecei a tornar-me plenamente sociólogo. Para isso
contribuiu enormemente o fascínio exercido por Alain Touraine
nas aulas, verdadeiros espetáculos dramáticos, bem como nos es
critos teóricos e análises de situações concretas. Também as
longas conversas que tive com Pierre Clastres onde, graças ao
sentido provocador e polêmico de suas posições, eu, aos poucos,
ia formulando com mais clareza meu desencantamento, minhas dú
vidas.

Porém, sobretudo havia a Europa. Nunca tinha tido,
até então, aquela sensação aludida por Sérgio Buarque de Hollan
da de ser um exilado em meu próprio país. Depois de alguns me
ses, entretanto, fui verificando que todo meu equipamento inte
lectual, todos os meus conceitos, toda minha sensibilidade di
ziam respeito àquele mundo e não ao de onde eu provinha. Ao
mesmo tempo, porém, eu percebia que nunca poderia compreender
o mundo donde vinha, a partir de qualquer conceituação ou teo
ria que não procurasse vê-lo como parte integrante das socieda
des modernas que tinha diante dos olhos. Durante alguns meses,
poucos, acariciei o projeto de escrever um livro para dizer co
mo esses meus olhos europeus virgens de Europa viam esse mundo
a que pertenciam, porém que nunca tinham vivido. O projeto nun
ca foi adiante, em parte, creio, pela falta de um gênero lite
rário em que se inserisse. Alguns anos mais tarde, Alain Tou
raine, ele mais uma vez, com a publicação de Vie et Mort du
Chili Populaire (Touraine, 1973) inventou o gênero de que eu

precisava: chamou-o "journal sociologique" (diário sociológico, poderia traduzir), mas já então eu estava muito longe desse projeto e sobretudo seria incapaz de recuperar o não-saber essencial para o empreendimento.

Voltei ao Brasil e ao Departamento de Ciências Sociais em novembro de 1970. Não sabia como integrar tudo que aprendera e utilizar esse conhecimento para a análise do grupo operário da Fábrica Arco Íris, centro principal de meu interesse. Tinha, entretanto, muito presentes diversas anotações de aula e de seminários de Alain Touraine que me indicavam de qualquer forma que minha empreitada teórica lukacsiana era, do ponto de vista sociológico pelo menos, sem sentido. Cito como exemplo algumas dessas idéias que me impressionaram nos seminários das quintas-feiras da Escola Prática, contidas em publicações posteriores: "É inconcebível separar o papel da consciência e, especialmente, a classe da consciência de classe. Falar de uma classe sem consciência de classe deveria ser considerado um contrasenso. Mesmo que esta consciência esteja mesclada com outras consciências de papéis ou por elas recoberta, ela deve existir" (Touraine, 1982), ou então de forma muito enfática "(...) il faut dire avec force qu'il ny a pas de classe sans conscience de classe..." ou mais adiante, na mesma obra: "Le sociologue ne peut pas concevoir l'existence de classes sans conscience de classe, de la même manière qu'on ne peut pas de finir un statut sans rôles" (Touraine, 1973).

Reinteguei-me no Departamento de Ciências Sociais da USP; a antiga estrutura de Cadeiras fora modificada por uma Reforma, o que tornava mais fácil o trânsito entre várias áreas no interior de um mesmo Departamento, e fui convidado por Francisco Weffort para colaborar em um curso na área de Política. Entretanto, outros acontecimentos, estranhos à atividade acadêmica, vieram modificar mais uma vez meus projetos. Não tive

tempo de retrabalhar meu material de pesquisa. Cheguei ao Bra
sil em novembro de 1970, fui preso pelo DOPS de São Paulo a 30
de janeiro de 1971. Todos aqueles que de 1968 a 1979 viveram
no Brasil e já tinham atingido a idade do discernimento conhe
ceram diversos relatos aos quais se assemelharia o meu: por is
so, apesar de tudo que se passou na ocasião ter tido uma gran
de importância no meu crescimento intelectual, indico aqui de
forma telegráfica o que aconteceu: detenção, pilhagem de resi
dência, tortura, prisão, comprovação do engano, audiência com
o juiz militar, soltura. Fui feliz, todo o processo durou ape
nas três meses.

Depois, a procura da dignidade. Como não era um mili
tante político e estava tomado de uma imensa indignação moral
e acreditava que tinha direito à busca da felicidade, só via
um caminho: sair do país.

Voltei para a França. O que sobrara de meu material
de pesquisa me acompanhava. Com o confisco de meus bens e pa
péis, muita coisa se perdeu - livros, anotações pessoais e gran
de parte dos questionários da pesquisa da Fábrica Arco Íris.
Quando o DOPS devolveu a parte que consegui recuperar de meus
pertences, estes estavam empilhados em um canto, tendo sobre
eles um papel rabiscado onde se lia: "sem interesse" (anexo 3).
Como se vê, os critérios de interesse da polícia eram muito
diversos dos meus. Com a perda dos questionários uma limitação
suplementar veio somar-se a meu trabalho: tinha de me restrin
gir aos quadros já montados, não poderia fazer novas tabula
ções. Por sorte eu tinha as entrevistas em profundidade bati
das em mais de uma cópia, de tal forma que foi possível recons
tituí-las integralmente. A tese, de qualquer forma, deixou de
ser para mim uma necessidade premente. Premente era sobreviver
com as dificuldades que tantos que optaram por viver fora do
país, ou a isso foram obrigados, tão bem conhecem. Como não

queria deixar totalmente de lado a vida acadêmica, fiz minha inscrição para doctorat de 3ème cycle sob a orientação de Alain Touraine, de quem continuei a seguir o seminário das quintas-feiras nesse ano de 1971/1972, como também o faria em 1972/1973, 1973/1974, 1974/1975.

Em 1972, graças a uma apresentação de Alain Touraine, fui convidado por Maurice Chaumont para com ele trabalhar no Centre pour l'Etude du Changement Social na Universidade Católica de Louvain. Dois dias por semana eu passava na Bélgica entre os seminários internos do Centre e os seminários para alunos de graduação na área de Sociologia do Desenvolvimento. As viagens de trem, eu aproveitava para terminar de preparar minhas aulas, os pernoites no seminário austero e desafetado (a crise das vocações), o contacto com o latinoamericano, com belgas de boa vontade, com africanos, sobretudo guineenses e caboverdianos, discretos militantes de PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), cujo líder, Amílcar Cabral, parecia constituir uma esperança para toda a África, e cujo assassinato certamente não foi produto apenas do serviço secreto português. Isso tudo e mais a amizade e a solidariedade de Maurice Chaumont e Guy Bajoit, os seminários sobre a teoria da dependência, os seminários e acaloradas discussões sobre a teoria acionalista de Touraine, tudo isso marcou de maneira muito produtiva meu tempo belga.

Às vezes eu repensava "minha" fábrica e "meus" operários. Periodicamente tinha de fazer relatórios de atividade para a Universidade de Louvain ou para o CNRS (Centre National pour la Recherche Scientifique) de onde era pesquisador. Nesses relatórios existia sempre uma rubrica "pesquisas em andamento", onde dava conta daquilo que paquidermicamente e sem coração eu ia fazendo com relação à pesquisa da Arco Iris. Não só a fábrica, mas também o Brasil estava muito distante e inte

ressava pouco. Eu começava a compreender mais profundamente a Europa (a França principalmente, mas não só) e isso era para mim fascinante e prioritário. A experiência da prisão, as conversas com os companheiros, a volta a Paris, as pessoas com as quais convivia, os acontecimentos que se sucediam no plano mais geral, tudo deixava cada vez mais claro para mim que na prática, como diz Millor Fernandes, a teoria é outra. Às vezes ainda me preocupava em descobrir qual seria a teoria, cada vez mais raramente, é verdade.

No verão de 1973, assim como tantos brasileiros que estavam fora do país por motivos mais ou menos políticos, não obtive a renovação de meu passaporte, apesar de nunca ter havido por parte do consulado brasileiro em Paris uma recusa formal. Mais profundamente o exílio ia-se instalando em mim. Eu não entendia o que se passava; afinal de contas, eu havia sido absolvido no processo que me fora movido depois da prisão e essa sentença já fora confirmada pelo Superior Tribunal Militar. Os diplomatas brasileiros - alguns envergonhados, outros agressivos - não davam, não tinham talvez, nenhuma explicação. Foram meses de luta, de idas quase diárias ao Consulado na Avenue des Champs Elyseés, de espera, de olhares, de humilhações. Finalmente, foi-me concedido aquilo que na gíria do exílio ficaria consagrado com o nome de "ficaporte", ou seja, um passaporte válido apenas para o país onde já se estava, e no meu caso particular, esse documento tinha a validade de apenas três meses. Tal era a situação, que pensei em voltar ao Brasil no inverno de 1973/1974; fui, porém, dissuadido por amigos: seria preciso no próprio aeroporto, pois sem passaporte teria de viajar com um salvo-conduto especial, e depois qual seria meu destino?

Não voltei, e essa foi uma época terrível. Eu não queria pedir asilo político na França, porém minha situação mar

chava rapidamente para um impasse. Eu precisava renovar minha permanência na França, e para isso precisava de um passaporte. O "ficaporte" possibilitou jogar o problema para mais tarde, mas, até quando? Foi um inverno difícil. Nessas situações, qua se sempre chegam os marines ou a cavalaria do exército, mas em abril, em meio à primavera, foram os blindados do Movimento das Forças Armadas com os capitães que chegaram a Lisboa. A ale gria que tive foi imensa, e novas perspectivas pareciam se abrir. Conhecera Portugal em 1969, já no consulado marcelista, e gostara do país e das pessoas, apesar do ar soturno de alguns e da ausência quase total de jovens. Além disso, como filho de pais portugueses, tivera sempre uma grande identificação e atração pelo país. Logo depois da Revolução dos Cravos, queria ir para Portugal, mas, sem passaporte, como fazer? Mesmo que a entrada em Portugal fosse fácil (as fronteiras quase não ti nham vigilância), como fazer para sair da França? Foi necessã rio esperar algum tempo, mas finalmente a amizade e a generosi^{dade} de alguns portugueses tornou possível minha ida a Lisboa em dezembro de 1974.

Viajei com um amigo, sociólogo, que trabalhava em Pa^{ris} há vários anos e tinha o projeto de realizar um estudo so bre a descolonização da África portuguesa no momento mesmo em que esta se estava dando (Las Casas, 1974). Ele convidou-me pa ra tomar parte no projeto e nossa ida a Lisboa relacionava-se com esse empreendimento. Fizemos contatos com universitários, com militares, com políticos, com representantes dos movimen tos ou partidos que lutavam pela independência das colônias, com representantes da todo-poderosa Fundação Gulbenkian. Nesse momento, nós não percebíamos ainda todas as implicações e a extensão dos interesses envolvidos no processo de transferência de poderes da antiga potência colonial para os governantes das novas nações. Só mais tarde viríamos a perceber o porque das dificuldades, justamente com aqueles grupos ou setores que em

princípio pensávamos que pudessem ter interesse na realização do estudo. Sua não realização foi uma perda irreparável, pois independentemente do valor que o mesmo viesse a ter, perdeu-se a oportunidade de realizar "a quente" um estudo amplo e de grandes dimensões sobre o tema, e perdeu-se para sempre, pois o império colonial português que se desfazia era um fôssil ainda com vida.

Voltei a Paris com a certeza de que a parte mais dura do exílio tinha passado. Agora havia uma esperança. Quando ficou evidente para mim que a pesquisa sobre a descolonização não se realizaria, comecei a fazer contatos visando minha mudança para Portugal. Entretanto, continuava sem passaporte; por isso, não pedi a renovação de meu contrato em Louvain, pois já fazia mais de um ano que eu estava impedido de ir à Bélgica. Não tenho dúvidas de que a Universidade de Louvain teria renovado, se o pedido tivesse sido encaminhado. O próprio reitor, monsenhor Massaux, algum tempo antes escrevera uma carta ao cônsul brasileiro em Paris, intercedendo em meu favor para a renovação do passaporte.

Assim sendo, entrei o ano de 1975 afastado da vida universitária, afastado, muito afastado de preocupações com a tese, preocupado mais do que nunca em sobreviver até poder reiniciar a vida em Portugal.

Durante o primeiro semestre de 1975, estive em Paris no sentido de cumprir compromissos de ordem diversa e trabalhando uma bibliografia com vistas ao referido projeto sobre a descolonização. Entretanto, as coisas em Portugal mudavam muito rapidamente. A 11 de março de 1975, a pretexto de um golpe de direita (real, imaginário?) os setores mais moderados do movimento dos capitães são alijados do governo. Tratava-se do início do período conhecido como gonçalvismo, do nome do pri

meiro ministro de sucessivos gabinetes, o coronel do exército Vasco Gonçalves. Os cravos murcharam cedo e começava um período de arbítrio e perseguições, cujo desfecho poderia ter sido extremamente grave. Era também, entretanto e paradoxalmente, um período de festas e de nostalgia. Quem viveu o chamado "verão quente" de 1975 nunca se esquecerá, por certo, das assembléias de moradores nas unidades militares, onde as metralhadoras eram deixadas ao alcance de qualquer mão, nem das passeatas e manifestações de rua, nem dos turistas franceses, suecos, alemães, holandeses, andando maravilhados pelas ruas da cidade. Aparentemente respirava-se um cheiro de liberdade, onde nem os sinais de trânsito eram respeitados: os policiais colavam-se à parede para não serem vistos, todos os filmes eram assistidos, todos os livros eram lidos, os soldados andavam barbudos e com os uniformes cheios de bottons hippies contra a guerra e pelo amor, cartazes, fotos, distintivos, auto-colantes com a imagem de Che Guevara abundavam. Podia-se tomar banho de mar nas praias e ninguém se espantava com nada, pois parecia não existir nenhuma regra, nenhuma norma. Havia algo de uma imensa revanche do novo contra o velho nesse país que ficara sufocado por uma ditadura obscurantista e serôdia.

Já vamos ver que aqueles havia que tinham seus planos, que outros havia para quem Portugal não era uma festa. Mas isso eu levei alguns meses para perceber.

A presença maciça de militares em uniforme em todas as ocasiões e lugares em confraternização com o povo nas ruas espantava os meus olhos. Em algumas ocasiões, presenciava cenas que tinha certeza estavam se passando pela última vez, pelo menos na Europa: operários dos estaleiros navais de macacão e capacete de trabalho realizando manifestações de braços dados com soldados e marinheiros também uniformizados, todos escandindo slogans revolucionários que iam desde "A terra a quem

a trabalha" até "soldados, marinheiros, aviadores, sempre, sempre ao lado do povo". Nas ruas e nos jornais era como se todo o povo se matizasse politicamente entre a esquerda, isto é, o Partido Comunista, e a extrema esquerda pulverizada em dezenas de grupúsculos trotsquistas e maoístas, passando pelo luxemburguismo-guevarista e sei lá em mais o que. Estávamos em julho, entretanto três meses antes haviam, a 25 de abril, se realizado as eleições gerais no país, apesar da tentativa feita pelo P.C. de impedi-lo. Depois de 48 anos, realizavam-se as primeiras eleições livres no país; no entanto, o Secretário Geral do Partido Comunista Português declarava, em uma célebre entrevista a Oriana Falacci, que o resultado das eleições não era importante e que a democracia era secundária. Isso porque a votação do Partido Comunista e seus satélites não chegava aos 18% e toda a extrema esquerda reunida não somava 5%.

Eu via a festa, lia os jornais (todos controlados, a partir de um determinado momento, pelo Partido Comunista ou por "companheiros de viagem"), falava com amigos, andava pelas ruas. Atividade febril e agitação, boatos os mais absurdos, dos quais talvez o mais impossível de corresponder a qualquer parcela de verdade foi o de um oficial que chegou esbaforido a uma assembleia de militares com notícias seguras sobre a invasão de Portugal nas próximas horas e que a prova disso seria o fato de uma concentração da esquadra americana em Badajoz.

Em setembro, precisei ir a Paris, onde passei cerca de um mês. Refleti sobre aquilo que vira em julho e agosto, conversei com pessoas, li análises variadas sobre o caminho que estava tomando a Revolução Portuguesa.

Creio que durante os meses de julho e agosto, e depois de outubro e novembro, em Portugal, aprendi muito mais sobre a política do que se tivesse lido centenas de tratados teó-

ricos. Eu sabia, depois de minha estadia francesa (aliás, já mesmo antes de 1968, ainda em São Paulo, eu já começava a ver as coisas com clareza) que o marxismo não só não é a teoria procurada, e uma simplificação excessiva de fenômenos mais complexos, mas às vezes simplesmente uma teoria errada. Porém ainda, realmente o pior intelectual é aquele que por complexo de culpa se recusa a pensar, eu acreditava no marxismo como uma ética inspiradora para dirigir a ação política. Afinal, há dois grandes atrativos no marxismo: faz-nos sentir inteligentes, pois finalmente compreendemos a verdadeira ligação entre os fenômenos, antes obscurecida pelas artimanhas da ideologia burguesa, e faz-nos sentir generosos, pois estamos do lado dos humilhados e ofendidos, dos danados da terra; ainda me estava essa ilusão.

A agitação política ia crescendo em Portugal. Crescia também o fosso entre o aparelho de poder, nas mãos dos militares, cada vez mais controlados pelo P.C., e as forças sociais representadas pelo P.S. mas também pelos partidos de direita (Elementos para uma análise do período em Touraine, 1977). A atuação dos gauchistas era, ela também, subordinada ao P.C., e eu não compreendia o porquê desse grande salto para a frente, sobretudo porque era claro que Portugal era peça fundamental na defesa da Aliança Atlântica (NATO) e que havia certos limites a partir dos quais os Estados Unidos e seus aliados europeus certamente agiriam. O que pretendia o Partido Comunista Português, esse partido mais fielmente obediente à matriz de quantos Partidos Comunistas do Ocidente? Por que conduziu o país à beira da guerra civil, se certamente ele estava proibido de vencê-la? Apesar de tudo o que eu presenciara em Portugal onde, no dizer de amigos socialistas, a não ser comer criancinhas no "pequeno almoço", os comunistas fizeram tudo o que o obscurantismo salazarista dissera que eles faziam, eu procurava uma lógica para a ação dos comunistas dentro do processo

político portugueses. Aí justamente residia meu erro. Os comunistas portugueses não tinham, na realidade, nenhum objetivo político em Portugal, seu objetivo estava alhures. O que pretendiam, e glória aos que são perseverantes para realizar seus objetivos, era garantir a passagem do poder em Angola para o M. P.L.A. (Movimento Popular de Libertação de Angola) como único representante do povo colonizado, movimento esse firme aliado de Moscou, e com isso, por cubanos interpostos, garantir para a Rússia, na prática, um ponto estratégico importantíssimo no Atlântico Sul e ser o substituto de Portugal como potência colonizadora. Realizado o objetivo a 11 de novembro, o P.C.P. insufla os paraquedistas da base aérea de Tancos à revolta e tenta compor com os militares moderados, que respondem a 25 de novembro, levando o país à beira da guerra civil numa manobra tão perigosa quanto irresponsável, que quase entregou o poder às mãos dos setores mais à direita, aliados aos setores que subsistiam do antigo regime.

Depois de uma viagem de dois meses a Paris, estabelecia-me definitivamente em Portugal, em fevereiro de 1976. Ainda nesse ano comecei a trabalhar no Instituto de Formação Social e do Trabalho, instituição privada, financiada por setores das democracias cristãs, alemã e belga principalmente, e que se destinava a formar quadros sindicais e políticos capazes de enfrentar os quadros comunistas em diversas situações. Em um primeiro momento, fui contratado como sociólogo; logo dei cursos sobre o tema do conflito social e depois tornei-me coordenador pedagógico do Instituto, cargo no qual permaneci até voltar ao Brasil.

No ano letivo de 1976/1977, tive uma breve passagem pelo ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) da Universidade Técnica de Lisboa, onde havia um bachequato em Ciências Sociais. Uma diferença de entendimento do

que seria a Sociologia do Desenvolvimento, que eu pensava de forma clássica e outros pensavam que seria o mesmo que uma disciplina intitulada Transição para o Socialismo, levou-me a pedir meu desligamento do Instituto. Nos três anos letivos subsequentes, lecionei Sociologia para os primeiro e segundo anos do I.O.P. (Instituto de Orientação Profissional), que era um Instituto de Pós-Graduação ligado ao Ministério da Educação e destinado a professores secundários da rede oficial de ensino. Esses três anos de experiência foram para mim muito estimulantes e gratificantes. Meu público, todo composto de pessoas de grau universitário e com alguns anos de experiência profissional no setor de ensino, tinha origens muito diversas; eu tinha desde professores de Educação Física até professores de Matemática, desde filósofos a biólogos ou químicos, e todos juntos em classes de vinte pessoas. Eu tinha, portanto, que preparar um curso que tivesse interesse para todos e sobretudo que os auxiliasse a melhor perceber a realidade política e social na qual se inseriam a escola e os alunos aos quais eles iriam fornecer uma orientação. Para mim, que desde a saída do Brasil só lidava praticamente com temas ligados à dependência, ao desenvolvimento, ao conflito social ou à sociologia industrial, voltar a ler os clássicos ou ter novamente uma visão de conjunto dos desafios postos à Sociologia, foi um ganho incomensurável.

Em fevereiro de 1981 retornei ao Brasil e em agosto fui contratado pela Universidade de São Paulo para um lugar de assistente MS2. Durante todos os anos de aprendizado, participação e criatividade que passei em Portugal, a premência de fazer uma tese ficara para segundo plano. Quando em 1980 estive no Brasil passando um mês de férias, conversei com Ruth Cardoso e com ela acertei minha inscrição para fazer meu doutorado na USP, embora continuasse no exterior. Nessa altura, pensava em trabalhar outro tema baseado em pesquisa empírica a ser de

envolvida em Cabo Verde, Lisboa e talvez outros locais da Europa, onde se concentram comunidades de caboverdianos. A conjugação de dois fatos terminara por decidir e ultimar minha volta ao Brasil. O primeiro foi de ordem estritamente pessoal: a dificuldade na obtenção de financiamento para levar adiante o projeto, bem como sua inserção institucional em Portugal. O segundo foi de ordem geral: terminava o primeiro mandato do general Ramalho Eanes na presidência da República, e seu maior concorrente era um general de extrema-direita. A campanha eleitoral adquiria um tom fascistizante muito desagradável, e a vitória da direita era possível. A isso veio se somar, às vêsperas da eleição, a morte do então Primeiro Ministro Sá Carneiro em um desastre de aviação e as insinuações, veladas ou não, de que não teria sido assim tão acidental. Pensei que ninguém tem obrigação de aguentar a estupidez autoritária em país alheio e decidi minha volta ao Brasil.

Tendo voltado à USP, portanto à carreira universitária, deixada às pressas dez anos antes, a tese voltava a ser para mim algo de importante. Em um primeiro momento, pensei em desenvolver projeto novo e deixar inteiramente de lado o material referente à fábrica Arco Íris e a seus operários. Comecei mesmo a trabalhar nesse sentido. Cedo, entretanto, me apercebi de todas as dificuldades que teria para tanto. Conversei com minha orientadora, que concordou com minhas ponderações e me animou no sentido de empreender senão essa busca do tempo perdido, que nesse sentido é irrecuperável, pelo menos em não perder mais tempo do que as circunstâncias, por um lado, e minhas decisões, por outro, já tinham feito.

1.3- CRÔNICA

1.3.1- SITUÇÃO

Pouco científico fazer, ainda que em linhas gerais, a crônica de um trabalho. O trabalho pronto fala por si só, as sim como os dados em sua verdade irresponsível. Talvez. Prefi ro, entretanto, acreditar que não. À construção pronta tiram -se os andaimes e vemos a estrutura que se apresenta. Mas, a história da construção nos escapa. Recoloquemos os andaimes, talvez nos auxiliem em algo. Talvez não. Em todo caso, ai está o edifício. Perquiramos sua origem. Se não ganharmos, não per deremos, creio.

Iniciei a pesquisa em maio de 1963. Entretanto, de certa forma já tinha iniciado em março. O que transcorreu en tão nesses dois meses de hiato entre o momento em que nos dis pusemos, eu e minhas auxiliares, a ir ao campo e o momento em que iniciamos os contatos efetivos, ainda que timidamente ex ploratórios, com a realidade estudada.

Creio que qualquer um que trabalhe no campo das ciên cias humanas tem uma consciência aguda da diferença entre que rer e poder, desde o momento em que, ainda aluno, dedica-se a pesquisas de treinamento, percebendo a distância com os diver sos manuais de metodologia. Mas não, não pretendo fazer uma discussão dos fundamentos lógicos da investigação que realizei, mas apenas uma crônica elucidativa das condições específicas que a antecederam e acompanharam.

A empresa onde, graças às circunstâncias especiais que referirei a seguir, logrei realizar a pesquisa, foi, na verdade, a terceira empresa por nós procurada. Em duas outras tentamos inutilmente realizá-la, mas apenas logramos perder

tempo e recursos de investigação. Segundo o projeto inicial, que cedo reformulei, uma das características da empresa que to maríamos para nosso estudo deveria ser o de ser uma empresa que tivesse sido fundada antes da implantação da indústria automobilística no Brasil e que posteriormente a essa implantação, além de sua linha de produção tradicional, tivesse também se dedicado ao fabrico de auto-peças ou acessórios para a indústria em questão. Pretendia, nesse sentido, estudar as transformações por que passara a empresa de um para outro desses momentos que, sendo da história da empresa eram-no também da própria história da indústria no Brasil. Mais tarde, com a deslocação do fulcro de preocupações, esse se tornou um aspecto secundário do trabalho. Foi ele, entretanto, que presidiu a escolha da unidade de investigação. Outro critério que presidiu a escolha da empresa foi o do tamanho. Devido a seu próprio caráter e extensão, necessitávamos de uma empresa grande (Cardoso, 1964; Fernandes, 1963).

Nossa primeira tentativa foi em uma fábrica de aparelhos eletrodomésticos, na ocasião produzindo também peças para a indústria automobilística. O contacto foi feito com um jovem economista, assessor da diretoria. Desconfiado e cortês, nos tomou bastante tempo, acabando por recusar a pesquisa, temeroso de seu caráter "político".

Alertados por isso, reformulei o plano de pesquisa a ser apresentado ao empresário e tentamos uma fábrica de aços especiais. Desta vez, fomos recebidos por um dos diretores, filho do proprietário, com todos os ares de empresário ilustrado. Chegamos mesmo a uma conferência com o diretor técnico da fábrica, que acabou também por recusar a pesquisa. Mas aqui, por motivos bem diversos. Tal foi nosso empenho e esmero em tirar do roteiro todos os aspectos que pudessem de uma forma imediata aparecer como "políticos" ou eventualmente "subversivos" que

a pesquisa parecia cingir-se quase aos aspectos meramente técni
cos da produção. Os diretores acreditaram que estávamos inte
ressados em conhecer o know-how da empresa e, em última análi
se, era nossa intenção fazer espionagem industrial.

De agentes subversivos passamos a James Bond, talvez a serviço secreto de alguma outra majestade industrial.

Um pouco desnorteado com dois preciosos meses de tra
balho perdidos, tentei outra empresa onde, finalmente, consegui
desenvolver a pesquisa. Para tal, além da boa vontade pessoal
do diretor da empresa e, de uma forma geral, sua atitude um
tanto aberta para com as ciências humanas, contribuiu uma cir
cunstância totalmente fortuita: o diretor havia sido colega,
nos bancos universitários, do diretor geral do projeto, onde
nosso trabalho estava incluído. Era a pedra de toque, a pala
vra mágica que permitia adentrar o mundo da fábrica.

Essa circunstância foi preciosa. Durante a pesquisa
tivemos acesso à fábrica. Durante o horário de trabalho, pude
mos conversar com chefes e operários, interrompendo por vezes
a produção; os fichários e arquivos estavam à nossa disposição.
O empresário manteve conosco várias entrevistas, bem como os
demais funcionários das seções técnicas e administrativas. Por
outro lado, entretanto, essas facilidades concedidas pela dire
toria da empresa vieram criar uma dificuldade de outra ordem.
Nossa presença na fábrica foi um acontecimento excepcional. Éra
mos alvos de olhares furtivos ou perquiridores, de cochichos e,
depois de algum tempo, pelo menos por parte dos operários de
uma seção determinada, ganhamos apelidos. Aí já éramos, na me
dda em que incorporados a esse universo através dos nomes que
nos emprestaram, mais ou menos aceitos. Entretanto, mesmo de
pois de se terem os operários acostumado com nossa presença
quase constante éramos encarados, senão como funcionários, pe

lo menos como pessoas bastante ligadas à direção, no intuito de estabelecer modificações na organização interna da empresa. Nesse sentido, convém lembrar a crise por que passava a indústria brasileira no ano de 1963, por ocasião da tentativa de aplicação do Plano Trienal. A crise fez-se também sentir na empresa em que realizávamos nosso estudo e se manifestou de imediato, pela dispensa de grande número de operários, posto que outras medidas paliativas, como a redução da jornada de trabalho, com respectivo corte salarial, se mostraram insuficientes. Nessa configuração, alguns operários chegaram a pensar que nas visitas e entrevistas visassem à determinação de quais deveriam ser os operários dispensados. Com custo, e graças sobretudo à convivência, bem como ao próprio desenvolver-se dos cortes, os operários aperceberam-se de que não havia relação entre um fato e outro, e pudemos captar a sua confiança.

1.3.2- OBSERVAÇÃO

Vejo, por vezes, o uso errado do termo observação participante, para significar simplesmente observação direta ou observação. Observação direta: ir aos lugares, ouvir, cheirar, sentir, ver, falar com as pessoas. Observação participante implica um alto grau de identificação com o objeto: mudar a pigmentação da pele e ir para uma pequena cidade no sul dos Estados Unidos, empregar-se como operário numa fábrica de caminhões e ir trabalhar na linha de montagem, ir como prisioneiro para uma penitenciária agrícola etc. Estávamos quase todos os dias várias horas por dia na fábrica. Começamos nosso trabalho por uma visita dos lugares. Passamos por todas as seções da fábrica, falamos com todos os mestres, com todos os supervisores, das seções técnicas ao empacotamento. Nesse giro geral pela fábrica, éramos acompanhados pelo senhor NC, chefe da seção de seleção e treinamento que foi, portanto, nessa fase, nosso informante privilegiado. Pudemos, então, nos situar fisicamente na fábrica, saber onde estavam os diversos setores, bem como ter uma idéia dos fluxogramas dos diversos produtos. Ao mesmo tempo, à medida que íamos avançando seção a seção, o senhor NC ia nos dizendo dos problemas especiais da seção e fazendo uma espécie de who's who dos operários, supervisores e mestres.

Até certo ponto nesse giro houve algo de participante em nossa observação: como os prensistas, durante alguns minutos ficamos surdos na seção de estamperia; como os conquileiros e fundidores, sentimos o calor dos fornos e do metal líquido correndo pelos moldes; como os empregados da seção de tratamento químico, ficamos sufocados com os cheiros fétidos e tóxicos de todas as substâncias utilizadas. Entretanto, é claro, não era muito o tempo passado nas seções, voltamos inúmeras vezes no transcorrer da pesquisa, às diversas seções, entretanto nunca passamos uma jornada de trabalho inteira em

nenhuma das seções. Os operários aí passavam todo o dia, dia após dia, semanas, meses, por vezes a vida inteira até a morte ou a aposentadoria. Participamos um pouco, mas não ficamos envenenados, não ouvíamos de noite em nossas camas o estrondo das prensas que tira até mesmo a vontade de fazer amor, não ficamos com nossa pele ressecada, sem vida. Pouco participamos. Vimos, falamos, cheiramos, sentimos, ouvimos as queixas com relação aos enjões e vômitos, apesar do litro de leite diário da do pela fábrica, o olhar cansado quando a jornada de trabalho se aproxima de seu final, as mãos sem uma articulação, sem um dedo quando em um momento de devaneio, de fadiga, de distração, quem sabe, a mão permaneceu um instante a mais na máquina. Quero deixar claro que as condições de trabalho não eram especialmente ruins na Arco Íris e isto fica patente nas entrevistas; pelo contrário, a preocupação com a segurança era muito presente. Todas as seções tinham quadro negro com o número de horas sem acidente na seção. Aliás, não só com a segurança, mas com as questões "sociais" de uma forma geral preocupava-se a direção da Arco Íris. Ponto interessante a ressaltar, e do qual só recentemente tive conhecimento, a época da pesquisa, a Arco Íris era, ao lado da Votorantim, a única indústria em São Paulo que cumpria o item da legislação trabalhista que determinava a existência de creches junto ao local de trabalho, para indústrias a partir de um certo número de empregados.

Observar os operários antes do trabalho, sonolentos chegando ao portão, batendo o cartão de ponto, trocando de roupa nos vestiários, dirigindo-se para as máquinas, de repente o barulho, tudo começa. Observar os operários no intervalo do almoço, jogando sinuca, jogando dominó, sentados ao sol, no inverno, à sombra, no verão, lendo a Gazeta Esportiva, o jornal do Sindicato, panfletos, os Evangelhos. Observar depois do trabalho, no bar em frente à fábrica, café, cerveja, pinga, um ovo cozido com a casca escurecida, empada. Circular pelas ruas

do bairro, pela rua ao lado da fábrica onde alguns mestres, su
pervisores e outros "líderes positivos", no dizer do senhor
NC, por prêmio moravam em casas pertencentes à Arco Iris, pa
gando aluguéis muito baixos. Observar outras ruas do bairro
quase todas sem calçamento. O caminho, como pareceu longo o ca
minho a primeira vez que o percorri para ir à fábrica. O bair
ro do outro lado do Tietê, a mancha urbana não era contínua.
Depois o bairro ficou famoso por rimar com manhã, o último trem
não saía às onze nem em hora nenhuma, não tinha trem, nem tri
lho, nem estação. Querendo, dava para ficar mais ou seria o
rouxinol e não a cotovia.

Observar, além dos manuais, além das pesquisas de cam
po que lia, aprendia a observar. Nessa época em que eu estava
fazendo a pesquisa na Arco Iris, eu estava lendo Em Busca do
Tempo Perdido. O Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho
possuía uma perua kombi com a qual realizávamos nossos deslo
camentos para a fábrica e nos fins de semana para as casas dos
operários. Eu guiava e por vezes as auxiliares de pesquisa vi
nham comigo. Às vezes eu as ficava esperando e lendo dentro da
perua. Certamente, a atenção de Proust para a precisão do deta
lhe foi extremamente útil. Sem Proust não teria sabido obser
var com o cuidado que fiz.

1.3.3- QUESTIONÁRIO

Disponha da fábrica. A presença, a convivência com os operários. Um problema levantado. Um universo empírico. Elaborar o questionário. Escolher a amostra. Comecei por redigir a primeira versão do questionário, que segundo o modismo metodológico da época, chamava-se questionário piloto, e testei esse questionário em empregados da fábrica que não faziam parte da amostra final. Reelaborei o questionário a partir da compreensão e eficácia de certas questões e de sua validade como indicadores para os problemas que interessavam, e terminei por alinhar uma versão final (Anexo 1).

Uma vez cumprida essa etapa, passei a aplicar o questionário à amostra previamente escolhida (ver adiante para escolha da amostra). Os questionários eram preenchidos por mim ou por minhas auxiliares de pesquisa, sempre na fábrica após os operários terem almoçado. A grande maioria dos operários almoçavam no próprio restaurante da empresa e após o almoço sentavam-se seja no clube dos funcionários ou em qualquer outro local, para conversar, ler jornal, discutir futebol etc. Mesmo aqueles operários que, morando perto, iam almoçar em casa, sempre vinham para a fábrica algum tempo antes do reinício do trabalho para participar das rodas de conversa. A escolha desse momento do dia para a aplicação do questionário revelou-se bastante acertada. De fato, já com meia jornada de trabalho cumprida, já tendo tomado a refeição, num momento de descontração e descanso, podia-se contar com a boa vontade dos informantes. Por vezes, o problema com o qual nos defrontávamos é que alguns operários que já haviam anteriormente respondido o questionário ou sua versão piloto, tentavam interferir nas respostas dos companheiros. Ou então, alguns não selecionados para a amostra queriam também eles responder ao questionário, sem entender muito bem porque eles não haviam sido escolhidos.

Tanto num caso como no outro, as dificuldades puderam ser con
tornadas com facilidade.

Outro ponto positivo na aplicação dos questionários foi o fato de terem sido aplicados apenas por mim e pelas duas auxiliares de pesquisa, que trabalhavam comigo desde o início do projeto, estando, portanto, inteiramente familiarizadas com o projeto, tendo participado de todas as suas fases, confecção e aplicação do questionário piloto e da redação da versão definitiva. Como sabíamos qual o sentido de cada questão e o que com ela se pretendia, podíamos explicar exatamente quando al
guém por acaso não entendia uma pergunta, sem, entretanto, in
duzir sua resposta.

Trabalhamos com uma amostra probabilística não estra
tificada constituída por 200 indivíduos, a partir da listagem de empregados fornecida pela seção de Pessoal da Arco Íris. Ex
cluímos da amostra o pessoal do escritório central, que se si
tuava em outro local, bem como o pessoal administrativo da fá
brica. A amostra incluía apenas os empregados na produção, al
moxarifado, manutenção, empacotamento e expedição, bem como o pessoal de limpeza. Incluía, também, os chefes e supervisores desses setores. Quando da realização da fase de aplicação dos questionários, esses 200 informantes representavam cerca de um terço dos empregados nos referidos setores.

Na aplicação do questionário, houve uma quebra de não resposta da ordem de 5% (nove informantes). Por se tratar de uma porcentagem muito baixa, não fiz reposição de amostra nem procurei, através de uma subamostra, averiguar os casos de não resposta. Entretanto, através de informações obtidas junto aos operários, ao departamento de pessoal ou ao setor de sele
ção e treinamento, fiquei sabendo que todos os informantes que não responderam ao questionário não o fizeram pelo fato de se

encontrarem doentes ou acidentados, sendo pagos pelo IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários); o INPS só foi criado posteriormente. Posso, portanto, com segurança, afirmar que a não resposta não se prende de forma alguma aos objetivos do estudo, a ausência de informação não é um efeito perverso criado pela pesquisa.

Depois de obtidos os questionários com as informações desejadas, realizei uma estratificação "a posteriori" e construí três séries de tabelas. Na primeira série de tabelas, utilizei a variável sindicalização como critério, a partir do qual procuro estudar as outras variáveis. Na segunda série de tabelas, a variável independente passa a ser o trabalho realizado na fábrica. Finalmente, na terceira é a participação como eleitor em pelo menos uma das duas últimas eleições para cargos executivos (eleição para presidente da república em 1960, eleição para o governo do Estado, em 1962) que iria fornecer o critério para a determinação da variável independente. Assim sendo, as categorias de classificação ficaram sendo: sindicalizado/não sindicalizado para o primeiro grupo, serviços manuais simples/serviços complexos para o segundo grupo, votou em pelo menos uma eleição/não votou para o terceiro grupo. Essas categorias pareciam cobrir os três níveis de inserção dos operários que então nos interessavam: na categoria sócio-profissional, no trabalho efetivo, cotidiano, na condição de cidadão.

1.3.4- ENTREVISTAS

Certa vez, vendo um filme de Lassie na TV francesa, quando meu filho era pequeno (hoje ele joga rugby e lê Fernando Gabeira) como eu lhe dissesse que no tempo que eu tinha a idade dele não existia televisão no Brasil, ele, me olhando absolutamente fascinado, perguntou: e cachorro já existia? Hoje, alguém talvez perguntasse: mas já se fazia entrevistas quando ainda não havia gravadores portáteis? Não só se fazia, como se fazia sem grande parte dos inconvenientes de hoje. Explico-me: era claro que a entrevista escrita que tínhamos diante de nós era um texto literário produzido. As entrevistas têm de ser escritas pelo pesquisador a partir das notas escritas e a partir da memória. Fica claro que as entrevistas são criadas a partir de um certo ponto de vista. Quando não se tem essa perspectiva com clareza, o resultado é a obtenção de amontoados de palavras e frases quase sem sentido, intercaladas de "né", "falou", "bicho", dependendo da idade e condição social do informante, como em tantas entrevistas transcritas. A situação de entrevista depende de um cenário, de uma "mise en scène", gestos, olhares, onde todos esses elementos são de importância fundamental. A partir de uma fita gravada, onde esses elementos são perdidos, transcreve-se a entrevista (pontua-se) e então perdemos a entonação de voz, o sotaque, a respiração pausada ou ofegante, o silêncio, todos os elementos sonoros da fala. O produto final assim filtrado guarda muito pouco da entrevista que lhe deu origem, mas dá a ilusão da objetividade, é a verdade do dado tão mais digno de respeito se for uma fala popular em que se conservam os erros, afinal não se pode desprezear o povo e sua sabedoria. A teoria que procurou e elaborou o dado fica escamoteada. Há algum tempo, conversando com um jovem antropólogo da PUC, ele me disse, referindo-se a uma colega: Fulana estuda "shopping centers", como se aí se esgotasse o trabalho, como se os prismas, as perspectivas desaparecessem

sem, como se não houvesse teoria, como se esta fosse desnecessária: quando a crítica dos dados é inexistente, a ilusão da verdade se impõe.

Ainda pior do que o gravador é o uso do vídeo na pesquisa sociológica, porque nesse caso então a ilusão da realidade é ainda maior. A essa concepção de pesquisa nas ciências humanas, que por vezes vem associada a uma posição política de esquerda, cabe a mesma observação que Marx e Engels fizeram a propósito dos hegelianos, que em sua inocência não sabiam o que qualquer merceeiro sabe perfeitamente: a diferença entre o que um homem é e aquilo que ele diz ser.

No caso das entrevistas que realizei, procedi da seguinte forma: parti da elaboração de um roteiro (Anexo 2). A idéia central que presidia a entrevista não era a obtenção de informações, porém induzir o entrevistado a produzir um discurso em torno de temática política, entendido o termo em uma acepção bastante ampla. Todas as entrevistas foram realizadas com dois entrevistadores. Um dos entrevistadores tomava notas e o outro conduzia a entrevista, embora quem estivesse encarregado de anotar também interviesse no curso da entrevista. Como todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, era freqüente haver outras pessoas na sala e estas pessoas também intervinham e discutiam. Em alguns casos, como se verá, essas intervenções de terceiros mereceram fazer parte do texto final. Na maioria dos casos, entretanto, isto não se deu ou por não acrescentarem nada ou por apenas repetirem idéias já anteriormente expressas pelo entrevistado. Depois de realizada a entrevista, os dois entrevistadores se reuniam e elaboravam uma primeira versão do texto da entrevista. Quando um dos entrevistadores não tinha sido eu próprio, eu discutia a versão apresentada com as pessoas que haviam realizado a entrevista para que todos os pontos ficassem perfeitamente esclare

cidos para mim. Finalmente, eu terminava de trabalhar o texto provisório e produzia as entrevistas na forma como hoje as apresento.

A partir de todas essas fases, todas essas intermediações, somos capazes de melhor perceber a coerência dos discursos e é o procedimento técnico utilizado que me possibilita tal coisa. Isto provavelmente não teria ocorrido se a pesquisa tivesse sido realizada com um gravador. É claro que com isso não quero dizer que as pesquisas devam hoje ser realizadas sem gravador. Claro que não. Eu próprio depois disso utilizei o gravador e o utilizo presentemente em pesquisa que estou realizando. Hoje eu tenho claro o que perco e como elaboro minha versão final para tentar recuperar o perdido, porém com a inexperience da época em que realizei o estudo da Arco Íris é possível que a fita gravada me tivesse conduzido por caminhos diferentes.

2- TEMPOS MODERNOS

2.1- A FÁBRICA

2.1.1- HISTÓRICO

A fábrica foi fundada em 1927. O Sr. M.^(*), fundador da empresa e, na ocasião em que realizamos a pesquisa, seu diretor presidente, era banqueiro na Alemanha. Por motivos não suficientemente esclarecidos, veio para o Brasil como inspetor de uma grande empresa alemã, encarregando-se aqui do controle de importação dos produtos da referida empresa: máquinas e artigos de iluminação. Verificando que estes últimos frequentemente se estragavam durante a viagem, resolveu estabelecer-se como industrial a fim de produzir os referidos artigos no Brasil. Assim, o Sr. M. se associou a uma pequena serralheria que já produzia lustres e outros artigos de iluminação. Pouco depois, comprou as partes dos outros sócios e assumiu sozinho a direção do novo estabelecimento. Essa, ao que parece, foi a fase mais difícil da empresa, segundo a opinião do Dr. W., diretor técnico da empresa e filho do Sr. M.. Assim explica aquele o êxito do novo empreendimento: "Trabalhavam algumas horas diárias mais do que os concorrentes e trabalhavam com maior intensidade também" (citado em Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico, Cardoso, 1964). Ao lado dessa confessada exploração maior e mais intensa do trabalho operário, o êxito inicial da empresa deveu-se também à substituição da matéria prima. A linha de produtos nessa época era basicamente constituída de artigos para montaria, tração animal, material para escritório, pequenos armários que anteriormente eram produzidos em latão e que passaram a ser feitos de ferro. Ainda segun

(*) Ao longo do trabalho, algumas pessoas serão mencionadas diversas vezes. São elas: Sr. M., diretor presidente da Arco Íris; Dr. W., seu filho mais velho, diretor-técnico da empresa; Sr. J.A., filho mais novo e diretor comercial da empresa; Sr. N., protegido do Sr. M. e chefe da Seção de Pessoal; Sr. N.C., homem ligado ao Dr. W. e chefe da Seção e Seção e Treinamento.

do as declarações do Dr. W., no caso desses artigos "a tendência é de preço e não de qualidade". Assim sendo, com algum cuidado na escolha da matéria prima e procedendo a uma constante rotação de estoques para evitar a ferrugem, foi possível o êxito e a vitória sobre os concorrentes.

O Dr. W. explica da seguinte forma a escolha dos artigos ligados a montaria que se tornaram a principal linha de produção, depois que seu pai, o Sr. M., assumiu sozinho o controle da antiga fábrica de lustres e fundou a nova empresa: "Meu pai nasceu na Renania, onde toda a atividade econômica está ligada aos metais; por outro lado, o Brasil tem o maior rebanho bovino do mundo (sic). Como consequência, evidentemente, tentou ligar as duas coisas." Pouco depois, entretanto, confessa o Dr. W.: "A escolha do ramo, como tudo na vida, dependeu da ocasião. Nada foi previamente estudado."

O capital inicial da empresa, ao que parece, foi trazido em parte da Alemanha pelo Sr. M.. Em parte, era proveniente de economias feitas pelo próprio no Brasil.

O diretor técnico divide a história da empresa em cinco períodos:

- A- 1927 a 1932 - pré-história da empresa;
- B- 1932 - época do primeiro fornecimento para as Forças Armadas;
- C- 1932 a 1940 - período de semi-consolidação da fábrica;
- D- 1940 a 1945 - remodelação da fábrica. Novos fornecimentos para o Exército;
- E- 1945 ao período da pesquisa (1963/64) - fase atual.

Deve-se notar que as duas fases de maior expansão da fábrica se localizam justamente nos dois períodos em que recebeu grandes encomendas militares: por ocasião da Revolução de

1952 e na época da Segunda Guerra Mundial. A esse respeito pode-se ler o orgulho que há por parte da empresa nesse seu fornecimento militar em uma brochura propagandística: "Como itens também importantes da linha de produção da Fábrica nos referimos depois à série de equipamentos para as Forças Armadas do país, setor esse de atividades que valeu à empresa, durante a II Grande Guerra, de interesse militar por decreto especial, referências as mais elogiosas por parte das mais importantes autoridades militares do país." (Catálogo especial para representantes)

Curioso de se fazer notar é que ao lado da perfeita consciência por parte do empreendedor da importância para a empresa das encomendas militares, há uma certa atitude contrária ao excesso de gastos por parte das Forças Armadas: "A nação gasta tudo com as Forças Armadas, o que sobra não dá para a educação. O que se deveria fazer era colocar as Forças Armadas a serviço da educação: escolas para formar técnicos de nível mais baixos". (Entrevista com o Dr. W.).

Como explicar a aparente contradição? É claro que, por um lado, há a atitude estereotipada de que o grande problema do país é o problema da educação. Por outro lado, há a questão que afeta os empresários de uma forma geral, que é a da carência de mão de obra especializada. No que se refere ao problema específico da empresa, com o desenvolvimento das linhas de produção mais recentes como o setor de fechaduras ou o setor de artefatos para a indústria automobilística, decresceu de importância a parte de fornecimento militar. Mas resta algo. Ora, devemos ter em mente que o fornecimento da empresa para as Forças Armadas era sobretudo de fivelas e botões para uniformes e metais para montaria e não de material propriamente bélico. Se nos demormos um pouco mais sobre a declaração acima vemos que não há, de forma alguma, uma crítica às Forças Arma

das, mas apenas a expressão de um desejo de que sua função se ja mais educativa. Se o soldado professor é bem verdade não utilizará o fuzil ou o sabre, ele continuará, noblesse oblige, a usar botas, fardas de botões reluzentes e cinturões. Portanto, os produtos da empresa, seus fornecimentos militares, continuariam a ser normalmente consumidos.

Voltemos, porém, ao histórico da fábrica. A instalação no local onde se encontra atualmente data de 1952. Antes disso, localizava-se, desde sua fundação, no Brás. A antiga fábrica passara por diversas ampliações, até atingir, quando de sua mudança, uma área construída de 6.000m². A mudança para as atuais instalações deveu-se a dois fatores principais. Por um lado, a própria exiguidade de espaço que não permitia novas ampliações, por outro lado a grande valorização imobiliária do local que permitiu com grande vantagem a construção de uma fábrica muito maior e mais moderna, numa região então periférica da cidade. A nova fábrica sofreu pequenas ampliações apenas desde sua instalação e à época da pesquisa contava com 11.000m² de área construída.

As expansões que sofreu a empresa desde sua fundação se deram principalmente pela reinversão de lucros através de empréstimos de bancos oficiais. Aliás, as manobras feitas com bancos oficiais demonstraram ser bastante complicadas. Relata-nos o Dr. W.: "Uma vez (?) obtivemos um grande empréstimo do Banco do Brasil, quinze milhões de cruzeiros. Havia no empréstimo uma cláusula que proibia a imobilização do mesmo. Para contornar essa cláusula, dizendo que fazia manutenção, substituí peça por peça várias máquinas, lançando os consertos em despesas." De resto, uma grande parte das manobras bancárias da empresa sempre foram, ao que parece, senão fraudulentas, pelo menos pas tout à fait legais. Segundo declarações de um antigo empregado da firma, os terrenos onde hoje se localiza a fábri

ca, bem como outros terrenos contíguos, eram de propriedade do Banco do Brasil. Apesar do diretor presidente da empresa, Sr. M., possuir terrenos em Osasco, que possibilitariam a construção de uma nova fábrica, o Banco do Brasil financiou, de forma bastante vantajosa, os terrenos onde veio a se instalar a fábrica, e mais do que isso, vastas áreas contíguas que foram mais tarde loteadas e vendidas. Aliás, a especulação imobiliária parece ter sido sempre uma constante na carreira do diretor presidente da empresa, fazendo por vezes crer que esta era sua atividade fundamental, ficando a fábrica num plano inteiramente secundário, pelo menos em determinados períodos. É um diretor da firma que nos declara: "Numa situação incerta como a nossa, o industrial só reinveste o mínimo necessário para manter a empresa funcionando. Aplica o restante em imóveis, envia para o estrangeiro... ou cria novas firmas, assim uma esconde o lucro da outra." Segundo outras declarações do mesmo diretor fica claro que é a atividade especulativa e não a industrial que é o essencial da empresa, pois o procedimento era o de apenas investir na empresa em períodos onde o lucro industrial era mais compensador do que a especulação imobiliária.

Todos esses procedimentos, que de resto não eram excepcionais num período de grande inflação e crédito mais ou menos fácil, sempre foram largamente utilizados na Fábrica Arco Íris. O jogo bancário, principalmente com o Banco do Brasil, era sobremaneira facilitado pelo fato de que os dois filhos do diretor presidente, diretores da empresa eles mesmos, serem casados com filhas de dois banqueiros ex-ministros da Fazenda e personalidades bastante influentes na política nacional da época.

A criação de novas empresas para encobrir os lucros umas das outras, como nos disse nosso entrevistado, foi também procedimento largamente usado. Assim, entre 1955 e 1960 foi

criada uma companhia que passou a subscrever mais de 90% das ações da antiga empresa. Ainda uma vez, o diretor técnico da empresa nos explica como se deu o fato: "Pensamos em lançar ações no mercado, mas era problemático. A Light e a Matarazzo também estavam lançando. Então, foi formada uma organização que subscreveria as ações e depois as revenderia. A operação já es tá formalmente legalizada. As ações da Arco Íris já passaram para a nova Companhia."

2.1.2- SITUAÇÃO DE MERCADO E MERCADORIAS PRODUZIDAS

O que caracteriza a Arco Íris é a extrema diversificação de sua linha de produção. Pouco antes da época em que realizamos nossa pesquisa, andavam por volta de 3.000 os diferentes artigos produzidos e isso numa faixa bastante diversificada. De fato, podemos ler no catálogo publicitário especial para representantes: "Poderia essa lista ser iniciada com referência às ferragens para construção em geral; fechaduras para portas e janelas; ferragens para móveis, inclusive fechaduras especiais. Passaríamos depois às ferragens para malas, para artefatos de couro em geral, às fivelas para cintos e calçados. Viriam a seguir os rebites, os pregos, as correntes de inúmeros tipos, sem contar artigos especiais como chaveiros patentes. A seguir, teríamos os suportes deslizantes para fogões e geladeiras e uma série de outros artigos domésticos. Como itens também importantes da linha de produção da Fábrica Arco Íris, nos referiríamos depois à série de equipamentos para as Forças Armadas do país, setor esse de atividade, que valeu à empresa, durante a II Grande Guerra, de interesse militar, por decreto especial, referências as mais elogiosas por parte das mais importantes autoridades militares do país. Não é tudo, porém. Sucede que a fábrica está igualmente habilitada a fornecer - e fornece, em grande quantidade - artigos necessários ao funcionamento de outras indústrias, dentre as quais enumeramos as principais: fábricas de geladeiras, de máquinas de costura, de jeeps, de automóveis, fábricas de fogões, de colchões de molas, de estofamentos em geral. E ainda para as indústrias de calçados em geral, para as indústrias de lonas, para as indústrias de cintos e assim por diante. Tal é a variedade dos produtos, aos quais podemos acrescentar mais recentemente, através de um acordo com uma firma norte-americana, a produção de rodízios para cadeiras e móveis em geral."

A característica básica da empresa tem sido a fuga à concorrência. A Arco Iris progressivamente foi sendo impelida para faixas marginais do mercado. Só recentemente, por volta da época em que realizávamos nossa pesquisa, é que resolveu impor-se no setor de produção de fechaduras, através mesmo de custosa campanha publicitária. De resto, normalmente preferem, desde que ameaçados, abandonar uma linha de produção. Isso pode ser explicado por diversos fatores, todos eles igualmente importantes a nosso ver.

Como podemos verificar pelo quadro abaixo, o equipamento da fábrica era muito antigo; de fato, menos de 30% desse equipamento foi fabricado depois de 1955, isso mesmo se levarmos em conta que a fábrica produz ela mesma grande parte das máquinas que utiliza. Comparemos esses dados com os resultados gerais a que chegou a pesquisa CESIT para a questão: "Qual a porcentagem do equipamento básico fabricado depois de 1955"

TABELA 1

	EMPRESAS PEQUENAS		EMPRESAS MÉDIAS		EMPRESAS GRANDES		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Não há	24	25,8	12	12,2	5	5,6	41	14,6
1% a 10%	9	9,7	11	11,2	9	10,1	29	10,5
11% a 20%	5	5,4	7	7,1	6	6,7	18	6,4
21% a 30%	7	7,5	11	11,2	16	18,0	34	12,1
31% a 40%	7	7,5	6	6,1	8	9,0	21	7,5
41% a 50%	6	6,5	4	4,1	7	7,9	17	6,1
50% e mais	26	27,9	46	49,5	35	39,3	107	38,2
S/R	9	9,7	1	1,0	5	3,4	13	4,7
TOTAL	95		98		89		280	

FONTE: Pesquisa CESIT 1962

Por outro lado, sendo a maioria do equipamento constituído por máquinas universais, isto é, não especializadas para uma operação determinada, é muito fácil, no mais das vezes pela simples troca de uma ferramenta, mudar o produto fabricado.

Ao lado do problema do equipamento obsoleto, temos o problema da generalizada baixa qualificação da mão de obra, principalmente nos setores de chefia, que são ocupados por homens de confiança da diretoria e que raramente têm habilitação técnica para o cargo. Bom exemplo disso é a ferramentaria, setor mais importante da fábrica, que é chefiado por um operário que, no dizer de um seu colega, "é um simples distribuidor de serviços".

Não devemos nos esquecer também do fato de que a fábrica é um empreendimento secundário para seu proprietário, que mais do que industrial é um capitalista especulativo. Nesse sentido, para fazer face à concorrência, seriam necessários investimentos de algum vulto que só começariam a dar lucros algum tempo depois. Naturalmente, os negócios de especulação imobiliária dão rendimentos quase sempre mais altos e a mais curto prazo.

Naturalmente, a perda de áreas importantes do mercado por parte da firma é percebida pelos empreendedores que, entretanto, justificam o fato à sua maneira. Declara-nos o diretor técnico: "A indústria tem passado por diversas transformações; iniciamos a produção de artigos novos, desistimos de outros devido à concorrência. Uma grande indústria não pode competir com vantagem quando fábricas pequenas começam a produzir o mesmo produto. Isso porque a indústria com mais de 100 operários tem sua produção encarecida pelas exigências da tributação e da legislação trabalhista."

Mas mesmo com essa fuga, a capacidade ociosa da fábrica é muito grande. Em 1962, numa situação que não era de crise, havia grande número de máquinas paradas, tendo o diretor comercial confirmado que a capacidade de produção da fábrica era muito maior do que suas possibilidades de venda. Assim, a única solução encontrada é a diversificação da produção. De clara o Sr. J., diretor comercial: "A diversificação atual dos produtos é intensa e permite a passagem para outras linhas de produção"; ou ainda: "A grande indústria nem sempre pode especializar-se. Isso é impossível por exemplo quando se produz artigos que têm saída apenas em determinadas épocas do ano. No resto do tempo, as máquinas não podem ficar paradas. A produção de vários artigos, neste caso, permite um faturamento estável durante o ano todo."

Segundo pudemos observar, seria de fato muito fácil para a empresa apenas aumentando o rendimento das máquinas e o ritmo de trabalho dos operários multiplicar de muito sua produção, que em volume, quando realizamos a pesquisa, era de 140 toneladas por mês. É bem verdade que se tratava de um ano de crise (1963), mas embora levando-se em conta esse fator e pelo que pudemos nos informar sobre a produção em anos anteriores, essa sempre foi muito inferior à capacidade real da fábrica. De fato, todo o problema situava-se ao nível do mercado e isso não só pelo problema de preço do produto mas fundamentalmente pelo problema da qualidade. Assim, por exemplo, a fábrica fornecia maçanetas para os caminhões Mercedes Benz e tinha muitos problemas com o controle de qualidade do setor de compras da referida empresa. É bem verdade que, principalmente devido aos esforços do diretor técnico da Arco Íris, essas deficiências estavam pelo menos em parte sendo superadas. Indicativo disto era a tentativa de, no ramo de fechaduras, enfrentar abertamente a concorrência e mesmo a intenção de construir uma nova ala da fábrica especialmente para essa produção, o que implicaria

não só despesas com instalações, mas também um grande investimento com maquinário.

Em pesquisa já referida anteriormente e realizada um ano antes de nosso estudo, obteve-se um dado que nos parece bastante significativo: o último período de crescimento indicado pelos responsáveis da empresa foi o de 48 a 51. Ora, é de fato a partir de 56 que há uma grande expansão do mercado, principalmente no que concerne às indústrias metalúrgicas, crescimento este decorrente fundamentalmente da instalação da indústria automobilística no país. Convém lembrar, entretanto, outro fator fundamental. É também a partir da década dos 50 que se acelera o aumento da população urbana, e como consequência disto, aumenta também a especulação imobiliária na cidade de São Paulo. É bastante difícil estabelecer conjecturas a partir das indicações obtidas, que se por um lado são claras, por outro são muito pobres. Posso, entretanto, levantar a hipótese de que a partir justamente dessa época (década dos 50), a indústria passou a ser para seus proprietários uma forma de encobrir negócios de outra espécie, principalmente a especulação imobiliária. Por outro lado, é quando a especulação se torna mais problemática que os proprietários da empresa se voltam para a atividade industrial.

2.1.3- ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO

A Arco Íris é essencialmente uma empresa familiar. Pai e dois filhos a dirigem. Cada um dos filhos fica com um setor; um é diretor técnico e cuida da parte da produção propriamente dita; outro é diretor comercial e cuida da parte de vendas. Apesar dessa divisão familiar do trabalho, é o pai quem na verdade centraliza as principais decisões e nenhuma medida realmente importante é implementada a não ser por ele.

Nominalmente, a empresa é uma sociedade anônima, mas na verdade 90% das ações eram subscritas por outra empresa que é de propriedade exclusiva do pai e dos dois filhos. Apesar dessa situação, uma das tentativas do Dr. W., diretor técnico, homem que está diretamente à testa do empreendimento fabril, é a de dar a este uma direção de caráter mais impessoal. Segundo nos declarou, chegou mesmo a afastar-se temporariamente do cargo para ver se isso era possível, mas segundo ele mesmo acrescenta, tal procedimento não parece ter dado o resultado esperado. Por outro lado, esse propósito não parece na verdade corresponder à real intenção da direção, pois que em outra ocasião esse mesmo diretor técnico nos disse que para entregar a direção de eventuais novos empreendimentos a simples gerentes, tudo dependeria do tipo de produto a ser explorado nesses casos e que seria certamente possível adotar essa medida caso se tratasse de produto de controle seguro e fácil, caso contrário, ele faria muitas restrições.

Na verdade, a atitude é bastante ambígua. Por um lado, há o medo de perder o controle do empreendimento ou mesmo de uma forma mais simplista de talvez serem enganados por eventuais prepostos. Por outro lado, há a percepção de como no nível dos conflitos com os operários, e devemos lembrar que pelo menos em uma certa fase estes foram bastante agudos, é melhor

que a direção da empresa apareça como um sistema impessoal do que ela se cristalice na figura de um patrão. Por outro lado, também os empresários percebem como conflitos ou tensões puramente pessoais podem se refletir na empresa. Como diz o Dr. W.: "Meu pai é o diretor financeiro. Eu fico com a parte de produção e meu irmão com as vendas, com todos os problemas que se originam por sermos uma família (...) Meu pai havia trabalhado no ramo bancário e de seguros. É ele quem lida com a parte financeira, genialmente, mas com muito empirismo e com métodos intransferíveis."

A preocupação, pelo menos no nível aparente, é, na verdade, a despersonalização e racionalização da direção da fábrica. A figura do diretor técnico, na verdade, mereceria todo um capítulo, com seu misto de eficiência impessoal e paternalismo para com os operários. Uma de suas preocupações, preocupação recente e que pretende terminar de vez com a agitação operária no interior da fábrica, é a assistência social.

Na verdade, ao percorrermos pela primeira vez a fábrica, vimos a existência de vários recursos que pretendem melhorar as condições de trabalho: processos de proteção contra acidentes, refeitório, clube com campo de futebol, assistência médica e dentária, cooperativa de consumo. "A parte que gastamos com serviços pessoais não dá lucro nem prejuízo. Mas, na verdade, a esperança do industrial é que isso reverta de alguma forma em benefício para a empresa. A creche, por exemplo, as mães das crianças criadas aqui nunca vão se voltar contra a fábrica." (Entrevista com o Dr. W.).

A boa assistência social é de fato um dos fatores de propaganda mais utilizados pela firma para tentar vender sua boa imagem aos operários. Isso é patente no jornal da fábrica e tal fato aparece também esporadicamente em jornais de uma

grande cadeia nacional, cujo dono é amigo pessoal do proprietário da Arco Iris e que de tempos em tempos publica "reportagens" sobre a fábrica.

Por outro lado, uma das constantes na história da fábrica são os atrasos de pagamentos. Diz-nos um funcionário categorizado da firma: "O Sr. M. atrasa o pagamento o quanto pode, para fazer o dinheiro render mais alguns dias. Muitas vezes se dizia que o pagamento não ia sair de jeito nenhum. Era só os operários ameaçarem de fazer greve que o pagamento saia. Os operários não acreditam quando a direção diz que não tem dinheiro." Com essa orientação da presidência parecia não concordar o diretor técnico da empresa. Declara-nos outro funcionário, ainda abordando o problema do atraso no pagamento: "Uma vez telefonei ao Dr. W. avisando que ia sair greve. Ele disse: 'Ótimo, eu também vou fazer greve para ver se meu pagamento sai'".

Os conflitos familiares logicamente acabavam por se tornar conflitos de autoridade. De fato, as divergências de orientação se tornavam cada vez mais evidentes para os funcionários da empresa e até mesmo talvez para os operários. Declara-nos um chefe de seção, ligado diretamente à produção: "O Sr. M. desmoraliza os filhos diante de todo mundo. Ele diz que o Dr. W. é muito bom para estar num laboratório e não na fábrica e que talvez o Sr. J.A. fosse melhor apesar de ser louco."

Essa oposição entre o pai e o filho diretor técnico podia ser claramente vista no nível da organização interna da fábrica. Toda a tentativa do Dr. W. era a de tirar grande parte da autoridade do Departamento de Pessoal, que era ocupado por um antigo funcionário ligado a seu pai, através de um desmembramento em diversos departamentos, que acabaria por reduzir a seção a um mero fichário do pessoal empregado. Assim, já

havia sido desmembrados o Departamento de Seleção e Treinamento e o Departamento de Prevenção de Acidentes. Por outro lado, havia também a tentativa de contratação de operários especializados e tecnicamente qualificados para os postos de chefia, ao invés de ter simplesmente homens de confiança da diretoria nes ses cargos.

Na verdade, um dos fatores que nos tornou possível o acesso à fábrica para a realização do estudo, foi o desejo de reorganização da firma, sempre presente na gestão do Dr. W. Porém, esse desejo sempre acabava por se chocar com a falta de capital para investir, posto que a parte financeira era controlada por seu pai, que certamente não partilhava das idéias do filho a esse respeito. Um funcionário do Departamento Técnico da empresa declarou-nos: "A fábrica não moderniza seu equipamento que é quase totalmente obsoleto porque o presidente tem a política de não mais investir aqui. Talvez tenha outros investimentos mais lucrativos, imóveis por exemplo. A fábrica é uma vaca leiteira, não passa de um nome para os outros verem. O Dr. W. não vai dizer isso para mim, mas vê que está errado e que, no entanto, não pode fazer nada. Ele quer a mudança, mas se choca com o problema do maquinário obsoleto."

No plano das relações humanas no interior da empresa seria realmente necessário um remanejamento na Seção de Pessoal. Há por parte de alguns empregados mais jovens do setor administrativo, uma grande confiança nas mudanças eventuais que o Dr. W. faria se assumisse efetivamente a direção da fábrica. Declara-nos um funcionário: "Hierarquia é coisa que não existe aqui. Há balbúrdia no Departamento de Pessoal, mas há balbúrdia na direção também. O Dr. W. faria uma alteração radical. A maioria dos problemas que temos com o pessoal eu atribuo a uma política errada do Sr. N., chefe do Departamento de Pessoal. A comunicação entre os operários e supervisores é perturbada

por ele que procura jogar uns contra os outros, para ser ele próprio o único capacitado a resolver os problemas. O Dr. W. gostaria de afastar o Sr. N. incontinenti, mas não pode porque este é a menina dos olhos de seu irmão." Outro funcionário, do Departamento Técnico, declara: "Sem o Dr. W. não haveria progresso na fábrica. Ele deixa de fazer o que eu quero, a pesquisa aqui só é considerada por ele. A maioria dos dirigentes industriais no Brasil acha que isso é tempo perdido, ele não."

Sinal bastante claro da falta de formalização nas relações internas da firma é o sistema de comunicação e também o sistema de seleção de pessoal. A comunicação em geral é feita oral e diretamente pelo chefes imediatos. Segundo o que o chefe da Seção de Pessoal nos declarou, quando um operário tem alguma queixa a fazer, seja de um colega, seja do supervisor, ele a faz diretamente com o chefe da Seção de Pessoal fora da hora do expediente. Apesar de haver a intenção, já expressa em alguns exemplos, de formalizar a comunicação vertical quando esta vai no sentido direção base, no caso inverso esta é feita da forma mais caótica possível, com as constantes ingerências, o mais das vezes indevidas, da Seção de Pessoal.

No que se refere à seleção dos empregados, predominam aí também os processos empíricos e absolutamente informais. Declara-nos o chefe da Seção de Seleção e Treinamento: "Até agora a seleção foi feita de forma empírica. Só agora contamos um psicólogo que está organizando um teste psicotécnico".

De fato, como se passa o processo de recrutamento de novos empregados: quando a firma necessita de um operário qualificado, em geral pessoas da administração fazem um giro das seções da fábrica para saberem se alguém conhece uma pessoa que poderia eventualmente ocupar o cargo para o qual a fábrica necessita de um elemento. Caso esse processo não surta efeito,

então coloca-se um anúncio nos jornais. Quando se trata de um operário não qualificado, há em geral uma grande oferta na própria fábrica, sendo dada preferência a parentes ou amigos dos próprios empregados. Se o recrutamento é informal, a seleção e o treinamento também o são. É o trabalho realizado que determina quem será aceito depois do estágio de experimentação e é no trabalho que os operários aprendem a trabalhar.

2.1.4- A POLÍTICA COM O PESSOAL

O tônica das relações entre a direção da empresa e os empregados é a fidelidade pessoal e a fidelidade à empresa. Num dos números do jornal interno da fábrica, podemos ler "Nós, acima de tudo, amamos: ao nosso Deus, à nossa Pátria, à nossa família e à Casa onde trabalhamos." Ao lado do Deus, Pátria e família tradicionais, nosso modesto empresário coloca também sua fábrica. Na mesma publicação há uma insistência constante no fato de todos: operários funcionários e patrões constituem uma única família com um ideal comum. Por outro lado, ainda o Sr. M., diretor presidente da empresa, frisa constantemente que presa e ama os seus operários como se fossem seus prrios filhos.

Como é patente, a intenção fundamental é inculcar o ideal do espírito da empresa, para que este possa reverter em última instância em maior produtividade. Não devemos nos esquecer, entretanto, que há de fato uma preocupação marcada com a assistência social. Ao contrário de outras empresas que tendem a dar um caráter impessoal aos benefícios concedidos aos operários, aqui eles sempre aparecem como uma dívida e uma dívida mais do que da empresa, do patrão ele mesmo. Como em todas as formas de paternalismo vemos a ambiguidade da situação: por um lado trata-se de um estratagem para facilitar a superexploração com um mínimo de atritos, mas por outro há de fato uma relação afetiva do patrão para com seus operários.

Como já foi frisado anteriormente, podemos notar uma tendência que se delineia no sentido da tentativa de uma maior formalização e despersonalização das relações entre a direção da empresa e os operários. Mas devemos ter como fato central que o problema número um da fábrica são as constantes greves. A maioria das quais são greves selvagens que se originam no ní

vel da empresa em função do atraso de pagamento. É este, na verdade o problema principal a ser enfrentado pelo Dr. W. Ve jamos como isso se dá.

A intenção explícita e explicitada é a de modernizar o sistema de relações dentro da fábrica, através de uma pro gressiva formalização das mesmas. Ora, isso vai imediatamente de encontro com a mentalidade mais financeira que industrial do pai, o Sr. M., que com sua visão restrita, prefere que o di nheiro renda juros durante mais dois ou três dias, ainda que isso possa resultar em graves conflitos com os trabalhadores. Nessas circunstâncias, apenas o apelo às fidelidades pessoais ou aos falsos líderes, na verdade homens de confiança do pa trão, é que as greves podem por vezes serem evitadas, e mesmo assim com imensas dificuldades. Aliás, um dos problemas que voltaremos a abordar é justamente a da "compra" de certos líde res que, ao que parece, não teve o sucesso esperado. Diz-nos o chefe da Seção de Seleção e Treinamento a respeito de uma gre ve que ocorrera na semana anterior: "Essa greve nos surpreen deu, foi uma deslealdade. Afinal não temos chefes seguros. Des ses comprados, só o V. é que é 100%. Tínhamos que arrumar é um líder positivo que no dia da greve ficasse incitando a entrar, igual ao líder negativo, que conta as razões para não entrar." A linguagem e o vocabulário utilizados pelo Sr. N., o autor das declarações transcritas acima, não nos são estranhos. De fato, fazia poucos meses ele vinha de se diplomar em um curso de treinamento de lideranças patrocinado pelo Ponto 4 (O Pro grama de Cooperação Técnica norte-americana apresentado por Truman no seu discurso de posse da segunda investidura ficou conhecido por este nome, era o quarto ponto do discurso).

Como as greves têm um motivo grave que a firma não pode ou não quer resolver, a saber os atrasos constantes de pa gamento, a solução empírica encontrada é a de ir de uma forma

ou de outra "comprando" a liderança na medida em que esta vai surgindo. Continua o Sr. N.C.: "Era um investimento muito gran de mandar essa gente embora, ia sair muito caro para a fábrica (problema das indenizações), então por decisão da superin tendência (i.e. do Dr. W.) e como política da fábrica, pegamos os operários que eram "cabeças de greve" e lhes demos postos mais altos: de operários passaram a supervisores. Assim nós compramos o bom comportamento dos operários, pois como supervi sores eles não podiam fazer greve." Outras vezes não foi atra vês de promoções que a empresa descartou sua liderança operá ria mais agressiva. Continua o Sr. N.C.: "Muitas vezes o Dr. W. fez acordo com os líderes grevistas para eles montarem ofi cina própria. Passamos a fazer encomendas a essas pequenas ofi cinas deixando de usar a retífica da própria fábrica, só para nos vermos livres deles." É claro que essa solução também é inexe quível em larga escala, em primeiro lugar porque se apli caria apenas aos operários especializados, em segundo porque terminaria por transformar a fábrica em simples depósito de produtos produzidos em outros locais.

O importante é que na verdade o problema, longe de ser resolvido, permanece. Continua nosso interlocutor: "Mas isto (a promoção dos líderes grevistas a cargos de supervisão) cria outro problema para a fábrica, porque nem todos que são promovidos a supervisores são verdadeiros líderes, não sabem dirigir a seção, falta-lhes tato e além disso foram "queima dos" pelos operários. São taxados de "comprados", "olheiros do patrão", o que provoca uma situação muito tensa nas seções. De qualquer forma, o problema sempre persiste. Por certo o Dr. W., que é mais industrial e, portanto, tem uma visão menos imedia tista do lucro, preferiria pagar em dia, porque o que ganharia em produtividade certamente ultrapassaria de muito os juros de alguns dias de salário depositado no banco. Mas tãl ponto de vista não é compartilhado por outros membros da família. "A em

presa procura convencer os líderes grevistas e a melhor maneira de convencê-los é materialmente, através de aumentos e promoções. Há várias maneiras de comprar um empregado, não é só depositando dinheiro em seu nome no banco." (Entrevista do Sr. N.C.).

2.2- OS OPERÁRIOS

2.2.1- PROVENIÊNCIA DA MÃO DE OBRA

Pouco mais de 25% dos operários da Arco Íris eram na turais da Grande São Paulo. A maior parte era constituída de pe so as pro ve ni en tes do interior do estado ou de outros es ta dos. Na verdade, grande parte do operariado de São Paulo é pro ve ni en te de zonas fracamente industrializadas ou mesmo sem in du st ri al iz a ç ã o alguma. Ficou sendo um lugar comum na sociolo gia br as ile i ra o enfatizar-se a origem rural da mão de obra pa ra exp li car seu comportamento. Se entendermos por origem rural a pro ve ni ên cia das áreas acima citadas, nosso grupo, embora não em proporção tão significativa, tem em grande parte uma origem "rural". Se entretanto, essa origem rural estiver ligada a uma atividade pretérita ligada diretamente à agricultura, a situ a ç ã o se modifica. Assim, teríamos uma grande parte do pro le ta ri ado urbano como proveniente de atividades artesanais e do se tor ter ci á ri o, ainda que essas atividades se desenvolvessem em áreas onde a atividade econômica fosse predominantemente agr í cola ou pastoril. Nesse sentido, também se modifica a vis ã o a respeito da mobilidade social desses migrantes. Se por um la do não há dúvida, na maioria dos casos, de que a migração sig n ifi ca u uma melhoria econômica imediata, o problema da asc en ç ã o social não é tão claro. A Grande Cidade é essencialmente a oferta de emprego. Como nos disse um entrevistado: "Lá em Ri be ir ã o Preto quem fica sem emprego pode estender a mão a Deus". Mas é preciso fundamentalmente não confundir oferta de emprego com oferta de status. Nesse sentido, a afirmação de que a pro le ta ri za ç ã o significou no Brasil uma ascensão social é uma afir ma ç ã o que deve ser contextualizada. Principalmente se não ti ve rm os da sociedade agrária uma visão simplista em que só h ave ria proprietários rurais e trabalhadores agrícolas. A soci eda d e "tradicional" compreendia também artesãos, empregados em

transportes, comerciários, bancários, militares, funcionários públicos e um sem número de outras atividades. Se compararmos as profissões de pais e filhos de operários, veremos que nem sempre houve uma ascensão. É bem verdade que era a profissão aceita finalmente talvez a única possibilidade. É bem verdade que a cidade e o trabalho industrial era a única via aberta para talvez mesmo a sobrevivência. Mas não terá sido assim também na Europa nos primórdios da industrialização? E não me parece que se fale lá se ascensão social.

TABELA 2
Local de Nascimento

São Paulo - Capital	51	26,7%
São Paulo - Interior	70	36,7%
Outros Estados	49	25,7%
Estrangeiros	21	11,0%
TOTAL	191	

Por outro lado, falar em ascensão quando um artesão do interior, por exemplo, se transforma em operário, implica uma concepção do status baseada em critério muito estreito e onde existe um privilegiamento viesado da sociedade "moderna" diante da sociedade "tradicional". Esse par, de resto totalmente artificial, se pensarmos em termos de América Latina pelo menos: tradicional/moderno que explica desde a revolução cubana até integração de grupos indígenas, aparece como uma passagem necessária, apesar de alguns obstáculos institucionais e por isso mesmo com o segundo termo com uma preeminência fundamental sobre o primeiro, tendo como base apenas uma duvidosa e duvidável noção de progresso, de resto entendido como mero progresso tecnológico. Não se pensa, na verdade, que se dando

a transformação, para usar essa terminologia, estritamente dentro dos quadros da sociedade capitalista à qual, de resto, os dois termos se acham ligados, não há porque privilegiar um deles, desde que é apenas um rearranjo exigido pelo sistema único e não uma mudança ou transformação real.

TABELA 3

Área de Proveniência do Trabalhador, Segundo a Atividade Econômica Predominante na Região (Excluídos os Estrangeiros)

SETOR	N	%
Primário (Rural)	112	65,9
Secundário ou Terciário	58	34,1
TOTAL	170	

TABELA 4

Já Trabalhou anteriormente na lavoura?

	N	%
Sim	36	21,1
Não	134	78,9
TOTAL	170	

Parece fundamental ressaltar o lado ideológico da dicotomia tradicional-moderna. A passagem de uma estrutura para outra aparece como necessária. O termo "moderno" do par é privilegiado, não há o estudo da perspectiva política que é por

isso mesmo escamoteada. Ora, a necessidade da passagem, nos termos em que ela se dá no Brasil, é a necessidade da expansão do sistema capitalista e não a necessidade da resolução das contradições básicas da estrutura sócio-econômica do país. O mecanicismo, então longe de se ancorar em uma noção de progresso, se radica na necessidade de um sistema sócio-econômico de terminado que realiza uma pseudo-modernização: as estruturas fundamentais permanecem arcaicas. A partir daí há um privilegiamento de tudo que seja "moderno", ou seja, que contribua para a realização da "passagem" requerida pelo sistema. A perspectiva pode vestir-se de progressista, principalmente se pensarmos que o "tradicional", não mais de acordo com as necessidades da atual fase de expansão do capitalismo, além de ser um óbice para o desenvolvimento deste pode provocar tensões mais profundas. Em se tratando de duas estruturas separadas, como se poderia falar em "ascensão"? Para se falar em ascensão, deveríamos reconhecer não dois mundos, o tradicional e o moderno, mas apenas um, e neste, como já vimos, deveríamos reconhecer a posição e o prestígio como algo reificado na posse dos objetos, modernas quinquilharias que os audazes navegantes oferecem aos novos indígenas.

Examinemos os dados das duas tabelas da página anterior. Naturalmente, na medida em que se trata de dados parciais, de um grupo operário de uma fábrica determinada, não pretendo fazer uma generalização indiscriminada. Entretanto, em relação ao problema específico que abordo aqui, acredito que os fatores particulares não influam de maneira tão significativa a alterar a conclusão. De fato, se 66% dos operários provêm de regiões onde predominam as atividades ligadas ao cultivo do solo ou criação, apenas 21% exerceram alguma atividade ligada à agricultura, dos quais, por certo, uma boa parte era de pequenos proprietários. É claro que outros fatores de ordem geral servem para minimizar em parte esse resultado como, por

exemplo, o fato de terem emigrado de suas áreas de origem ainda abaixo da idade de trabalhar; entretanto, a disparidade entre os números é de tal ordem que podemos tranquilamente concluir que a maioria dos trabalhadores, antes de emigrar, não teve qualquer atividade diretamente ligada à agricultura.

Entretanto, há realmente um grande contingente de trabalhadores provenientes de áreas rurais. Haverá porventura alguma diferença básica entre estes e os trabalhadores originários de áreas onde predominam as atividades secundárias ou terciárias? Haverá realmente padrões diferenciais entre as áreas tradicionais e as áreas modernas? Seria certamente leviano pretender que não haja diferenças, mas será correto pretender ver uma dualidade básica lá onde existe somente um padrão organizatório? No "campo" como na "cidade" predominam as relações mediadas pelo dinheiro. A produção capitalista orientada para o mercado está presente nas chamadas áreas tradicionais também. O "antigo regime", como pretendem denominar alguns a esse estágio agrário do capitalismo, é tão competitivo como a nova ordem industrial e estão ambos basicamente orientados em vista da troca e do lucro. Nesse sentido, desde sempre com a ação voltada para o dinheiro, por certo vemos minimizada a influência que o padrão comunitário pode ter sobre os homens dificultando sua integração ao universo industrial. Ou melhor, isso pode influir apenas em relação ao processo de produção em seu nível imediato, mais superficial, no contacto com as máquinas. Mas não será maior do que qualquer indivíduo, mesmo proveniente de cidades-metrópole, que comece a trabalhar com máquinas sem nunca com elas ter lidado. A confusão entre os padrões sociais e a habilidade para o trabalho é outra falácia desse tipo de análise. De resto, alguém que na Sociedade Tradicional lidasse com uma máquina de beneficiar café, por exemplo, terá, uma vez na Grande Cidade, mais facilidade para trabalhar com uma prensa, uma lixadeira ou um tear do que teria um balconis

ta ou bancário nascidos na metrópole.

Característica bastante importante com relação aos operários provenientes de zonas rurais e que têm experiência de trabalho na lavoura é a extrema mobilidade de trabalho em suas regiões de origem. Assim, é frequente um trabalhador deixar a lavoura e empregar-se em uma carvoaria ou oficina mecânica, voltar à lavoura, ou mesmo emigrar para uma cidade maior e depois retornar à atividade ligada à agricultura. Muito ao contrário de ser algo de estático, o "mundo tradicional" apresenta uma grande mobilidade ocupacional. Atividades agrícolas e atividades não agrícolas não têm uma fissura radical a separá-las; a passagem da terra à máquina ou vice-versa, quando terra e máquina estão dentro do sistema capitalista, são a necessidade de sobrevivência dos homens e o dinheiro faz a ponte que liga diversas atividades. Aqui e ali são espoliados e cedo aprendem que os padrões do dinheiro, que regem sua vida e fome, são os padrões fundamentais, que a tradição tem pouco peso quando o peso do estômago é mais forte. De resto, a própria tradição também faz parte, em estágio mais atrasado, do mesmo padrão. O dinheiro vale bem a tradição, mesmo porque esta era a tradição do dinheiro. Do mil réis ao cruzeiro é uma questão de aritmética. Além disso, em uma sociedade de massas os valores oficiais que, como tento mostrar, são os modernos, são difundidos através dos mass-media de forma a solaparem totalmente os valores e consequente visão do mundo tradicional. A "passagem" nos quadros do capitalismo, quando encontra resistências por parte dos homens, é porque estes, na cidade ou nos campos, resistem na verdade ao capitalismo e não à modernização, mas a um tipo de modernização que proletariza setores crescentes da população que, ignorando as vantagens óbvias de rádios para ouvir a Voz da América ou da televisão para assistir a programas do Chacrinha, se recusa a compartilhar, por vezes, desses valores. Como o homem só é capaz de fazer a crítica do presente na

medida em que retrabalha o passado, a oposição à situação atual aparece então em seu nível mais imediato como uma resistência que o antigo opõe ao moderno. Da ilusão da consciência ingênua à ilusão da sociologia, a distância não ultrapassa o hiato. Sim plistas e não acreditando no poder criativo do homem, imaginam como tendência à volta ou resistência ao atual aquilo que, con fusos e mal delineados, é, entretanto, a visão do futuro. A pre sença de elementos imputáveis ao passado encobre, a não ser que se leve mais adiante a análise, o arranjo novo dos elementos. Com uma lógica peculiar os homens são capazes de, a partir dos elementos conhecidos e disponíveis, criar uma outra estrutura de arranjo que nada tem a ver com a estrutura que esses elemen tos tinham na história transcorrida vivenciada por eles. A es trutura nova tem os elementos da estrutura antiga e é radicalmen te diferente, e é em nome dele que se deve entender a críti ca ao presente (Levi Strauss,). Para tal simplificam a so ciedade "rural", inventam uma cultura pré-capitalista em um país que é capitalista desde sua origem (Novais, 1981), mitolo gizam como ascensão o que é na verdade um processo de proleta rização, consideram como ganho de status o ganho de objetos e criticam aqueles que se recusam a assumir a perspectiva de uma sociedade espoliadora como fatores causadores de anomia.

2.2.2- PROFISSÃO

Como vimos, é muito baixa a porcentagem de indivíduos que já trabalharam na lavoura. É claro, principalmente se compararmos esses dados com os dados referentes à proveniência da mão de obra, que um grande número de trabalhadores são provenientes de regiões onde predominam as atividades agrícolas. Entretanto, não se pode confundir os trabalhadores que poderíamos chamar de origem rural, com os trabalhadores rurais.

Quando passamos da profissão do ego para a profissão paterna, a situação se altera; 35% dos pais dos trabalhadores entrevistados tinham profissões ligadas às atividades rurais. Comparando-se os dois dados, percebemos que ao passar de uma geração para outra vai diminuindo o número de operários que estiveram ligados à atividade agrária. Isso pode ser explicado, seja pelo fato de muitas vezes os indivíduos terem emigrado da zona rural ainda abaixo da idade de trabalho, seja pelo fato da emigração paterna anterior ao nascimento do indivíduo ter sido de certa forma bem sucedido fixando-se à cidade.

A porcentagem relativamente elevada de indivíduos que têm na fábrica estudada o seu primeiro emprego explica-se pela circunstância especial, já exposta, de o recrutamento de mão de obra ser feito preferencialmente de maneira informal e entre os próprios operários da empresa. Assim, é grande o número de filhos, sobrinhos e afilhados de operários que ao atingirem a idade do trabalho são colocados na fábrica, bem como de outros que são encaminhados à escola profissional e daí passam, uma vez feitos os cursos especiais, a trabalhar na fábrica.

Talvez possamos pensar em uma relativa melhoria salarial quando passamos de uma geração a outra, mas nem por isso mesmo, no caso de ocorrer, seria uma ascensão social. Em um

certo momento, através da mudança da estrutura da economia, os empregos industriais passam a ser os únicos disponíveis. Como se explicaria então que nessas condições privilegiadas para os industriais eles não tentassem um processo de espoliação mais violento, como por exemplo no início da industrialização na Europa? Cremos que dois pontos determinados podem vir a elucidar a questão: o primeiro é a necessidade de um mercado consumidor interno em uma fase em que os países capitalistas mais avançados já saturaram certas possibilidades de expansão, e em segundo lugar é a existência de uma legislação trabalhista que impedia a exploração além de certos limites. O quadro geral que temos dos empregos anteriores dos indivíduos entrevistados nos demonstra que é muito pequeno o contingente de operários que já tiveram empregos na lavoura (Tabela 4). Quase 50% dos operários já tinha trabalhado em indústrias anteriormente. O que nos leva a concluir que na fábrica estudada é na verdade pequeno o número de ex-trabalhadores rurais.

Com relação à profissão do pai (Tabela 5), o que observamos é um maior contingente de pais ligados à atividade rural (mais de 1/3), parte constituído de pequenos proprietários, parte de trabalhadores sem posse de terra. O que é interessante ressaltar é que quase 30% dos operários são provenientes de setores recentemente proletarizados, não por um processo de ascensão social, mas em termos clássicos.

TABELA 5
Profissão do Pai

Lavrador ou sitiante	67	35,1%
Operário	51	26,7%
Pequeno comerciante, artesão etc.	28	14,7%
Serviços	29	15,1%
Outros	05	2,6%
S/R	11	5,7%

São relativamente poucos os operários de segunda geração - pouco mais de uma quarta parte dos entrevistados.

Deve-se notar também que muitos dos indivíduos computados na categoria de pequenos comerciantes ou pequenos artesãos e mesmo de serviços, na verdade exerciam suas profissões em conexão com o mundo rural. Assim, temos nesta categoria barbeiro do interior de Pernambuco, ferroviário da Alta Paulista, soldados de milícias estaduais do interior nordestino etc.. Observamos, assim, no passar de uma geração para outra, uma mobilidade espacial e profissional muito grande expressa principalmente pelo deslocamento de populações do meio rural para a grande cidade, sem que isso signifique necessariamente a transformação de trabalhadores agrícolas a trabalhadores urbanos.

2.2.3- SALÁRIOS

No ano em que realizamos nossa pesquisa, o salário mínimo era de Cr\$ 21.000,00. O fato de em nossa tabela aparecerem alguns operários com salário inferior a essa quantia se deve ao fato de se tratar de trabalhadores menores. A maior parte dos trabalhadores situava-se na faixa salarial entre 25.000,00 e 39.000,00 cruzeiros. Isso deve-se naturalmente ao fato de ser grande o número de operários que executavam aquilo que denomino de serviço manual simples. Um certo prêmio de produção e alguns eventuais aumentos por antiguidade elevam o salário desses trabalhadores um pouco acima do salário mínimo.

Era, aliás, voz corrente entre os trabalhadores que os salários pagos aos operários não qualificados chegava mesmo a ser um pouco acima da média das indústrias do ramo, excetuando-se as automobilísticas e algumas de auto-peças.

Já em relação aos operários qualificados, principalmente os ferramenteiros, a voz geral era de que os salários pagos na fábrica eram inferiores aos de outras indústrias. Assim, os operários especializados ou ficavam na empresa até adquirir alguma prática ou lã permaneciam quando se tratava de operãrios mais ou menos antigos que não queriam perder os anos de casa.

Como observamos na tabela, em média os trabalhadores sindicalizados recebem salários mais altos que os não sindicalizados. Isso se explica, naturalmente, pelo fato de que os trabalhadores especializados ou supervisores serem sindicalizados em porcentagem maior do que os operários que executam serviços simples e que recebem salários mais baixos do que os primeiros.

Como o salário não é um dado suficiente para se ter

uma idéia exata do nível de vida da pessoa, resolvemos calcular a renda per capita. Somamos os salários de todas as pessoas da família e dividimos pelo número total de pessoas sustentadas pela renda e obtivemos assim a renda per capita dos membros da família.

TABELA 6

Renda Per Capita

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Menos de Cr\$10	28	28,9	27	28,7	55	28,8
10 - 14	23	23,7	33	35,1	56	29,3
15 - 19	20	20,6	23	24,5	43	22,5
20 - 29	12	12,4	6	6,4	18	9,4
30 - 39	10	10,3	3	3,2	13	6,8
40 - 49	2	2,1	1	1,1	3	1,6
50 - 59	1	1,0	-	-	1	0,2
60 - 69	1	1,0	1	1,1	2	1,0
80 - 99	-	-	-	-	-	-
+ de 100	-	-	-	-	-	-
TOTAL	97	100	94	100	191	100

TABELA 7

Salário Mensal

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Menos de 20	-	-	8	8,5	8	4,2
20 - 24	6	6,2	13	13,8	19	9,9
25 - 29	16	16,5	37	39,4	53	27,7
30 - 39	40	41,2	27	28,7	67	35,1
40 - 49	15	15,5	3	3,2	18	9,4
50 - 59	7	7,2	2	2,1	9	4,7
60 - 69	1	1,0	1	1,1	2	1,0
70 - 79	4	4,1	1	1,1	5	2,6
80 - 100	5	5,1	2	2,1	7	3,7
Mais de 100	3	3,1	-	-	3	1,6
TOTAL	97	100	94	100	191	100

2.2.4- A SITUAÇÃO PESSOAL

Um número considerável de operários (40%) nos declarou que sua situação pessoal havia melhorado nos últimos cinco anos (1958 a 1963). Deve-se notar que, pelas respostas dadas, em alguns casos, o que aconteceu foi exatamente o contrário. Por exemplo, muitas vezes nos achamos diante de respostas como: "Melhorou, porque minha mulher não trabalhava e agora trabalha". Na verdade, o que ocorreu foi que o trabalho do marido, que era suficiente para prover o pleno sustento da família, deixou de sê-lo, ou seja, na verdade, diminuiu o salário real da pessoa, porém aumentou o do agregado familiar. Assim, no momento em que a mulher ou outros membros da família começam a trabalhar, há um aumento das disponibilidades e o indivíduo tem a ilusão de que sua vida melhorou, não levando em conta que no momento anterior era o suficiente para o sustento da casa o trabalho de um e agora é necessário o trabalho de dois para arcar basicamente com as mesmas despesas.

Dos 40% dos operários que consideram que a sua situação pessoal melhorou, 12% acreditam que isso é devido ao fato de ganharem mais sem qualquer referência a fatores de outra ordem; 28%, por seu turno, imputam esse fato à mudança de emprego, mudança de cidade etc., sem que necessariamente isso tenha uma relação com o salário. Temos, por exemplo, casos como o de um indivíduo que considera que sua situação melhorou porque em São Paulo há hospitais e onde morava anteriormente não havia, ou indivíduos que trabalhavam em turnos noturnos em indústrias e atualmente trabalham de dia, ou ainda os que executavam serviços menos salubres e passaram para um trabalho sem riscos para a saúde. Da mesma forma, temos 6% dos operários que imputam a piora também a esses fatores, não necessariamente relacionados com os salários. Se tomarmos unicamente aqueles que fazem referência a salário, veríamos que a maioria (57%) acredita que

sua situação permaneceu inalterada; 12% acreditam que melhorou e 16% acreditam que piorou.

Se fizermos um levantamento das respostas obtidas, é interessante notar que os que acreditam que a situação pessoal melhorou imputam isso a fatores mais particulares, enquanto os que acreditam que piorou atribuem a fatores que afetam a classe operária mais em seu conjunto, embora a referência imediata seja sua situação pessoal.

Com relação ao trabalho de outros membros da família, acreditam que haja dois estágios da consciência operária. Num primeiro momento, a renda total da família aumenta e há uma euforia com isso. Num segundo momento, a partir de uma visão retrospectiva, percebem que mesmo com a incorporação de mais membros da família ao trabalho, a situação continua igual ou pior do que quando apenas o chefe da casa trabalhava. Assim, como exemplos do primeiro estágio, temos declarações do tipo: "Melhorou. Minha irmã e meu pai, que não trabalhavam, começaram a trabalhar" (Quest.); "Melhorou, porque estou ajudando meu marido, comecei a trabalhar" (Quest.); "Melhorou. Antes nós andávamos mal, não tínhamos recurso, agora eu e meu pai trabalhando, melhorou" (Quest.); "Está melhorando. Antes, trabalhava-se pouco e não dava. Agora, já estamos maiores e tem mais dinheiro, porque mais gente trabalha" (Quest). Correspondendo ao segundo estágio de percepção da pauperização a que são submetidos, temos uma declaração que expressa muito bem esse processo: "Minha situação ficou na mesma para pior. Antes, só o meu marido trabalhava, agora eu também trabalho, mas o dinheiro não dá. Não sobra para um lote de terreno, para nada" (Quest).

Outro fator que acreditamos ser importante para a explicação de algumas respostas que afirmam que a situação pessoal melhorou é o fato de contar a fábrica com a escola profis

sional em que trabalhadores menores são treinados para serviços mais complexos ou ainda a existência de vários serviços que empregam também menores. Assim, quando chega a maioridade, esses trabalhadores passam a ganhar "salário de maior", o que significa um aumento considerável. Ou ainda a sensação de euforia do começo de trabalho daqueles que eram totalmente dependentes e ainda com uma margem muito reduzida, uma vez que se acham inseridos na família, uma certa sensação de independência. "Melhorou um pouco, comecei a trabalhar e já tenho meu dinheirinho" (Quest.).

TABELA 8

Nos últimos cinco anos, a sua situação pessoal melhorou, piorou ou continuou igual?

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Continuou igual, o salário subiu e as coisas aumentaram	39	40,2	31	33,0	70	36,6
Melhorou, porque agora ganha mais	12	12,4	11	11,7	23	12,0
Melhorou devido a promoção, mudança de emprego, mudança de cidade etc. (outras pessoas da família trabalham)	23	23,7	51	53,0	54	28,5
Piorou devido ao aumento do custo de vida	16	16,5	15	15,9	31	16,2
Piorou, devido a mudança de emprego, mudança de função, doença etc. ou outros motivos es- tritamente pessoais	6	6,2	6	6,4	12	6,5
S/R	1	1,0	-	-	1	0,5
TOTAL	97	100	94	100	191	100

Fator importante para se levar em consideração quando se trata de analisar a situação pessoal é o problema da migração dos centros rurais para a grande cidade. É ponto pacífico para alguns que a simples migração já significa uma melhora de vida: maiores oportunidades de trabalho, melhor remuneração, condições de vida mais amenas seriam, entre outros, fatores determinantes para que, no próprio nível de consciência dos operários, a migração para os centros industriais sempre apareça como algo de positivo. Não encontramos, entretanto, por parte dos operários de nossa amostra que sofreram ou realizaram essa migração, tal unanimidade de opiniões. De fato, entre aqueles que acreditam que a situação pessoal melhorou devido à migração parece ser a oferta de trabalho nas cidades o fator mais importante. Na medida em que se vai realizando um processo de proletarianização de classes antes ligadas ao artesanato, setor serviços ou mesmo pequenos proprietários rurais, a cidade, com a indústria, parece ser não o melhor mas o único caminho que permanece aberto, não para a ascensão social, como se pretende, mas sim para a própria sobrevivência. "Para mim melhorou. Antes eu morava no interior, onde era difícil serviço. Aqui o serviço era melhor" (Quest.). Melhorou, porque no interior o serviço era mais difícil; em São Paulo há mais facilidades, tem mais indústrias (...)" (Quest.). Deve-se ressaltar também o fato de que fatores como assistência médica e legislação trabalhista jogam um papel bem importante, no caso dos migrantes, quando fazem considerações sobre sua situação pessoal. "Tenho mais conforto aqui em São Paulo. Tenho trabalho. Aqui tem médicos, onde eu morava não tinha médicos, só com muita dificuldade" (Quest.). "Depois que mudei para São Paulo foi 100% melhor. Aqui tem médico, escola para os filhos, reajustamento salarial para o operário" (Quest.).

Outros operários, entretanto, não parecem acreditar que a vinda para um centro urbano tenha melhorado significati

vamente sua situação pessoal. "Está tudo na mesma. Morando na roça era ruim, vimos para a cidade para mudar de vida e continuou tudo na mesma" (Quest.). "Está na mesma. A saída do interior não mudou em nada. Aqui eu ganho mais, mas pago aluguel (...)" (Quest.). "Piorou. Antes eu vivia no sítio e tinha mais conforto" (Quest.). "Continuou na mesma. No interior (minha vida) estava boa. Na cidade a vida continuou na mesma (...)" (Quest.).

Muitas vezes tem-se procurado explicar o fato de alguns migrantes rurais não se adaptarem à vida nas grandes metrópoles por serem incapazes de se despirem dos valores da comunidade de origem onde haveria uma afetividade muito maior, resultante da maioria ou quase totalidade dos contactos serem primários, em contraste com a frieza e impessoalidade da vida nas grandes cidades. Nesse sentido, temos uma resposta que nos parece bastante interessante porque inverte os termos do problema. É claro que se trata de um caso individual, mas é claro também que nem por isso poderemos deixá-lo simplesmente de lado, visto que ele representa uma possibilidade da consciência do migrante. Nosso entrevistado declara: "Melhorou. Primeiro quando eu vivia na Bahia eu não era casado e agora como casa do encontrei muita felicidade; em segundo lugar, aqui tenho amigos; em terceiro lugar, aqui há mais chance de trabalho". Apesar de estar apontado também o fato de que na cidade grande são maiores as oportunidades de trabalho, é em um plano quase estritamente das relações pessoais que é colocada a vantagem da vida na grande cidade. A metrópole tentacular e fria, em oposição à bela totalidade integrada que é a comunidade rural, não parece se apresentar como hostil a nosso entrevistado, pelo contrário.

2.2.5- PARTICIPAÇÃO SINDICAL

Qual o significado real do sindicato na vida do operário, além de sua função, não desprezível, de órgão assistencial? Nem fator de conscientização da classe, nem ninho de legos (Almeida, 1975), qual então o significado do sindicato?

Talvez, para bem abordar o problema, tenhamos que partir dos projetos de vida dos operários. A se acreditar que o sindicato tivesse meramente uma função assistencial, seria inexplicável que a maior parte dos operários sindicalizados estivesse entre os operários de uma camada de renda mais elevada que deveriam ser aqueles com uma menor necessidade de assistência médica ou jurídica proporcionada pela entidade de classe. Por outro lado, não podemos acreditar o sindicato como uma associação política nos moldes das antigas associações operárias das primeiras décadas do século, dada a explícita reprovação dos operários à atividade política do sindicato. É bem verdade que a palavra política recobre uma área de significado bastante especial, onde vem associada às idéias de politicagem, negociações e outras operações ilícitas. Mais do que uma esfera de não-trabalho, a política aparece como uma esfera de anti-trabalho. Como em sua vivência com a sucessão aparente dos grupos no poder não vêem possibilidade de melhoria de sua situação, se apresentam como contrários ou desinteressados da política. E tão afetados estão pela falsidade dessas categorias que em muitos casos se mostram incapazes até mesmo de perceber uma luta por seus verdadeiros interesses.

O que leva, então, um operário a aderir ao sindicato. Tentemos abordar o problema no momento em que aquilo que se poderia chamar de um projeto individual converge e se encontra com as necessidades de luta, ainda que meramente salarial,

dos operários enquanto categoria. Poderíamos afirmar, ao menos como hipótese, que a sindicalização significa a aceitação subjetiva da condição objetiva de operário. Na medida em que ele se associa com outros trabalhadores, com os quais na maioria das vezes pode não concordar mas os reconhece como trabalhadores que ao defenderem seus interesses defendem os de toda a categoria, ele se pensa então como parte desse conjunto de que o sindicato é a objetivação. Também ao se sindicalizar, ao aceitar sua condição, o operário muitas vezes deixa de lado a ilusão da ascensão social. Sabe-se operário, e é enquanto tal que deve conduzir sua luta. Talvez o que não perceba bem seja de que maneira essa luta deve ser conduzida, não formula os problemas, nem reconhece seu adversário, mas é parte de um todo, para o mal ou para o bem. Então, a sindicalização não é nem a simples procura de uma entidade paternalista que distribua benesses, nem a conscientização do operário que se engajando na entidade de classe se engajaria na luta política claramente dirigida, porém a sindicalização significa a restrição de um projeto pessoal a um projeto operário, com todas as consequências que a percepção subjetiva da realidade objetiva tem para a consciência e ação desses indivíduos.

O número de operários sindicalizados na fábrica Arco Iris é superior a 50%. A presença sindical é constante e bastante forte. Antes da realização da pesquisa chegou mesmo a haver um delegado do sindicato na fábrica, iniciativa tomada pela diretoria da empresa que assim, aceitando o sindicato como interlocutor válido, esperava diminuir os conflitos operários que se manifestavam sobretudo na forma de greves; entretanto, logo a própria diretoria tratou de eliminar essa presença, que ao contrário de suas pretensões, se tornou na verdade incômoda. Alguns operários, no presente ou no passado, militaram de maneira mais ativa no sindicato. Ligações pessoais entre alguns operários e líderes sindicais ativos na época, como Remo Forli,

Dellelis ou Plácido, ou a presença destes na fábrica durante campanhas eleitorais para o sindicato ou mesmo em outras ocasiões, demonstra a presença constante do sindicato na vida da Arco Íris. Entretanto, a maioria dos operários da fábrica não tem praticamente nenhuma participação sindical, excetuando-se, é claro, a votação nas eleições, a procura de serviços médicos ou o recurso à assistência jurídica nas pendências com os empregadores. De fato (Tabela 9), 63% dos 97 operários sindicalizados que entrevistamos declararam não participar de forma nenhuma das atividades sindicais. Dos restantes, apenas 7% declararam participar com alguma regularidade das assembleias e frequentar o sindicato de uma maneira geral para se informar sobre os problemas da classe.

TABELA 9

Que tipo de participação o senhor tem no sindicato?

	SINDICALIZADOS	NAO SINDICALIZADOS	TOTAL
Não é sócio	-	94	94
Nenhuma	61/62,9%	-	61
Para serv. assist. e atividades ociosas	29/29,9%	-	61
Participação sindical mais ativa	7/7,2%	-	7
T O T A L	97	94	191

Mas o que esperam realmente os trabalhadores do sindicato? O que é interessante é que uma porcentagem muito pequena dos trabalhadores acha que a ação fundamental do sindicato deve ser no nível dos reajustamentos salariais (Tabela 10).

TABELA 10

Como o sindicato deve agir para melhorar as condições de vida e de trabalho dos operários?

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL
	N	%	N	%	
Reajustes salariais	15	15,5	11	11,7	26
Assistência, Orientação, Defesa de direitos	27	27,8	31	33,0	58
Pressão do organismo para abaixar e estabilizar o custo de vida. Promover a união da classe	26	26,8	13	13,8	39
Nada, porque não têm força	8	8,3	6	6,4	14
Posições identificadas com o ponto de vista patronal	10	10,3	8	8,5	18
S/R, não entendo nada de sindicato	11	11,5	25	26,6	36
T O T A L	97	-	94	-	-

Há por parte da maioria dos operários uma atitude altamente ambígua com relação ao sindicato. Por um lado, acham que o ideal seria um entendimento; como esse parece impossível, então a solução é a ação do sindicato tal qual se dá. Por outro lado, há a acusação de que o sindicato se preocupa mais com política do que com os interesses dos operários, mas com frequência reivindicam do sindicato um tipo de pressão que seria na verdade uma pressão política, porque acreditam que a ação do sindicato apenas reivindicando aumentos e reajustes salariais não é suficiente para resolver a situação dos ope

rários. Em geral, com todas as considerações e senões, há, de certa forma, um apoio à atuação do sindicato.

Na medida em que se tentava, em 1963, aglutinar as forças de esquerda em torno do programa populista das reformas de base e nacionalização de certos setores de nossa economia, as forças reacionárias, que acabariam por dar o golpe de 19 de abril, se juntavam e, fartamente financiadas pelo IPES, IBAD e outros organismos lhes faziam oposição. Na eleição para o sindicato dos metalúrgicos em 1963, concorriam três chapas. A chapa 1, formada pela situação e apoiada pelas forças que se aglutinavam em torno do apoio ao governo de João Goulart; a chapa 2, apoiada pelo Movimento Sindical Democrático, organização direitista apoiada pelos patrões, setores reacionários da política, entidades fascizantes, setores reacionários do clero e por organizações norte-americanas que já então se imiscuíam cada vez mais da vida nacional e tramavam a derrubada do governo (Dreifuss, 1981); e a chapa 3, que fazia oposição de esquerda à situação sindical, apoiada principalmente pela dissidência comunista chamada então de linha chinesa. A situação vinha vencendo há muitos anos as eleições sindicais e venceu também em 1963. Para derrubá-la seria necessário mais do que o dinheiro farto do Movimento Sindical Democrático, para derrubá-la seria necessário o golpe de 1964. Pouco depois deveria haver a eleição para a Federação dos Metalúrgicos. Os candidatos do Sindicato de São Paulo, Dellelis e Plácido, deveriam vencer essa eleição; a solução encontrada pelos setores reacionários foi acusá-los de estarem envolvidos na revolução dos sargentos de Brasília, a fim de que não pudessem participar da eleição. Essa eleição foi ganha pelo Movimento Sindical Democrático.

Na eleição para o Sindicato, um dos operários da empresa, um polidor, era candidato na chapa 2. Definiu-o bem o chefe da seção onde trabalhava: "Manoel é muito simples, pessoa

do interior, convidaram ele para capanga, ele é uma pessoa sem tarimba." Pouco depois da eleição, durante uma greve, Manoel foi preso, abandonado e iludido por seus "companheiros" do Movimento Sindical Democrático; ficou preso por três dias. Tal vez porque Manoel fosse uma pessoa não vendida é que foi abandonado. Militante da J.O.C., acreditando em um cristianismo mais justo, mas bastante desorientado, Manoel não repetia os clichês de seus amigos de chapa. Apoiava a agitação sindical como arma útil para o esclarecimento da massa, recusava-se a acusar a diretoria de ser totalmente de comunistas e reconhecia mesmo aos comunistas, numa democracia, o direito de agir de acordo com suas idéias, no caso de não haver outra saída possível (ver adiante a entrevista de Manoel).

Nas entrevistas em profundidade, um dos aspectos que tentamos explorar foi justamente o que diz respeito às eleições sindicais. Através de alguns trechos de depoimentos sobre este tema, cremos ter a possibilidade de abrir uma perspectiva mais ou menos ampla para compreendermos um pouco melhor a atitude ambígua em relação ao sindicato, que não pode ser reduzida, cremos, a um mero apoio ou rejeição do sindicato existente.

"Na eleição para o sindicato, sempre voto contra a situação, só para experimentar outra diretoria, sem pensar em sua composição. Votei na chapa 2 sem analisar os componentes, só para experimentar outra diretoria (Entr.nº 1).

"Votei na chapa 2. Precisa renovar, sair os agitadores. Votei na oposição, qualquer classe sindical não deveria permanecer no poder" (Entr. nº 5).

"Acho o sindicato errado. Porque desde que seja dos metalúrgicos, deveria procurar agir no interesse da classe e não agitar (...) Votei na chapa 2. O sindicato tem que procurar

rar o entendimento entre os sindicatos patronais e os operários. A chapa 2, se ganhasse, não faria mais agitação." (Entrevista nº 16).

"O Sindicato deve fazer auto-esclarecimento, esclarece muito por cima, dizem que o Jânio e Adhemar não prestam, nenhum presta. Além do que, acho que o sindicato não tem nada a ver com assistência social. A única coisa boa é a agitação, porque fica mais fácil conversar com o povo, para atrair o povo. Deviam conseguir uma melhora para nós, através de calma e paz, não se meter em conflito. A greve não é necessária, só serve para a polícia prender, eles têm a possibilidade de instruir o povo, os sócios, pelo menos (...). Na eleição do sindicato a maioria vai de carneiro, vota nos que já estão, porque têm mais nome. Mas não é que eles vão fazer coisa de mal, porque no meio deles tem alguns que enxergam." (Entrevista nº 17).

"Estou procurando conversar com os colegas. Hoje em dia, quem pensa e tem opinião própria, tem que abandonar o sindicato. A eleição da chapa 1 é o resultado da ignorância do povo. As duas chapas são desiguais; nós que trabalhamos, esperamos sábado e domingo para fazer reunião e mesmo assim temos que fazê-la num escritório emprestado por um deputado federal. O Partido Comunista tem um exército de homens que não trabalha e só faz agitação. Não é que eles recebem dinheiro de Moscou, são os próprios capitalistas brasileiros que pagam, porque têm medo." (Entrevista nº 19).

"Sou sócio do sindicato e votei na chapa 2. Foi besteira, um amigo meu, o Manoel, era da chapa 2. Ele me pediu muito, eu não queria, mas acabei votando. A chapa 1 sempre foi melhor mesmo. Eles sempre fizeram uma boa direção, conseguiram o 13º salário. Não é só que eles se viram melhor porque estão lá há tempo, fazem coisas mesmo; e eu fui arris-

car numa chapa que a gente nem conhece. Sempre falam que os dirigentes são ruins, comunistas, eu não creio. Sempre elogiei muito o que eles fizeram." (Entrevista nº 20).

"Votei na chapa 2, mas se trata de pessoas que não têm nome, nunca poderia ganhar. Votei pelo Manoel. Fiquei em dúvida, a chapa 1 não é ruim, há elementos que fogem ao nosso setor, elementos que apelam para o comunismo, mas os operários que participavam eram bons (...). A diretoria toda não é comunista e tem feito alguma coisa. Não é verdade que o sindicato prejudique os operários (...). A lei do sindicato é fazer o que é preciso para beneficiar os operários, agora se beneficiar os operários é chamado de comunista, então não sei nem por que chamam." (Entrevista nº 22).

"Na eleição do sindicato votei em branco, não quis saber. É muito fácil, hoje em dia, taxar os outros de comunistas. Eles são os únicos que procuram fazer algo pelos operários, seja com segundas intenções ou não, eles fazem." (Entrevista nº 12).

"Votei na chapa 1, porque acredito que a chapa 1 tenha maior conhecimento dos assuntos ligados aos operários." (Entrevista nº 31).

"Votei na chapa 1, porque conhecia o Plácido e o Dellélis, que pareciam bons." (Entrevista nº 30).

"Sou sócio do sindicato e votei na chapa 1, embora não frequente o sindicato, sou sócio por uma questão de princípio, a gente deve estar ao par. Essa diretoria fez muita coisa, o 13º salário, por exemplo. Numa diretoria há sempre o bom e o mau, e eu acho que essa foi uma ótima diretoria. Quem é contra é o pessoal da produção (operário não qualificado), o pes

soal profissional sabe melhor. Acho que o sindicato beneficia mais o pessoal profissional." (Entrevista nº 26).

"Nunca participei mais diretamente do sindicato, votei na chapa 1, porque de alguns anos para cá vem ganhando e vem sendo boa (...). Hoje em dia, é fácil chamar de comunista os homens que fazem bem para classe pequena, os capitalistas querem tirar o couro, como na indústria e na lavoura." (Entrevista nº 13).

"Sou sócio do sindicato e votei na chapa 1, porque eles já estavam lá, trabalham e fazem força pelos operários. Plácido, aquele pernambucano, e o Dellêlis, que são homens corajosos, estão presos, eles fazem tudo pelos operários (...). Eu não concordo com o comunismo (...). Dellêlis e Plácido são do Partido Comunista, mas eles não prejudicam os operários." (Entrevista nº 8).

"Votei na chapa 1, porque estou acostumado com o pessoal (...). Ação do sindicato está sendo favorável, há muito que fazer no sindicato. A chapa 2, como me informaram, tinha propaganda feita pelos padres na missa. Padre fazer propaganda é o fim, acho ridículo esse negócio de Igreja." (Entrevista nº 6).

"Sou sócio do sindicato. Votei na chapa 3 para tirar aquela continuidade, botar lá ideias novas, reformas. Alguns elementos da chapa 3 eram muito bons, capazes de orientar melhor os operários. Em todo caso, a chapa 1 tem uma orientação bastante boa. A chapa 2, do Movimento Sindical Democrático, são muito religiosos e chamavam as outras de comunistas, estavam querendo partir para outro campo." (Entrevista nº 29).

Tentemos, ainda que de uma maneira sumária, analisar

as diferentes motivações para as eleições expressas nos trechos de entrevistas acima transcritos. Nas entrevistas 1, 5 e 16 encontramos, de uma forma geral, a repetição dos clichês da propaganda da chapa 2: renovação e combate à agitação eram a tônica da campanha do Movimento Sindical Democrático. O combate à agitação sobrepunha-se a qualquer luta pelos interesses operários; operários autênticos deveriam ser eleitos, deveria haver um expurgo dos elementos alheios à classe, só os metalúrgicos podem saber dos interesses dos metalúrgicos, o conflito industrial é o resultado da ação de agitadores estranhos ao meio operário; no dia em que os sindicatos forem realmente geridos pelos operários (ligados ao Movimento Sindical Democrático, é claro) patrões e operários atingirão a idade do ouro do entendimento, que é atualmente impedido de se realizar pela presença de agitadores comunistas no sindicato.

As entrevistas 20 e 22 mostram motivos meramente pessoais para o voto. Na verdade, um e outro reconhecem a eficácia da luta por parte da situação sindical, e normalmente deveriam votar na chapa 1, apenas não o fizeram porque um colega, o Manoel, havia pedido para que votassem na chapa da qual participava. Um imediatamente reconheceu que foi bobagem sua votar nessa chapa, e o outro, ao que parece, só o fez por amizade também e principalmente porque tinha certeza de que essa chapa não seria eleita. Sua situação era cômoda, satisfazia a um companheiro de trabalho e sabia que seria eleita a chapa que acreditava ser a melhor.

Já na entrevista de nº 17, trata-se de um caso interessante. É o próprio Manoel que expõe o seu ponto de vista. Na verdade, não se trata de alguém que tenha sido comprado pelos patrões; trata-se, antes, de um iludido e de um confuso. A agitação parece positiva, mas a greve é negativa; a tarefa do movimento sindical deveria ser esclarecer e despertar a cons

ciência do proletariado, mas a violência parece não ser um bom meio para isso.

Na entrevista nº 19, trata-se de um caso diferente. O entrevistado é um dos antigos líderes grevistas comprado pela direção da empresa através de uma promoção. Boicotado nos meios sindicais, a derrota da situação sindical passou a ser um problema pessoal para ele. Ao mesmo tempo em que fala da ingerência de elementos estranhos à classe no sindicato, quer seria dirigido por profissionais comunistas, ele aceita reunir-se no escritório de um determinado deputado federal, que por certo não é também um operário metalúrgico.

Contrastando com os motivos abstratos daqueles que votaram na chapa 2, temos uma visão concreta, por parte daqueles que votaram na chapa 1, da ação do sindicato. Seu pensamento não está nas vagas palavras, agitação, subversão, renovação, mas sim em problemas concretos da classe que foram, talvez não da melhor forma, mas de qualquer maneira o foram, resolvidos pela situação sindical que apoiava a chapa 1: 13º salário, reajustes e aumentos salariais, assistência médica e jurídica. Comunismo, para eles, não aparece como uma palavra mágica e mal dita que precisaria ser exorcisada onde quer que se suspeitasse de sua existência. Sua atitude em geral, com relação ao sindicato, poderia ser verbalizada no que nos disse o entrevistado nº 6, referindo-se não especificamente ao sindicato mas à política de uma maneira mais ampla: "O que nos interessa é o que vão fazer e não que são contra o comunismo."

É interessante notar, na entrevista nº 26, a separação feita entre o que ele chamou de "o pessoal da produção" e os "profissionais". Naturalmente, enquanto "profissional", o entrevistado tende a valorizar sua categoria dizendo que sabem melhor. Mas realmente é de se pensar que a possibilidade de ma

nipulação pela propaganda reacionária poderia ter sido mais eficaz junto aos setores não profissionalizados, na medida em que se trata de indivíduos ainda não integrados, apesar de pertencerem ao sindicato, definitivamente a um determinado projeto profissional. O interesse pelo sindicato, tanto pelo que realizou como por seu futuro, parece de fato maior por parte daqueles que tendo um trabalho bastante qualificado estão mais ou menos presos ao setor do que para aqueles que, parafraseando um Marx ao contrário, podem ser padeiros pela manhã, alfaiates à tarde e metalúrgicos à noite, porque pela indiferenciação de seu trabalho na verdade são simples operários.

Restam dois casos, o do operário que votou em branco e o do operário que votou na chapa 3. O primeiro, ao parece, não tinha a intenção de tomar partido ou de se comprometer ligando-se a uma determinada corrente do sindicato. Entretanto, sua simpatia está com a chapa 1, que tem realizado benefícios para os operários. O eleitor da chapa 3 realiza uma síntese bastante feliz do que eram as três chapas: a chapa 1, realizadora, a chapa 2 apenas acusando as outras de comunistas e a 3 capaz, talvez, de orientar melhor os operários.

2.2.6- GREVES

De 1955 até 1963, ano em que realizamos nossa coleta de dados para o presente estudo, todos os anos, pelo menos uma vez a empresa foi paralisada por greves. Todas as vezes que o sindicato ordenou a paralisação, houve obediência por parte dos operários e houve também, fato doscretamente deixado de lado pela direção, greves que se circunscreveram à fábrica devido ao atraso de pagamento, problema a que já aludimos anteriormente.

TABELA 11

De quantas greves o senhor participou?

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
0 - Nenhuma/Não houve greve	1	1,0	29	30,9	30	15,7
1	5	5,1	6	6,4	11	5,7
2	22	22,7	25	24,5	45	23,6
3	31	31,9	21	22,3	52	27,2
4	11	11,3	10	10,6	21	11,0
5	9	9,3	3	3,2	12	6,3
6	7	7,2	1	1,1	8	4,2
7 ou mais	4	4,1	-	-	4	2,1
X - não sabe	7	7,2	1	1,1	8	4,2
TOTAL	97	100	94	100	191	100

De fato, apenas 16% dos 191 operários entrevistados

não haviam participado de nenhuma greve na empresa, e isso não porque tivessem furado a greve, mas porque ou se tratava de operários admitidos recentemente ou em outros casos, operários que quando da realização de greves se achavam em férias ou de licença por motivo de saúde.

Na fábrica pudemos notar um certo clima de presença constante da greve. Cada mês, por ocasião do pagamento, sentia-se a inquietação e a possibilidade no horizonte, que no caso não era uma linha imaginária, da greve como solução possível. Além disso, por ocasião das greves da categoria por reajustes salariais, bem como por algumas greves políticas, havia a paralisação por parte dos operários da fábrica. Naturalmente, a conjugação do fato de a fábrica colocar problemas salariais todos os meses com o fato de os operários serem metalúrgicos, que sempre foi o sindicato mais combativo e mais politizado, contribuía para o número talvez relativamente elevado de greves que afetavam a empresa. De resto, a impossibilidade da direção conduzir uma política em relação ao pessoal que servisse para minorar certos conflitos, não permitia que o problema fosse resolvido. Fator interessante a ser lembrado é o fato de a fábrica ficar um pouco afastada e situada em uma área onde eram poucas as indústrias existentes. Essa constatação vai contra a tendência geral observada que tende a imputar a ação de piquetes a paralisação e condicionamento a ação destes à localização das empresas, donde se concluiria que as fábricas onde ocorre maior número de greves são aquelas que se situam em zonas onde é maior a concentração industrial. Não se deve superestimar de tal forma o papel do piquete que a ele se acabe por atribuir o papel único e exclusivo pela paralisação das fábricas. No caso da Arco Iris, por vezes ela foi visitada pelos piquetes, em outras não. É claro que se pode lembrar as condições descritas, particulares à fábrica, que tornam propícia qualquer ação combativa. Outro fator importante que não deve

mos deixar de lado é o fato de mais de 50% dos operários da fábrica serem sindicalizados. Ainda uma certa parcela, cremos, entretanto, muito pequena, de operários militantes ativos do sindicato ou de organizações políticas tinham por certo um papel importante nesses movimentos. Seria então de se acreditar que uma pequena minoria manobrasse os companheiros, obrigando-os a contra a vontade participar de greves que julgavam injustas?

À pergunta "Que tipo de participação o senhor teve nas greves" apenas 7% se declararam como contrários às greves, das quais entretanto participaram. Então, não se pode pensar numa simples manobra, se havia indiferença essa era, entretanto, voltada para os movimentos grevistas. Nem espontaneísmo da massa, nem manobras maquiavélicas, mas simplesmente uma massa explorada, uma liderança consciente e conhecedora de seus problemas, capaz de conjuntamente realizar a greve.

TABELA 12

Que tipo de participação o senhor teve nessas greves?

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Não houve greve/estava em férias/estava em licença	1	1,0	29	30,9	30	15,7
Foi contra	5	5,1	8	8,5	13	6,8
Ficou em casa	8	8,2	5	5,3	13	6,8
Não entrou porque ou tros não entraram/participação simples/ou parou	78	80,4	52	55,3	130	68,1
Atividades organizacionais	5	5,1	-	-	5	2,6
TOTAL	97	100	94	100	191	100

De resto, não se trata apenas de baderna ou de agitação por parte das lideranças, que encontrariam no meio ignorante da massa operária terreno frutífero para a proliferação de teses subversivas, contrárias aos interesses da classe. Por estranho que possa parecer, eram elementos da própria diretoria da empresa que durante a crise do Plano Trienal procuravam provocar greve para dela tirar proveito. Disse-nos um antigo operário: "O pagamento está atrasado, a fábrica quase parou hoje de manhã. Só não paramos porque é isso mesmo que eles querem. Parar a fábrica, nessa situação, é vantajoso para o patrão, porque eles têm estoque e não pagariam os dias de greve. Sabendo disso é que eles aproveitam e não pagam no dia certo, pois sabem que uma greve agora seria totalmente vantajoso para eles e traria só desvantagens para nós operários. Foi por isso que não paramos a fábrica."

Entretanto, os conflitos na Arco Íris não assumem de forma alguma um caráter pessoal contra o patrão. Há uma consciência de que apenas os operários especializados poderiam, ainda que com muita dificuldade, encontrar emprego equivalente. Apenas nas empresas automobilísticas seria possível emprego melhor, mas eles sabem que se trata de casos excepcionais e dentro da média das empresas do ramo não se trata de uma má fábrica nem de um mau patrão. Confusamente, embora, é percebido pelos operários que o patrão não é bom nem mau, simplesmente é patrão e age de acordo com seus interesses, de resto iguais aos de todos os patrões, cuja ação também não é muito diferente da sua. Assim, por exemplo, diz-nos um entrevistado: "Fiz concurso para a GE e fui aceito. Cheguei até a fazer exame médico. Fui falar com o Dr. W. que ia sair mas ele me deu aumento e eu fiquei." (Entrevista nº 1). "Apesar do Dr. W. ser bom, se a fábrica não parar prejudica os outros." (Entrevista nº 20). Ou outro que se declara muito satisfeito na fábrica: "Se o operário pede aumento ao patrão, logicamente ele não dá (...) Eles

não têm interesse em dar aumento porque diminui o lucro deles. Se todos os patrões chegassem à conclusão que os operários me recem... mas não." (Entrevista nº 8). Ainda no mesmo sentido declara outro operário: "Não pretendo sair da fábrica. Uma firma só paga bem quando é de autopeças, as outras metalúrgicas pagam um pouco melhor mas a diferença é mínima." (Entrevista nº 20). A respeito de uma greve em outubro de 1963 por aumento salarial diz um operário: "A fábrica parou por conta própria, o piquete não veio aqui, aqui não houve conflito nenhum." (Entrevista nº 17).

De uma forma geral, o que se pode observar é que os operários em princípio sempre são contrários à greve. Há a consciência de que sendo a parte mais fraca serão eles logicamente os mais prejudicados. Entretanto, as greves se repetem. Acreditamos que a oposição que os operários fazem à greve não é um mero clichê patronal repetido por eles, realmente eles acreditam, e melhor sabem, porque já sentiram várias vezes na própria carne, que a greve, que é para o patrão uma questão de dinheiro, é para eles uma questão de comida. Nesse sentido, realmente, apenas quando a pressão do custo de vida aperta (ver tabelas 13, 14 e 15) é que eles lançam mão desse recurso. Não parece certo que a mera presença do piquete ou a agitação sindical levasse os operários a pararem. A greve realmente corresponde a uma situação vivida insustentável. Os operários buscam sempre outras soluções, falam em maior união dos trabalhadores, clamam por um melhor entendimento com os patrões ou por um sindicato mais forte e atuante que fosse capaz de parlamentar ou pressionar os patrões para conseguir o aumento sem o recurso à greve. Entretanto, percebem que nas condições existentes, a greve é o único recurso de que dispõe. Longe de ser um produto da agitação, a greve se apresenta como o único recurso disponível de que podem lançar mão os mais fracos para tentar obter não benefícios, mas ao menos sobrevivência. Declara um operário

rio: "Antigamente a fábrica só parava com piquete, agora para em toda greve. Como é que se vive com o mínimo?", o que seria totalmente o contrário daqueles que pensam que era a ação agitadora do sindicato que provocava as greves, porque no caso essa parada espontânea dava-se no auge da democracia populista (Entrevista nº 20). A preferência do operariado ainda seria de receber favores dos patrões, do sindicato e do Estado. Não se pensando essencialmente como sujeitos, esperam que outros lhes dêem o que precisam. Mas aos poucos percebem que dependem de si próprios, que é de sua ação que resultará ou não as melhorias ou a simples manutenção de seu nível de vida. "Estamos nessa situação social ruim porque ninguém resolve nossos problemas, somos obrigados a nos unir (e a fazer greve)" (Entrevista nº 31).

TABELA 13

Por que o senhor acha que se faz greve?

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Apenas motivos econômicos	50	51,5	53	56,4	103	53,9
Outros motivos	44	45,4	33	35,1	77	40,3
Sem resposta	3	3,1	8	8,5	11	5,7
TOTAL	97	100	94	100	191	100

TABELA 14

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Apenas motivos políticos	22	22,7	12	12,8	34	17,8
Outros	72	74,2	74	78,7	146	76,4
Sem resposta	3	3,1	8	8,5	11	5,7
TOTAL	97	100	94	100	191	100

TABELA 15

	SINDICALIZADOS		NÃO SINDICALIZADOS		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
Motivos políticos (entre outros)	39	40,2	24	25,5	63	33,0
Outros motivos	55	56,7	62	65,9	117	61,3
Sem resposta	3	3,1	8	8,5	11	5,7
TOTAL	97	100	94	100	191	100

3- O DISCURSO ESQUIZOFRÊNICO

Quando vemos os trabalhos que abordaram as atitudes e o comportamento operários durante o período populista, principalmente nos dois autores que mais seriamente o estudaram, Juarez Brandão Lopes e Leôncio Martins Rodrigues, a impressão que temos é que nos encontramos diante de comportamentos inteiramente desprovidos de sentido. Assim, um mesmo indivíduo manifesta-se violentamente contra o patrão, contra o sindicato, diz-se favorável à reforma agrária e ao programa de reformas de base em geral e declara intenções de voto para candidato de extrema direita. A conclusão é a de que o operário brasileiro não tem consciência de classe.

Antes de apresentar as entrevistas, existe uma questão prévia a ser colocada. É evidente que a consciência empírica da classe não se confunde com sua consciência possível, embora essa última categoria tenha ares de um vão exercício de estilo ou de uma pobre metafísica onde Deus é substituído pela lógica da história e a Razão, materializada no proletariado do libertado e libertador comanda esse desdobrar de figuras que terá seu fim na utopia da sociedade sem classes. Sabemos hoje a que pode levar essa idéia de uma classe que tem consciência mas a consciência que tem-não é sua verdadeira consciência, pois essa só lhe pode ser levada do exterior por quem não pertencendo à classe, pode por isso mesmo formular a consciência daqueles que não podem fazê-lo justamente por pertencem a ela.

Voltemos, porém, ao problema da consciência empírica. Essa consciência não se confunde nem com a consciência individual dos membros da classe, nem com a consciência de qualquer dos grupos que a compõe. Ela é mais e é menos, isto é, é diferente. De qualquer forma essa consciência é discurso e, como os indivíduos pertencentes a uma classe têm uma consciência pelo fato mesmo de pertencerem a ela, é possível passar da cons

ciência individual à consciência de classe. Evidentemente essa passagem implica todo um complicado trabalho de transcrições e mediações ou dizendo de forma mais clara de pontuação do discurso.

O discurso manifesto do operário revela sua consciência de classe da mesma forma que o sonho, o mot d'esprit ou o ato falho revela o inconsciente. O discurso expresso é uma porta que pode nos conduzir à consciência e ao comportamento da classe que nesse caso se confundem pois todo comportamento é transcrito ou transcritível em termos de discurso.

Tomada ao pé da letra, essa afirmação pode parecer que pretendemos que através de enquetes de opinião podemos chegar ao pensamento da classe, o que obviamente não é o que pretendemos (Weffort, 1972). Se a verdade se apresentasse dessa forma na superfície dos fenômenos, toda ciência seria dispensável. O nível empírico imediatamente apreensível cache quelque chose derrière lui. Todo problema se apresenta então como um problema de leitura. O erro essencial de certas leituras reside na não percepção da unidade lá onde ela existe. A questão que se coloca então é a seguinte: discurso esquizofrênico ou leitura esquizofrenizante. Ou em termos mais concretos: é que o proletariado não tinha consciência de classe ou apenas que os ideólogos do populismo de esquerda y compris os sociólogos não encontraram aquela consciência que pretendiam imputar-lhe dada uma análise falsa e falseadora da conjuntura do momento. O que pretendemos dizer é que o comportamento e a consciência que se pretendia encontrar na classe operária não correspondia de forma alguma a seus reais interesses e nesse sentido, a incoerência está na leitura e não no texto.

Adiantamos mais: a ideologia populista sobreviveu à aliança de classes que lhe deu origem. Em 1963/64 a conjuntura

É inteiramente diferente da de dez anos atrás, mas o pensamento não se deu conta ainda dessa mudança. Ou melhor, o pensamento estruturado ideologicamente não se modificou, porque a consciência de classe apreensível através do discurso dos operários dá conta bastante bem de que algo não bate exatamente segundo o ritmo que se lhe quer impor. É um discurso que se cola melhor no real na medida em que é um discurso que se nutre das lutas do dia a dia.

Como mobilizar a classe operária para uma distante reforma agrária e que de resto não faria senão baixar o custo real da força de trabalho e brechar uma série de reivindicações que se apresentavam no interior das fábricas sob o pretexto de que poderiam ser utilizadas pela direita como provocações?

Apresento os discursos operários não a partir de recortes feitos posteriormente, de pontuações impostas, mas a partir de seu próprio fluxo, de sua integralidade. Assim, sem que sejam despedaçados podem ser melhor compreendidos enquanto discursos de agentes sociais que falam de seu lugar e segundo seus interesses, e não quando esse discurso é desmembrado e se monta diretamente sem pé nem cabeça e pretende-se que não tenha um ou outro.

Lidos hoje, 1987, esses depoimentos são gritantes de coerência, mas em 1963 eu não percebia isso, obnubilado, como todos, pelo peso de uma certa visão da política.

3.1- PERCURSOS E DISCURSOS

3.1.1- ERNESTO

Nasci em Piratininga, Estado de São Paulo. Estou em São Paulo desde os sete anos de idade. Agora tenho 33.

Com 13 anos trabalhei na Fábrica de Chocolates Diziolli. Aí selecionava chocolates estragados e ajudava no empacotamento. Fiquei um ano. Quando fiz 14 anos a família procurou arranjar um emprego melhor.

Fui trabalhar na Fábrica de Móveis de Aço Fiel. Entrei como aprendiz para a elaboração de arquivos, móveis de cozinha etc. Trabalhei aí quatro anos. Nesse período, a própria fábrica me mandou para a escola SENAI. Lá eu fiz um curso de serralheiro artístico; não cheguei, no entanto, a completar o curso, pois fiz 18 anos e a firma pediu que eu deixasse o curso para trabalhar como oficial. A firma não cumpriu o prometido; houve desentendimento e fui para outra firma: a Fábrica Neves, móveis de aço tendo como o mais forte da produção a fabricação de geladeiras. Já entrei como oficial, em melhores condições que na Fiel, sendo que o serviço era idêntico. Permaneci um ano e meio, saindo porque a firma depois de um incêndio abriu falência.

Fui para a Ponati & Podesta. Também de móveis de aço para cozinha. Aí fiquei um ano, realizando o mesmo serviço anteriormente executado. Transferi-me para a Brasileira de Móveis de Aço. Fui para essa fábrica com a função de supervisor e aí permaneci dois anos.

Daí vim para a Arco Íris. Vim para cá, pois desde os 14 anos trabalhava longe de casa. Vi anúncio e resolvi esclare

cer do que se tratava. Na própria firma não sabiam o que queriam. Conversei, então, com o Dr. W., achei que seria capaz, fui aceito e aceitei: as condições eram boas - salário, mais perto de casa, restaurante próprio.

Há pouco tempo, deram-me um aprendiz que já tinha bastante conhecimento, já casado, bom para trabalhar comigo. Dispunha de um certo tempo para experimentar o rapaz: alonguei, então, o prazo depois do qual comuniquei em relatório que o rapaz estava apto. Ao mesmo tempo fiz um curso de desenho. Sugeri, então, no relatório que o rapaz poderia me substituir e eu melhorar de situação. Sugeri que estou terminando o curso e que gostava de Desenho Mecânico. Já no SENAI era o que mais gostava. Agora, faço um curso por correspondência que acabarei no máximo em fins de janeiro. Fiz também seis meses de inglês no Yázigi. Toda indústria grande no Brasil exige que se tenha algum conhecimento de inglês por causa da parte técnica. Nesse tempo fiz concurso para a GE, fui aceito e cheguei até a fazer exame médico. Fui falar com o Dr. W., mas ele me deu um aumento e eu fiquei. Sempre acreditei em mim mesmo. Se sair encontrarei emprego com grande facilidade. Mas nunca usei isso com intenção na firma. Tanto assim que quando houve o aumento eu nem mencionei a aprovação na GE.

Talvez agora eu não sáisse da fábrica devido aos sete anos de casa. Não que a pessoa estável ganhe valor: perde na maioria das indústrias; sempre faço para que o patrão me dê valor. Sempre trato de me atualizar.

Acho que tenho melhorado de vida. Minha casa é própria. Construí antes de entrar na Arco Íris. Nunca me interessei em trabalhar por conta própria, como empregado sempre gachei bastante.

Acho que todo operário que procure ter juízo poderá

ter sua casinha e viver normalmente: há cursos grátis e patrões reconhecidos. Embora exista muita choradeira, acredito que a situação dos operários melhorou, pelo conhecimento que tenho daqui; é verdade, porém, que a minha visão não atinge o Brasil todo.

Solução para o custo de vida pode divergir de idéias mas está na moral dos que governam o país. Depende de patriotismo e nacionalismo; o resto vai com o tempo. Infelizmente aqui tem pessoas que se vendem por uma dúzia de bananas. O que falta no Brasil é moral elevada e patriotismo. Os poucos que têm, pedem demissão logo, porque moral elevada não se coaduna com os outros: ou adere ou sai.

Partido no Brasil não tem significado. Os próprios eleitores não têm noção para votar em um só partido, uma só legenda. As pessoas, candidatos pulam de um partido para outro. Existe aqui o que existe nos Estados Unidos: trust. Lá não conseguem porque são adiantados mas aqui conseguem controlar o governo. Não quero dizer que uma ditadura resolveria, uma pesoa vê de um lado só, só para onde está dirigida a vista. Nenhum país resolve com a ditadura: Portugal, Espanha, Rússia, a pior de todas. Sou anti-comunista, anti-socialista, como dizem lá que seja. Todos devem ter suas liberdades sem serem controlados por grupos nem partidos.

Um parente de minha esposa que é músico esteve na Rússia e disse que a vida poderia ser boa para eles que nasceram lá e só conhecem aquele regime. Disse que esteve em uma região onde faltava sapato e para um conseguir todos tinham que ter. Fiz uma análise e achei que não é vida para nós. Para eles talvez, nós não nos adaptariamos, já eles aqui sim, na nossa democracia.

Aqui no Brasil não existe democracia no sentido prá

tico, há muita injustiça ainda, senador, por exemplo, não compa
rece perante a justiça, pode ser teoricamente, mas na prática
não é democracia. Do jeito que vivemos não é possível haver de
mocracia, com falta de moral e de patriotismo.

Já os alfabetizados não votam conscientemente. Com
os analfabetos seria mais complexo ainda. Muita gente vota na
base da ilusão. É interesse dos que governam resolver o proble
ma do analfabetismo, porque povo alfabetizado se governa me
lhor, o governo gastaria menos inclusive em propaganda.

Mas o principal é que há falta de patriotas, não vai
sair reforma agrária nem nada, para eles tanto faz, todos eles
têm dinheiro na Suíça. Já lesaram tanto o povo que nada mais
dói na consciência. A maior parte das pessoas com fortunas es
tão mais tempo fora do país do que aqui.

Sou favorável ao capital estrangeiro desde que se
regulamente a remessa de lucros. Por enquanto, há necessidade
de capital estrangeiro. É benéfico conquanto que se regulamen
te num plano em que eles possam viver mas a indústria daqui
possa obter lucros. Estamos pagando para aprender, mas o preço
deve ser razoável. Posteriormente devemos dar indenização para
que não percam muito. Se comeram no prato mas ensinaram, deve
mos reconhecer isto, não podemos agir como bichos. Devemos ta
ticamente ir apertando leis para que eles se retirem. Mas não
estamos ainda na altura de apertar.

Lacerda está bom para dirigir grandes jornais, mas é
sô. Não tem maturidade política; nasceu para falar, para escre
ver, não o acho nem prático nem tático. Acho que o Lacerda não
foi totalmente culpado da renúncia, entrou em um momento onde
já havia pressão dos grupos que têm monopólio de tudo.

Ademar? Pelo amor de Deus... Se depender de meu vo

to... A política que faz só é favorável a ele mesmo e a seus cupinchas.

Brizola estava bom para dirigir boites porque forma aquela confusão e no dia seguinte está tudo bem, entram os mes mos fregueses. Tanto é que quem conteve a crise da renúncia foi um comandante que depois sumiram com ele (General Machado Lopes, Comandante do III Exército sediado em Porto Alegre, quan do da renúncia de Jânio Quadros em 1961).

O Jango é um boneco mas que é mais sabido que os bo necos. É sabido mas não é bom dirigente. É potilicamente sabi do, como o Adhemar. A inflação aumentou, não paralisou nada, so be o custo de vida, sobe o ordenado, para os operários o Jango é igual mas para o país é pior.

Ainda ontem ví comentários do Davi Nasser sobre o JK. Foi um camarada que entrou sem riqueza e hoje é muito rico. Só com o ordenado não poderia andar por aí viajando. Entretanto, tem iniciativa.

Eu nunca votaria em branco. Acho que se deve usar a arma que se tem na mão. O melhor candidato para Presidente acho mesmo que é o Carvalho Pinto, mas se ele não fosse candidato preferiria o Lacerda, uma vez que ele ainda não teve a políti ca nas mãos. Ou faria alguma coisa de bom ou calaria a boca. Vo taria para experimentar. Se fosse eleito, o Lacerda ia querer ser ditador apesar de não conseguir, o mesmo aconteceu com os outros, com o Jânio por exemplo; se bem que o Jânio não queria ser ditador, o que ele queria era mandar, ter autoridade. O Lacerda é muito explosivo, não tem tarimba para o governo, ele dá é para repórter. Não é como o Jânio. Jânio queria favorecer a nação, sofreriam então todos, sofreria mais quem já sofre. O governo do Lacerda iria ser um governo inseguro, se houvesse

uma revolução iam jogar ele de lá para fora.

Desde que o Jânio entrou na política, sempre votei nele. Mesmo considerando a renúncia. Mais vale um covarde vivo que 100 heróis mortos. Ele ainda pode ter chance e voltar à política, eliminar as forças e os grupos, o capital estrangeiro está em todas, não tem pátria, pátria é o dinheiro.

Não se pode votar em legenda. O próprio partido não analisa os que entram. O próprio partido não está apto para ser partido. Os presidentes de partido deveriam ter mais conhecimento e não andar passando de um partido para outro. Não se analisa se a legenda é melhor ou não; os homens é que funcionam, quem tiver moral mais elevada pode ser da UDN ou do PTB. Nunca vi nenhum partido que defenda a classe operária. Operários só servem de guarda pó para eles.

Não sou contra os Estados Unidos, favorecem muito o Brasil, mas aproveitam. Dá e tira com a outra mão. Têm os trusts. O próprio governo americano não tem culpa da exploração que existe por parte do trusts.

Acho que alguns jornais mentem. Alguns não se põem na balança: Hora, Última Hora, jornais do sindicato, principalmente os jornais do sindicato. Os jornais não divulgam certas coisas porque não convém, todos se assustariam. A ética manda que se uma coisa não está bem não se deve falar para não piorar mais. O principal problema é que o jornal quer vender. Se há uma crise no Jaçanã, vem vender jornal na porta. O jornal do sindicato entra em assunto que não interessa ao associado. Deveria falar sobre salário, produção etc. sem falar em esquerda e direita. Deixe a política para os políticos. Apesar de que agora é mania subir pelo sindicato, depois de ficar presos 20 dias sofrendo pelo povo.

Fiquei surpreso com a prisão do Delléris e do Pláci do por causa da rebelião de Brasília. Na última greve houve reuniões em que eles não puderam aparecer. Depois que vi a notícia nos jornais, fiz a associação entre as duas coisas.

Sou sócio do sindicato mas não frequento pelas razões que falei. Mas acho que estou errado porque combate-se agindo e não apenas censurando. Não acho uma entrada acessível, eles não dão mesmo; um tesoureiro do sindicato, que depois a firma mandou embora, uma vez me cantou para entrar, porém meu serviço não permitia. Se eu tivesse acesso sem precisar me rebaixar entregando panfletos, eu participaria.

Na eleição para o sindicato, sempre voto contra a situação, só para experimentar outra diretoria sem pensar em sua composição. Votei na chapa 2 sem analisar os componentes, só para experimentar outra diretoria. Sou sócio do sindicato por razão de ser.

A greve? Se vai por bem ninguém reconhece. Por mal, acabam reconhecendo, a gente se vê na contingência de fazer greve para ter salário para não passar fome. Se a administração fosse boa não seria necessário, mas atualmente não é. O sindicato deveria procurar resolver isso, a função deles é essa e não do operário que vai para a rua resolver. Na fase em que estamos atravessando, a greve é justa.

Greve pelas reformas de base sou contra, porque não adiantaria. Acho que greve individual ou coletiva não ajuda, se ajuda agora é porque o governo está com medo. Se operário é preso em greve, dificilmente faz diferente do estudante. Talvez o melhor fosse uma greve branca. Pacificamente já participei de greves, voltei para casa para consertar um cano.

Acho errado implantar o socialismo na América, mas

em Cuba parece-me que estão equilibrando a vida. Ninguém sabe nada sem estar lá. Deve estar bom senão já teria caído. Socialismo de Cuba é diferente da Rússia, por enquanto. EEUU que rem provar que regime deles não é bom por isso não invadem Cu ba. Mesmo na Rússia, talvez um dia todo mundo tem que ser socialista.

3.1.2- MANOEL

Nasci em Minas. Com nove anos comecei a trabalhar, carpia café, era empregado, passei oito anos trabalhando. Aí veio a família toda para São Paulo. A gente estava procurando comodidade, mas sem emprego ajustado. Fazia oito dias que a gente estava aqui e entrei como aprendiz numa metalúrgica pequena, na cidade. Não escolhi. Encontrei essa fábrica de alumínio que precisava de aprendiz de polidor e larguei brasa. Passei cinco anos e meio, já era oficial quando saí, ganhava pouco. Saí para melhorar - fui como polidor para uma fábrica pequena também de alumínio em Santana. Fechou. Fiz teste para a Arco Íris, tinha um irmão que trabalhava aqui. Quando teve ser viço, me chamaram. Estou há três anos como oficial e sempre fui melhorando de salário. A Arco Íris é bom, dá para almoçar em casa, os pobres do bairro querem todos trabalhar lá. Não tive nenhuma promoção. Faço planos para ter uma melhora. Pedi para deixarem trabalhar na mecânica e à noite eu estudava. Acho difícil, eles não gostam de dar chance para maior. Na mecânica aprendo uma profissão melhor, em outra seção só sendo chefe. A minha seção é grande, tem empregados com mais tempo de casa e na Arco Íris isso conta muito. No outro lugar é pior, pagam menos e não tem tanta segurança no trabalho. Quando melhorar de vida e tiver uma situação mais ou menos equilibrada, aí eu posso dever, compro um carro e vou trabalhar na praça. Comprei um terreno, vou construir uma casa. Quando pegar valor eu vendo.

Vou votar no Juscelino, pelas qualidades dele, esforçado, inteligente, interessado pelo país. Comparo ele comigo, gosto de fazer coisas, ele construiu Brasília, trouxe a indústria automobilística para o Brasil, fez estradas. Escolho sempre o melhor vendo os feitos dele - observo o candidato e o partido.

Acho que o PDC é mais dos operários, eu colaborava

com a JOC. Não cheguei a ficar efetivo, conheci por intermédio de cursos, JOC-Promoção Operária. Lá tem elementos trabalhados e capazes, não é uma espécie de sindicato, é diferente. A JOC procura instruir os operários, esclarecer e promover. Trabalho com 600 pessoas. O que eles me deram eu passo para os outros. Não vou mais porque fiquei revoltado, descontente. Vinha fazendo esse movimento operário, fui preso na rua, não sei se a JOC podia me tirar, mas eles nem tentaram. Fiquei três dias, primeiro no DOPS, depois no Hipódromo. Fui preso e solto sem satisfação.

Nessa última greve, a Arco Íris parou por conta própria, não veio piquete. Aqui não teve conflito nenhum. O único que foi preso fui eu. Até essa greve estava ligado à JOC. No caso, a JOC era neutra. Falava na nossa melhora, esclarecia os operários para se dominar, mas não ser explorado. Lá lêem Brasil Urgente - é realmente um jornal, por isso a turma não gosta, dão preferência para os jornais do comércio. No Brasil Urgente sai realmente o que acontece.

"Nós não somos revolucionários, somos a revolução" é o lema do congresso da JOC, no sentido que eles falam é que tem tanto serviço por fazer. Se tem serviço, se deve fazer já, não deixar nada para amanhã. A JOC masculina do bairro tem seis pessoas, interessa mais às moças. As moças têm mentalidade um pouco fraca. Elas querem se destacar, se mostrar, os homens fazem um pouco por dia, mas fazem sempre.

Para votar, voto em pessoa digna, do PDC. Trabalham mais para o bem comum, resolvem problemas sem conflito e no sentido cristão. Paulo de Tarso, apesar de ser do PDC, não é digno não. Prejudica os estudantes, os professores, não pagando salário, querendo rebaixar, não dando um ambiente melhor para os professores. Ele é mais culpado porque devia fazer, devia

criar base melhor. Não posso julgar se é comunista ou não, quem é não vai confessar, eles fazem um trabalho indireto. Um comunista pode se candidatar pelo PDC, a gente não sabe.

Não voto em comunista porque sou democrático. Para saber se a pessoa é ou não é preciso acompanhar os feitos pelos jornais, mas para saber realmente é difícil. No Lacerda não voto mesmo, ele vai destruir o nosso país. Voto no que tenho certeza que não é comunista, mas também se não for fazer nada não voto para ele.

O melhor governo é aquele que faça reformas de base, reforma agrária com toda a assistência médica e técnica. A reforma deve começar nos estados que estão melhor. Quem prometer isso não é eleito porque o povo está cansado de promessas, de siludido, está estourando de tanto passar necessidades. Os que têm dinheiro não querem, se for uma coisa sincera talvez pegue os de baixo. Antes de tudo, o povo precisa ser esclarecido.

A JOC pode esclarecer o povo. Tem penetração, são ativos mas são poucos. Falta participação. Temos que fazer propaganda, eles têm rádio, TV, eles têm dinheiro, a gente tem esforço pessoal. O que a JOC devia fazer não tem possibilidade. Em geral a maioria não trabalha, só os comunistas.

Tinha que surgir um líder no meio do operário, para conquistar o povo, um que não fosse muito pobre, eu não posso ser. Não conheço nenhum que possa, ninguém que represente esse líder. Eu podia fazer mais do que faço, mas não dá. Posso prejudicar na fábrica. Se não tivesse compromisso, fazia. A gente não deve fazer nada na greve, tem que fazer em outro lugar, no futebol. Do céu não cai, a gente tem que fazer que seja, que apareça esse líder que faça.

O sindicato deve fazer auto-esclarecimento dos que já participam. Além do que, acho que o sindicato não tem nada a ver com assistência social. Única coisa boa é fazer agitação, é mais difícil para conversar com o povo. Conseguem atrair mais o povo com isso.

Deviam conseguir uma melhora para nós por intermédio de calma e paz, não se meter em conflito. A greve não é necessária só para polícia prender. Eles têm a possibilidade de instaurar os sócios, fazer movimento sem greve. A diretoria não muda nunca, Sempre com as mesmas idéias, não faz nada, mas isso não tem nada a ver com serem comunistas. A diretoria não é totalmente de comunistas, tem uns que são, os que estão mais dentro. Na eleição do sindicato, a maioria vai de carneiro, vota nos que já estão dentro, porque tem mais nome. Eles não vão fazer as coisas de mal, porque no meio deles tem alguns que enxergam.

Não tem perigo de revolução no momento. Está muito tranquilo. Na época do estado de sítio sim, tinha possibilidade de. Podia ser uma revolução de cristão - comunista ou de ultra direita. Se Lacerda fosse presidente, ia fazer agitação, provocando outros países americanos, podia prejudicar mais os portugueses. Se fosse ditador, ele queria fazer conflito. Ele quer mandar. O Lacerda e o comunista, a ideologia dos dois é quase igual. Cristão quer resolver a situação do país - o comunista é diferente, porque não é cristão. No fundo, tem mais semelhança o cristão e o comunista.

Toda greve é errada. Não é necessário greve para ter reivindicação. Esclarecendo todos os trabalhadores, temos união sem greve, mas no momento só resolve com greve. Ela é injusta quando temos uma situação boa, mas em geral, a maioria dos operários está numa situação péssima. Pacto intersindical é

3.1.3- SANDRA

Nasci em Igarai, município de Mococa, São Paulo. Tenho 19 anos e estou aqui há 12 anos. Comecei a trabalhar com 15 anos na Arco Íris e este foi o meu primeiro emprego. Saí de lá^(*) por uma série de razões. Comecei na oficina mecânica, com contrato; depois fui para a fábrica. Fiz curso mas não cheguei a me formar. Nos primeiros tempos fazia ferramentas e depois passei a montar ferraduras. Uma vez montei uma peça sem por um grampo necessário; a peça bateu no meu braço e tive que ir a enfermaria. Acharam que foi falta de atenção e fizeram a minha caveira e fui transferida da oficina para a fábrica.

Da Arco Íris fui para a Brosol em São Caetano (peças de automóveis) como contramestre por oito meses. O atual emprego achei num anúncio de jornal. Trabalho como caixa numa papelaria na cidade. Nunca tinha feito este serviço, mas vou indo muito bem.

Não tenho título de eleitor mas pretendo tirar agora. Nenhum dos possíveis candidatos tem valor, mas acho que não entendo de política e que cada um acaba sempre fazendo a mesma coisa que os outros. Entre os políticos prefiro o Carvalho Pinto, porque acho "mais honesto": tanto do Adhemar como do Carlos Lacerda ouvi dizer coisas ruins, mas no governo do Carvalho Pinto nada disto aconteceu. O Carvalho Pinto seria o mais favorável à classe operária "porque ele entende os que passaram por necessidades."

Dos outros prefiro o JK, que se compara com o Carvalho Pinto. Do Lacerda não gosto, porque não é humano, é um car

(*) Entre a escolha da amostra e a realização da entrevista, Sandra deixou de trabalhar na Arco Íris.

rasco. Não quer ser igual aos outros e é pior do que eles - por exemplo, o caso dos mendigos do Rio. É verdade que limpou a cidade, mas isto não é humano. Devia ajudar ou dar abrigo, e não destruir. O governo dele seria bom para operário se ele diminuisse o custo de vida e estacionasse o salário.

Quanto a candidato e partido, nunca me interessei por partido. Prefiro votar pelo candidato. Acho que todos os partidos são iguais em relação ao operário.

Todos em casa eram janistas. Mas na política há coisas que o povo não sabe, nem tudo eles revelam. Renunciou por que muitos foram contra ele e o obrigaram a isso. As forças seriam os outros partidos, e nesse caso também o povo estava contra. A classe estava vivendo na média e os pobres se revoltavam. Ele ia fazer 50% do povo passar fome. Mas mesmo o Brasil podia melhorar. O Jânio foi um grande homem; o Brasil estaria melhor se não fosse a renúncia. O Lacerda foi culpado. O Jânio iria provar que não teve culpa num novo governo.

Quanto a ser ditador, acho que os dois seriam; e nesse caso, o Jânio seria melhor que o Lacerda, porque favoreceria mais os pobres. Continuei a admirar o Jânio depois desse incidente (a renúncia), que considero da mesma espécie que o suicídio do Getúlio. Dizem que o Getúlio foi ótimo e eu acho que o Jânio seria a mesma coisa. As leis do Getúlio são boas e devem ainda ser melhoradas, o problema é que não se sabe por quem.

Povo "é todo mundo". Mas nem todo povo participa do governo. Os operários não têm força perto do governo. Acho que os analfabetos não deveriam votar porque eles não têm princípio, não sabem o que estão fazendo porque não têm orientação. Quem não aprende é por ignorância dos pais, mas pensando bem,

acho que não há escolas suficientes.

Dizem que na Rússia todos são iguais e que nenhum tem mais que os outros. Mas se os russos querem sair de lá, é porque não é bom, mesmo não sabendo que tipo de pessoa foge. De modo geral, quando penso em Rússia, Fidel etc., tenho uma idéia ruim.

Acho que o assassinato do Kennedy foi um golpe de comunistas, porque ele defendia os pretos e os comunistas são contra os pretos.

Na Arco Íris, as greves eram pelo pagamento, greves justíssimas. No caso dos preços, a greve é justa e seria possível, mas falta união, falta alguma coisa. Nem todos têm a mesma coragem. Eu já fiz várias greves na Arco Íris e sempre ficava lá. Meu pai sempre participou. Mas eu ficava conversando lá. Em piquete nunca fui. Mas sou sindicalizada. Meu pai, desde 1951, sempre votou na chapa 1. Eu não saberia em quem votar, pois não estava a par. Acho que as funções do sindicato são principalmente assistência médica e esclarecimento político.

Como estão as coisas, acho que o comunismo não viria para o Brasil. Nem todos são a favor. O pessoal que faz greve é que é chamado de comunista, porque não sabe o que está fazendo.

Eu tenho muitas chances de progredir: bastaria aprender datilografia para trabalhar meio período num banco e o resto como cabeleireira. Aos sábados, gosto de me divertir, de ir a bailes. Geralmente vou à Arco Íris. Fiz, à noite, um curso de cabeleireira. Acho que posso arranjar um pistolão para entrar em um banco.

3.1.4- ROBERTO

Nasci no município de Areias, São Paulo. Meu pai era comerciante e meus tios fazendeiros. O primeiro emprego, em Areias mesmo, foi numa máquina de beneficiar café. Tinha 14 anos. Trabalhei cinco ou seis meses. O segundo emprego já tinha 15 anos, foi por conta. Foi quando fui convocado como guia das tropas federais na Revolução de 32. Trabalhava comprando galinhas, carneiros etc. e procurava obter lucro; nesta época meu pai era juiz de paz. Com a revolução, o juiz de direito saiu e meu pai ocupou esse cargo. Fui para Engenheiro Passos, Estado do Rio, e depois Queluz. O emprego do pai não deu certo, éramos sete irmãos. Fomos morar à beira da estrada, entre Queluz e Pinheiros. Ficamos aí três anos. Ajudava o pai no comércio. Depois viemos para São Paulo. Ainda em Queluz, fui empregado no comércio onde aprendi a escrever a máquina e estudei um pouco. Quando viemos para São Paulo, em 1936, abandonei tudo. Ficamos um mês e pouco sem serviço, morando todos (9 pessoas) em um só cômodo, então cada qual procurou seu destino. Aí entrei para a metalúrgica Rádio no Brás. Tinha, nessa época, 19 anos. Seis meses depois, me desentendi com o patrão e saí. Trabalhava lá como laminador de facas. Quando faltava serviço, ia para a politriz e prensa e assim aprendi a operá-las. Em seguida, fui trabalhar em uma fábrica de isqueiros. Porque lá pagaram menos do que tinham combinado, saí dessa fábrica. Então, fui para a metalúrgica Domestic. Lá trabalhei um ano e seis meses. Passei a ser primeiro auxiliar do chefe. Briguei com um colega de serviço e o chefe propôs suspensão remunerada, mas não aceitei. Queria voltar para o interior. Saí da Domestic no dia 27 de janeiro de 1938 e às duas horas da tarde do dia 28 ganhei um emprego na Arco Íris.

Na Arco Íris tive a maior decepção de minha vida nos três primeiros meses que entrei, mas só depois de seis meses

o Sr. A. me deu oportunidade de ser auxiliar de chefe, coisa que eu já era antes. No Arco Íris, durante esses 25 anos, nunca vi um prensista que soubesse fazer nada. Vim de indústrias onde o prensista sabia regular, ajustar ferramentas etc.. Não me ambientei, mas me conformei depois quando fui elevado a auxiliar de chefe nas prensas. Depois de trabalhar nesse ponto durante 12 anos, passei para a seção de autômatos de fitas como chefe, onde fiquei seis anos. Depois fui para a seção em que se fazia programas externos para as famílias dos empregados. Recebíamos o material de construção e vendíamos para as famílias dos empregados. Mas depois, o fisco começou a aborrecer e resolveram acabar com essa seção. Fiquei dois anos e meio nessa função. Quando a firma resolveu acabar com a seção, senti-me um homem atrofiado, porque ia ser obrigado a ficar preso entre quatro paredes. Então, o Dr. W. mandou-me criar uma nova seção na fábrica de tudo que se fazia fora. Reuníu maquinário manual e criou a seção 35, de recuperação de acidentados ou inadaptados, bem como para preparação de futuros operários para outras seções. Recebi o refugio das outras seções, não gostei, mas não demonstrei isso. Um dia me enfezei e falei com o Dr. W., dizendo que a seção 35 ia acabar, mas o Dr. W. mandou continuar. Eu não apresentei um programa reclamando dos elementos ruins. Logo depois, vagou a chefia de minha antiga seção, de autômatos de fitas, e voltei para o ninho antigo.

Nesse tempo vieram os americanos para a Arco Íris. Fizeram estudos. Era supervisor da seção de mecânica o Sr. Ma noel Jorge, que não queria ficar mais nesse cargo. Então, o Sr. Lancaster indicou a mim. Estou lá até hoje. Eu já havia feito, durante seis anos um curso de ferramentaria, a firma que pagou o meu estudo.

Nem sempre que fui transferido tive aumento. O último aumento foi em 20 de abril de 62, com a promessa de melhora

em 90 dias. A melhora veio e não veio, com o acordo sindical eles arredondaram o salário, mas isso não é aumento.

Já pedi acordo duas vezes. Pretendo me estabelecer por conta própria e foi dentro desta pretensão que pedi acordo. Minha mulher é filha única e eu queria trazer meu sogro para trabalhar comigo. Pretendo me estabelecer com comércio: loja, bar, empório, qualquer coisa. Mas no duro meu ideal é ter um sítio, queria ter um décimo do que a minha avó tinha para ser livre, não ter cartão para marcar.

Nunca votei no Adhemar. Fui para Areias quando recebi comunicado para o serviço militar. Adhemar estava na cidade e cumprimentou todo mundo menos eu. Não é que eu seja racista, mas cumprimentou um preto que vinha logo depois de mim e não me cumprimentou.

O PDC poderia ser um partido bom para operários, embora tenha elementos que não correspondam. PDC para mim significa partido da Igreja, embora não combine com certos padres. Fui coroinha e alguma coisa de igreja eu sei. Sempre julguei o Queiroz Filho honesto. Não chego a dizer que Paulo de Tarso seja comunista, porém ele vai com Jango e como acho que o Jango não merece o posto que tem, refuto o Paulo de Tarso. Para mim, o Jango foi o maior mal, o maior farsário que apareceu. Se diz discípulo do Getúlio, isso é o erro. Acho que o João Goulart não teve infância. Por ter sido vice presidente, por ter pendi do para o lado dos operários, teve grande votação. Como vice presidente não apareciam suas falhas, porém como presidente falhou. Não traiu o operário, apenas iludiu. Quer tudo para ele, não dando nada para ninguém.

Jânio e Carvalho Pinto fizeram de São Paulo um estado com autoridade, sincronizado. Votei no Jânio para presidente

te devido a sua atuação anterior, antes nunca havia votado no Jânio. Sou católico de nascimento, embora não seja bom praticante. A maior que Jânio deu foi condecorar o Che Guevara. Acho que 90% dos brasileiros não estavam de acordo. Acho o governo de Fidel Castro ilusório. Acho que piorou de Batista para Castro. Quando era Fulgêncio Batista era ditadura, porém Cuba tinha assistência de 20 repúblicas. Com Fidel não tem mais e o povo de Cuba é iludido, mormente no tratado do açúcar. Não torço muito para americano, mas eles é que davam vida, dollar. Cuba depois negociou com a Rússia e não deu certo. Agora, temos essa vergonha na América do Sul. De Batista para Fidel tem uma série de promessas não cumpridas, reforma agrária etc.. Tomara que não aconteça, mas acho que o Brasil vai passar por isso também.

Sou um camarada que, conforme o cabeçalho, nem leio o jornal. Acho que o malefício do Fidel não tenha proporcionado tanta miséria como os furações. Mesmo com um mau governo, plantavam. Bem ou mal, plantavam. Agora a miséria é total.

Perigo de comunismo temos, não pelo homem que está na chefia, não pelo Jango, porque ele prega o socialismo, mas é o maior capitalista do país. Agora tem essa vergonha que é a greve dos portuários de Santos. Acredito em política socialista baseado no seguinte: deve ser lento, progressivo e efetivo. Como vamos não serve. Comunismo é sinônimo de miséria e bagunça. É anarquia, não mais governo.

A Iugoslávia vai para o bom socialismo. É um país simpático, os jornais criticam, porém a Iugoslávia é um país independente. A Itália também tem um governo parte socialista, parte comunista. No Brasil o que há é falta de pulso. Nosso problema é de subdesenvolvimento e não de briga com os Estados Unidos. Se viesse comunismo aqui, para mim não influiria em nada. Eu teria que continuar trabalhando para viver, mas para o Bra

sil seria uma coisa horrível. Se o comunismo não respeita religião, reservas morais, familiares etc., seria um choque. Não desejo o comunismo, não pensando em mim, mas nos filhos e netos.

Segundo eu ouço, mentalidade de comunista é: igual para todos. Mas será que o Khrushhev e os generais vestem a mesma roupa que vestem os operários? O ideal é o socialismo cristão. Não é por ser pobre que o povo deve ser sacrificado. Todos devem ser alfabetizados, cada um deve estar capacitado a escolher sua função e todos devem viver satisfeitos, com assistência social, estabilidade financeira etc., mas dentro desta inflação não podemos viver.

A culpa do custo de vida é do governo que tivemos. Qualquer governo, UDN, PDC, PTB pelo menos governo do estado, deveria criar patrulha agrícola em vez de fazer uma casa da lavoura em Guaratinguetá, outra em Cruzeiro. Devia, nesses lugares de gente antiquada, fazer uma escola agrícola. A maquinaria toda devia ser dividida e o governo discriminava um lugar para sede. Engenheiro ensinava agricultor a cultivar a terra etc.. Bem ordenados e bem orientados outros fariam a mesma coisa, Depois de mais alguns anos, a região produziria tudo. Quando mais o interior produz, mais fartura tem na capital.

É preciso pulso concreto por parte do governo. Venha do partido que vier, mas que tenha pulso forte, personalidade. Aqui precisamos de uma ditadura de, no mínimo, uma geração, para limitar dentro de uma certa decência. No Brasil, nem rico nem pobre sabe o que vai fazer amanhã. A inflação com venda a crédito possibilita que o pobre tenha o que o rico tem, mas paga o dobro do que vale. Venda a crédito só é vantagem para quem não mede o passo que dá. É preciso um sujeito que tivesse seu orçamento pensado, que realizado antes, que tivesse em seu

governo cumprido as promessas que fez. Uma boa combinação seria Lacerda e Carvalho Pinto. No meu ponto de vista, o Lacerda parece sincero e honesto, só que fala em ocasiões impróprias. Votarei nele se for candidato. Só não votaria se o CP fosse candidato também. JK, apesar de toda a valorização que deu aos mecânicos, não teria meu voto.

Não sou sócio do sindicato. Fui sócio dois anos, desde que entrei para a metalúrgica. Era presidente o José Garcia y Garcia, que começou um programa político. A gente ia lá para procurar um direito e cada vez que ia era só política. Achei que a função do sindicato não era essa. A função era orientar o operário. Quando vi bagunça, resolvi sair. Em São Paulo, o sindicato é uma negação, mormente vejamos esse caso: os homens estavam em luta pelo salário família etc.. Uma coisa precisa vam fazer, operário tem direito, que lutem. Quando o sindicato patronal chamou para resolver a questão, os homens de nosso sindicato estavam em Brasília. Fazendo o quê? Agora tem um folheto pedindo a libertação deles. Eu não darei a minha assinatura.

Se eu fosse sócio do sindicato, não teria votado em nenhuma das chapas. A que venceu, 1, foi a que fez o maior papelão. Na 2, tem um colega de politriz que não está capacitado para exercer as funções. Na 3 tem um rapaz que vivia de ordenado e hoje tem três ou quatro casas de aluguel.

A greve tem que ser com razão. Já surgiram na Arco Íris justas e injustas. Justa seria por falta de pagamento ou modificação de diretoria: demissão de elemento de prestígio entre os operários. Por abono de Natal não é preciso fazer greve, já que é lei.

Se os operários fizessem greve para forçar o governo para a reforma agrária, o governo sem ser simpático a este ou

aquele deveria dar ao povo aquilo que é do governo. Se depois de algum tempo isso fosse bem sucedido, então poderia pegar este terreno ou aquela fazenda. Sei de terras do governo que o governo nem sabe que existe.

3.1.5- OLIVEIRO

Sou registrado em São Paulo, embora tenha nascido em Araçatuba. Meu pai não trabalhava na lavoura, mas o meu primeiro emprego foi na lavoura - dois anos no sítio do tio. Depois fui ser caixeiro de boteco. Foi meu tio que arrumou esse emprego - aos 13 anos. Logo que tirei o diploma, vim para São Paulo. Trabalhei na Companhia Jardim de Cafés Finos - um ano. Passei para a Weril, porque a profissão melhor é metalúrgico. Depois fui para Arco Íris. Meu pai sempre teve oficina - eu, desde pequeno, comecei a aprender. Fui ajudante de ferreiro, depois fui para a solda elétrica. Mudei para a Arco Íris porque a Weril era pequena e não progredia, havia mais possibilidade de subir mais. Fiz curso na Brasimet com alemães sobre têmpera. Se houvesse possibilidade, abriria uma oficina metalúrgica, mas é difícil. Os que saíram para montar oficina, eram quase que agitadores para conseguir dinheiro. Estou há 18 anos na Arco Íris e fui subindo.

Votei no Jânio para governador e presidente. Sempre fui janista, acompanhei sua carreira, assisti a comícios na TV, admirei as idéias dele. Quando veio a renúncia, achei de princípio que foi covarde, depois, ouvindo conversas dos outros, achei que tinha razão. Não existe para mim causa sem efeito. Realmente, ele não foi covarde ou medroso, mas não esperava que fosse renunciar. Como presidente, achei que ele fosse com bater a inflação, a lei de remessa de lucros para o exterior.

Pensava e penso nas futuras gerações. Não penso em mim, pois vivo bem, mas nos favelados e nos operários que ganham salário mínimo. Nunca frequentei reuniões políticas nem sindicato. Já temos um vínculo muito importante, rádio e TV que nem sempre diz a verdade, mas serve.

No sindicato votei na chapa 2. Precisa renovar, sair os agitadores. Votei na oposição. Qualquer classe sindical de veria permanecer no poder, eles mudam de cargo mas são sempre as mesmas pessoas.

Sem sindicato viria o aumento mesmo. Se não existisse sindicato, tinha que vir. Uma pessoa, quando o povo mereces se faria alguma coisa pelos operários. Não precisava agitação; os patrões têm boa vontade, mas existem patrões de pequenas indústrias que não fariam nada pelos operários, mas as pequenas indústrias não podem mesmo.

Não votei no Juscelino, votei no Juarez Távara. Getúlio era muito bom. Ouvia ele no rádio desde o tempo da infância. As leis, os operários têm, graças ao Getúlio. A própria democracia impedia o Getúlio de fazer algo. Ele fez muito na ditadura, quando era bom, mas a democracia não pode fazer nada.

Jango eu não sei analisar ainda. Uma vez ele pende para o lado dos operários, outra vez dos patrões. Ora, operário e patrão não têm os mesmos interesses.

Na época atual, influenciado pelo espiritismo, faz um ano que sou espírita, dou tempo ao tempo, não deposito confiança em partido nenhum. Só uma transformação total. O espiritismo diz que a terra é um planeta que vai acabar, desde 1950 entramos na era apocalíptica. É o advento do terceiro milênio. Não existirá a ganância de um homem explorar outro homem, haverá mais fraternidade. Não adianta ter greve, agitação, por que as coisas virão espontaneamente. Cada povo tem o governo e as leis que merece.

Lacerda? Acho ele corajoso. Como nunca foi governador de São Paulo, não posso sentir. Ele é muito criticado, mas

aonde está o mal pode estar o bem. Como presidente, ele resolveria muitas coisas com mais facilidade, baixar o custo de vida. Não sei se votaria nele. Preciso ver a plataforma dele. Entre Juscelino e Lacerda, escolheria Lacerda. Se Carvalho Pinto fosse candidato, votaria nele.

Não há regime bom no mundo. Nós temos que modificar nosso próprio eu. Para o homem modificar o mundo, tem que modificar seu eu. O mundo é bom, o homem é ruim.

Um bom governo deveria, em primeiro lugar, dar mais apoio ao camponês. Em segundo, promover o intercâmbio entre a lavoura e comércio para evitar a exploração pelos intermediários. O governo é que deveria fornecer os alimentos para evitar o aumento do custo de vida. Todos seriam beneficiados. Para ajudar o camponês, deveria promover o fornecimento de máquinas e ferramentas. Reforma agrária - teria que haver expropriação. O governo teria que controlar os lucros dos donos de fazenda, para não explorar o camponês. Não deve ser por meio de cooperativas porque eles podem progredir e se tornarem homens ruins.

Gostaria que meu filho estudasse medicina. Não sei se dá para pagar o estudo ao menino. No livro da existência dele deve estar escrito que ele vai ser médico. Médico é uma profissão que tira a dor do próximo, mas vou ver a inclinação dele.

Tive participação numa greve da Arco Iris, devido a atraso de pagamento - surgiu o convite vindo da mecânica para fazer a greve, veio o sindicato. Aí o patrão usou da arma: "o dinheiro já chegou. Podem trabalhar." Eu duvidei que tivesse o dinheiro e resolvi não entrar junto com o pessoal. Aí me denunciaram como cabeça de greve. Fizeram acordo e me empregaram de novo. Agora tenho nove anos de firma. A primeira vez que fui

ao sindicato é porque o advogado do patrão tinha dito que eu era cabeça de greve. Fui ao escritório na 7 de abril e Dr. W. disse que não, que era para eu não atingir estabilidade. Me chamaram, fiz acordo de 80% e me deram o emprego de novo. Não fiz mais greve. Dr. W. teve uma conversinha comigo e não fiz mais greve. Com o acordo, mudei de chefe da solda para chefe da têmpera. Não tenho mais participação direta.

Este ano uma greve deste mesmo pessoal parou um dia. Foi a primeira vez em que não veio o piquete nem o pessoal do sindicato. O Manoel que frequenta o sindicato foi detido.

Acho os Estados Unidos uma nação subdesenvolvida. O padrão de vida é muito bom, mas não devia ter pena de morte no povo mais civilizado do mundo. Não acredito, às vezes que as sassinaram o Chessman. A discriminação racial devia acabar, de via ser terra que nem a nossa, sem preconceito. Nos Estados Unidos é mais tradição familiar, o preconceito é como religião. O Scipio que trabalha na fábrica já morou lá.

A Rússia, segundo dizem, é um país bastante desenvolvido. O sistema de vida, não sei porque, lá é o comunismo. Dizem que o povo é controlado, não conheço ninguém que esteve lá. O custo de vida é o ponto chave para a melhoria.

O povo deveria escolher para presidente um do prôprio povo. Não Lacerda ou Juscelino e sim alguém que já sentiu o problema na carne, e isso sem mudar o regime. O povo não deveria votar. Tiraria um operário do seu meio e levaria em triunfo para o governo. Mesmo que houvesse oposição dos patrões, ninguém consegue parar com o povo quando ele tem força. O povo com o povo no governo não teria depois o que se queixar, não haveria revolução. O povo tem que resolver pacificamente. No meio da classe operária tem gente de cultura, não por meio

de infiltração de outros países, mas do próprio povo. O povo escolheria um líder e poria no governo. Quem sabe se o patrão se conforma com o lucro menor.

3.1.6- ROSA

Comecei a trabalhar por necessidade. Meu primeiro emprego foi aos 15 anos na fábrica de soutiens Darling, como costureira. Saí um tempo por problemas de doença em família e fui posteriormente readmitida.

Saí para vir para a Arco Íris para um posto melhor. Na Darling, o serviço dava dor nas costas e na Arco Íris ia ganhar mais. Gosto de fazer modificações no serviço, mas tudo depende do chefe. Quando me casar, vou continuar trabalhando. Pretendo melhorar de posto. Quando abriram as vagas para a fábrica, fiz teste, queria mesmo trabalhar na Arco Íris. Trabalho atualmente na amostragem. O salário é relativamente bom, mas a situação que estamos, o custo de vida, nunca dá.

Nunca votei, mas tenho título. Tinha preferência pelo PSP por causa do Adhemar, mas ele não está sendo bom governador, fiquei descrente. Não acho o Jânio um homem que seja apresentável para ser presidente. Precisa ser muito homem, com estudo, para ser presidente.

Vou votar em Juscelino para presidente em 1965. Se mostrou homem corajoso, abriu caminho, fez Brasília. Agora é preciso terminar. O Juscelino fez bem de trazer os americanos para cá. Veja a Willys, quanta gente está trabalhando graças àquela fábrica. Ele melhoraria a vida dos pobres, seria tanto dos grandes como dos pequenos. Lacerda é homem de coragem, fala o que tem que falar, mas para presidente não sei se servia. Minha família é adhemarista. Já fez bons governos, agora ele fracassou.

Deveria haver no Brasil um pouco mais de respeito pelos nossos governantes. Na Espanha é uma ditadura. Meu noivo

é espanhol, é uma situação muito dura, ninguém quer. Do jeito que o Brasil vai, pode virar ditadura como na Espanha.

Um bom governo deveria congelar os preços. A situação está horrível, cada dia pior, impossível de viver. Não se pode pensar em se divertir, tudo é muito caro. Se houvesse união entre o povo o caso se resolveria, mas ninguém se entende. Os sindicatos poderiam ser os cabeças para orientar os operários. Aí sim, solucionaria. A classe mais inferior não consegue viver.

Pretendo me casar e trabalhar uns anos, até construir uma casa e ir avante, a gente vai andando. Eu, por exemplo, gostaria de ser professora e não deu. Pretendo que meus filhos vão para frente, não fiquem aí como operários.

3.1.7- GIOVANNI

Sempre trabalhei na mecânica. Comecei como aprendiz de gravação. Tinha 13 anos de idade, na fábrica Irmãos Scogna niglio. Passei 15 anos lá. No fim já era chefe. Era uma oficina na que fazia gravuras para fora. Saí de lá para a Arco Íris, que ainda era no Brás. Já fui como chefe.

Fiz cursos na escola profissional e curso particular com o professor Fritz, que fazia esculturas na Catedral. Isso enquanto trabalhava na primeira oficina. Curso de desenho artístico no barro.

Meu irmão tem uma gravação. A Arco Íris pediu para o irmão um gravador. Eu fui um dia para mostrar o serviço, a oferta foi boa, saí da empresa anterior para subir mesmo e vim trabalhar na Arco Íris.

No sindicato votei na chapa 1; estou acostumado com o pessoal. A ação do sindicato está sendo favorável. Há muito o que fazer no sindicato. A chapa 2, como me informaram, tinha propaganda feita pelos padres na missa - padre fazer propaganda é o fim - acho ridículo esse negócio de igreja - nunca me confessei.

Ainda é cedo para o sindicato ser o que deve ser. Deve ser uma coisa só, um sindicato só. Greves são feitas devido ao custo de vida. A greve econômica está sempre ligada a interesses políticos. Muitos grevistas não entram por medo dos piquetes. A greve política não tem vantagem para os operários - entrou na política no meio acaba tudo. Uma greve favorável à reforma agrária seria econômica, uma greve para baixar o custo de vida é política, não baixou nada.

Para governador votei no José Bonifácio. Para presidente, Jânio. Votei no Juscelino e sempre votei no Getúlio. Antes do Getúlio, havia desemprego e o serviço era duro. Ele indireitou para quem trabalhava; não havia greve por aumento - Getúlio aumentava, depois acabou a ditadura, virou bagunça de novo.

O Goulart procura fazer pelo povo em geral. Está difícil, não deixam ele fazer as coisas - como aconteceu com o Kennedy: foi a favor dos negros contra os magnatas do aço. Os Estados Unidos é uma democracia podre, tem os republicanos do sul; não foram os comunistas que mataram Kennedy, nem Fidel. Foi o orientador do assassinio, foi grupo. Nos Estados Unidos um camarada não pode mexer em nada, tem lá os gangsters, pessoal do aço. Veja-se o Eisenhower, foi posto no governo pelos gangsters, por isso está vivo.

Veja a Rússia como progride, vai sempre para a frente. O povo tem grande cultura. Quem disse foi o Cardeal Spelmann. Como é americano, deve ser verdade.

Para os cargos legislativos, escolho pelo que é o indivíduo, o que fez e faz por discursos, comícios, informações dos amigos, se é correto, alguém que nos procura, então a gente vota. Vereador Lamanna não foi eleito. Veio pedir o voto. Se tivéssemos parentes, a gente se unia. Para deputado: o que faz leis trabalhistas - J. Batista Ramos para federal e Corinto Balduino do PTN para estadual, trabalha e é doente, melhora o bairro.

Em 1965 para presidente, se Carvalho Pinto se candidatar, será nele que vou votar, senão no JK. Não votaria nem no Adhemar, nem no Lacerda. Lacerda é meio louco, não voto. Se um dia fico mendigo, ele me joga no rio, é maluco - campanha

anti-comunista é pelo interesse dele, é besteira, campanha anti-comunista só melhora para os comunistas.

Quem faz coisa boa é taxado de comunista - até o Kennedy, até João XXIII. Luís Carlos Prestes foi o único brasileiro, pelo menos teve coragem de dizer que era comunista, foi durão. Aprecio, sofreu tudo, mas está firme. Não temos nada com a Rússia. O comunismo, temos que ver a nossa terra e não se preocupar com o comunismo dos outros.

Para endireitar o Brasil, onde está a honestidade? A aliança para o progresso - não chegava o dinheiro que de boa vontade eles mandavam. Tudo é pobre. O comunismo não é bicho de sete cabeças. Se vier, não será tão ruim. Os políticos vão para a TV dizer que não são comunistas. Isso não interessa. O que interessa é o que vão fazer e não que são contra o comunismo.

A mulher do Sr. Giovanni, a Mamma. como ele diz, também quiz falar: Hoje em dia está bem melhor. O nível de vida antigamente era duro, O operário trabalhava de tamanco. Eu era tecelã na Crespi, perdi um dedo. Mais se veste melhor, mais compra. Melhor para as indústrias. Getúlio é que endireitou - Lei do Inquilinato trouxe progresso para o país. Agora já está se tornando ruim, vem crise. Hoje para tirar inquilino fora é difícil.

3.1.8- HENRIQUE

Meu primeiro emprego foi uma metalúrgica, que fabricava alfinetes e colchetes, aos 14 anos de idade. Trabalhei oito meses. Era moleque e saí para ganhar mais. Fui para a Filizola - Parafusos como aprendiz na máquina. Fiquei nove meses, porque arrumei outro emprego melhor. Isto tudo perto de casa. Eu era pequeno, não ia trabalhar longe. Fui para uma mercearia. Mudando de ramo, aprendi outra profissão. Fiquei pouco tempo. Tinha muita serragem. Fui para a Dizzioli, fábrica de doce. Fiquei nove meses. Parei por causa da crise de 29. Não tinha emprego, Fiquei dois anos parado. Vim para a Arco Íris em 1932. Faleceu um empregado, ficou uma vaga e um colega que estava lá me indicou. Comecei como aprendiz nas prensas, trabalhei na estamparia, nos tambores, na niquelação, na mecânica, porque queria subir, aprender. Mas precisava de ajudante na estamparia e o Sr. J., que era gerente da firma, me chamou. Aí passei a contramestre. Depois de 25 anos de Arco Íris passei a chefe de seção. Tinham prometido casa aqui na vila, na primeira vaga peguei a casa. São 11 anos que estou morando nesta casa da firma.

Agora espero a aposentadoria para descansar. Não pretendo montar negócio próprio. Aprendi todo o serviço na própria firma, no Brás. Não dava tempo de estudar porque tinha muito serviço. Nossa idéia é construir uma casinha para morar, mas não tenho terreno. Tenho terreno no Jabaquara, mas minha senhora não gosta do bairro.

Estou há 31 anos na Arco Íris sou o empregado mais antigo aqui no Jaçanã. Comprei ações da firma, 80 ações. Prometeram-me mais 70, mas não entregaram.

Para presidente votei no Jânio. Vejo política no jornal, converso com colegas e modo de agir das pessoas, mas não

acompanhei a vida política dele, meu pai também me deu conselho.

No tempo do Getúlio, o PTB era o partido da classe operária. Hoje não ligo mais para política. Sempre fui getulista. Desde a revolução de 30 fui esperá-lo na Sorocabana. Ele sempre foi bom para o lado dos operários, outros dizem que ele copiou a legislação trabalhista dos outros países, mas foi bom.

A UDN é hoje um dos melhores partidos pelo jornal e o que ouço e acho que são homens mais corretos e sérios, mas não tenho homens preferidos nos partidos. Para vereador escolhi o candidato do bairro, que poderia melhorar o bairro da gente - Sebastião Laet, que é da UDN.

O PTB, no tempo do Getúlio, era mais da classe operária. Hoje nem o PTB representa a classe operária. O partido para classe operária tinha que dar conselhos, porque o operário é iludido, deveriam orientar o empregado, porque eles vão a olho, vão atrás de conversa, de promessas, e os operários pensam que é verdade. Os comunistas é que levam os operários na conversa. Um partido operário deveria orientar democraticamente o operário. Nem todos sabem, conhecem e vão na onda dos comunistas. O partido deveria orientar, o operário não tem capacidade, o líder deveria ser uma pessoa que tem capacidade para isso, não um operário. O partido deveria orientar antes de se fazer greve. As greves são todas políticas, porque orientadas pelo sindicato.

O sindicato dos metalúrgicos é muito bom em certos pontos: remédios, hospital, advogado. O defeito do sindicato, qualquer assunto muito discutido que é contra eles, são barrados, sai perdendo. Meu irmão frequentava o sindicato. Quando ele falava as coisas, diziam que ele era comunista quando ele

era pela democracia, até que ele desistiu.

No sindicato, votei na chapa 2. Justamente é um pe soal bom e não gosto da turma que está e continua lá. Eles ga nharam estourado. Ganham sempre porque a orientação deles é di zer que eles puxam para o lado dos operários, fazem muitas promessas. Eles devem ser comunistas porque o tempo que eles estão lá na panelinha, são 10 anos que eles estão lá.

Há bastante diferença entre patrão e operário: o pa trão faz tudo para tapear o empregado, diz que não tem dinhei ro, que não dá lucro, outros não acreditam, eles nunca podem se entender. O operário que trabalha o patrão ajuda, os outros, quanto mais o operário trabalha, mais ele tira.

Se Carvalho Pinto for candidato, voto nele. Se não se candidatar, voto no JK, porque não gosto do Lacerda. Tenho parentes no Rio que são lacerdistas, mas eu não voto nele, não tenho simpatia por ele. Se o Carvalho Pinto fosse presidente, agora que melhorou as finanças de São Paulo, melhoraria as do Brasil. Estamos precisando de um bom presidente e parece que ele é o mais indicado para isso. O Juscelino fez mal em trazer os americanos para cá, porque levam o nosso dinheiro embora ou tra vez. Como presidente, ele procuraria melhorar o país. O La cerda, não sei o que faria. Ele era comunista, hoje ele está do lado do capitalista. Pelo modo dele pensar, faria uma dita dura anticomunista.

Uma ditadura seria bom para o Brasil, mas não a dita dura que o Lacerda quer. Deveria haver uma ditadura que frea se os tubarões, o custo de vida. O Brasil está precisando das reformas de base, reforma agrária. Não entendo muito dessas coisas. Sempre morei na capital, mas acho que favoreceria o ho mem do campo e, favorecendo a agricultura, favorece a indús

tria, porque é de lã que sai o fomento para a indústria. Estou de acordo para melhorar o homem do campo.

Pode ser que o Brasil, do jeito que as coisas vão indo, pode virar, e vir o comunismo. Aí a situação acaba de piorar.

A renúncia do Jânio deve ter sido alguma espetada nele, ou matavam ele, isso ninguém sabe. Não sei se foram os comunistas, se foram os outros, não acompanhei bem essas coisas.

Espero deixar as coisas bem para meu filho. Meu serviço sempre foi muito perigoso. Metalúrgica é serviço ingrato. O futuro da gente é ficar aleijado como eu. Se der para ele estudar, enquanto puder, vou aguentando os estudos dele. Meu filho está na segunda série ginasial e já está trabalhando, mas não quero que ele seja metalúrgico, quero que ele estude, seja médico, engenheiro, advogado.

3.1.9- DOMINGOS

Nasci em Juazeiro. Há cinco anos que estou em São Paulo. Aos nove anos de idade, tive meu primeiro emprego como aprendiz de alfaiate. Daí a dois anos passei a oficial de calça; até certo ponto melhorou o ordenado. Fui sempre melhornado, sempre aumentando. Subi muito, até que cheguei a dirigir uma alfaiataria, ganhando o suficiente. Depois, trabalhei em outra cidade, Mundo Novo, mas com o mesmo patrão.

Quando terminei o exército, me casei e vim para São Paulo tentar a vida; ilusão, o pessoal lá pensa que o dinheiro aqui é mais fácil, que o dinheiro nasce no chão. Fiquei quatro dias sem trabalhar. Arrumei emprego como alfaiate aqui no Jaçanã, o ordenado era um assombro, ganhava-se muito bem, um bom ordenado. Fiquei 11 meses. Saí porque em primeiro lugar meu pensamento é para a família, na alfaiataria não somos beneficiados em coisíssima nenhuma e um emprego na indústria dá à família outros benefícios. A indústria paga menos, mas na indústria tem 139 salário, falte ou não serviço sempre vem ordenado, trabalho só oito horas, seis dias por semana; na alfaiataria, trabalha-se dia e noite e se não tiver serviço, não se ganha, por isso preferi a indústria. Pedi a um colega da Arco Íris que me arranjasse um emprego. A impressão que eu tinha era que a Arco Íris era uma das melhores do lugar. Ele me avisou que ia abrir o teste. Quando abriu, fiz o teste e fui contratado. Saí da alfaiataria sem receber nada e fui para a fábrica.

Comecei na estamperia automática como ajudante, Daí a quatro meses pedi minha transferência para a seção em que trabalho hoje. Por intermédio de meu chefe, fui indicado para o senhor Popp em troca de outro. Quando mudei de seção, melhorei, Depois de algum tempo me deram a chefia. Depois, puseram o Popp para o controle; ele trabalha fora e sou eu que dirijo

a seção. Entretanto, não melhorou o suficiente para o cargo. Com o aumento, ganharei o dobro, mas não é o suficiente. Quando eu pedi aumento, eles disseram que isso vai da capacidade. Foi para mim o maior incentivo.

A Arco Íris dá chance para subir. Pretendo ser chefe da seção. Tive oportunidade de trabalhar na mecânica. Consultei o Sr. P. e ele achou que não seria um bom negócio para mim, depois, da retífica não me agradava. Recentemente me ofereceram uma seção para ser supervisor. O Sr. P. disse que precisava muito de mim e que daí a um ano e meio iria sair e que eu seria indicado para a chefia. Devagar a oportunidade vem, eu espero. Acho que tenho chance de melhorar. Ter um negócio próprio é difícil, depende de capital. Se a gente não o possui, encerrado o assunto. Querer é poder. Mesmo o operário, querendo, tudo consegue.

Voto por simpatia. Tenho o meu título sem transferir, para as próximas eleições, já votarei. Para presidente em 65 voto Juscelino. Se JK não fosse candidato eu votaria em branco como bom brasileiro. Carvalho Pinto, não conheço as bases dos serviços dele prestados a São Paulo. Com Lacerda, o negócio é meio diferente. É um político muito arrojado, fala muito no aspecto político, mas eu não entendo de política.

Juscelino será o candidato do povo. Admiro o arrojo e coragem dele. O ponto principal é ele ter trazido a indústria automobilística para cá e Brasília sem dúvida está aí. Até certo ponto, a indústria automobilística favoreceu nossas próprias indústrias, a de autopeças, por exemplo. De qualquer maneira, teria que sair o dinheiro também. Será que o dinheiro que vai para fora é todo nosso? Alguma coisa tem que sobrar. O que foi fabricado fica aqui e isso faz bem à nação.

Nunca cheguei à conclusão de quais partidos estivessem ao lado do povo, em lugar eles visam o dinheiro; tem alguém que quer fazer bem para o povo e outro alguém não quer. Juscelino quer fazer o bem, Lacerda não quer fazer o bem.

Se o operário pede aumento ao patrão, logicamente ele não dá, e a gente não procura ver porque o operário fica pedindo que não merece. Eles não têm interesse em dar aumento porque diminui o lucro deles.

Se houvesse compreensão, a reforma agrária já teria saído, mas os donos de terra não dão, eles não querem. Com a reforma agrária, se sair, o povo é beneficiado. Creio que sai, mas vai demorar muito tempo. Não creio em revolução. Calmamente vejo que deve haver compreensão entre os homens, no fim dá certo. Deveria partir da presidência, os operários se reuniam e entregavam os assuntos resolvidos nas reuniões ao presidente, mas como tem grupos fazendo pressão contra é muito difícil.

O homem deveria resolver a situação, mas aonde está o homem do povo? Nós, homens do povo, tantos partidos que existem no fim nenhum chega a conclusão porque sempre há oposição. Se chegassem a uma conclusão seria bom. Chegam a conclusão se houver um só partido: o partido do povo, relacionado com todas as coisas do nosso país. Isso é muito difícil. Não estou querendo um ditador, mas todo mundo livre, que os homens responsáveis pelas coisas de nosso país tomassem uma decisão para resolver de uma vez. Todo mundo apoiou a construção de Brasília, saiu. Eles não apoiam a reforma agrária, mas eles não querem são justamente os latifundiários. Quem tem 6 a 7 fazendas não quer ter a metade.

Sou sócio do sindicato. Votei na chapa 1, porque eles já estavam lá. Trabalham, fazem força em benefício dos operários

rios. Plácido, aquele pernambucano, e o Dellélis é que são ho-
mens corajosos, estão presos. Eles fazem tudo pelos operários.
Foi por assunto político. Ser comunista aqui no Brasil não con-
cordo, não adoto o regime comunista. Ele pode ser o melhor do
mundo, enquanto eu não viver livremente dentro dele não acho
bom. Não dá liberdade no comunismo. Na democracia, pelo menos,
há liberdade, o operário aqui vive com sacrifício, vive, vive-
-se em qualquer lugar.

Eu não digo todos, mas é melhor ficar calado. No sin-
dicato são comunistas, Dellélis e Plácido são do PC, mas eles
não prejudicam os operários. Participei de greves mas muito dis-
tante. Greve é sempre injusta, com acordo e conversa seria me-
lhor, a gente podia se entender. Desde que o operário seja be-
neficiado, para mim cai fora o assunto político.

3.1.10- OLÍMPIO

Nasci em Espírito Santo do Pinhal, mas vim com um ano de idade e sou registrado aqui em São Paulo.

Fui internado num colégio. Minha mãe era muito pobre. Eramos cinco irmãos, não tinha pai. Quando minha mãe morreu, fui internado num colégio de Jacareí. Fiz o primário e ajudava no colégio. Tinha um sítio no colégio, fazia horta, trabalhava no pomar ou na faxina. Fiquei cinco anos lá. Aprendi música e ia aprender agricultura, mas saí do internato com 14 anos.

Vim para São Paulo, para o Jaçanã, comecei a trabalhar em fábrica de vidro. Entrei como aprendiz de vidreiro, ganhava muito pouco, mas tinha que ajudar a família. Dava para minha irmã que cuidava da família. Fiquei quatro anos na fábrica. Tinha perdido os documentos, só com 18 anos conseguir, graças à Legião da Boa Vontade de D. Leonor de Barros, tirar novos documentos. Trabalhei um ano em outra fábrica de vidros no Belém, à noite. Ganhava quatro vezes mais que no antigo emprego. Saí porque era emprego à noite e não servia. Fui trabalhar na Souza Noschese, esse da federação das indústrias. Era uma metalúrgica, fazia banheiros, pias. Entrei na expedição, já ganhando um pouco mais. Fiquei três anos lá, não melhorei nada. Saí de lá e vim para Jaçanã, numa fábrica de alumínio. Entrei na expedição, mas depois de dois anos passei a chefe. Melhorei bem. Fiquei 10 anos. Saí porque a firma fechou, foi vendida para uma firma estrangeira; fiz acordo porque ia casar. Queria ganhar mais um ano e peguei 30% de indenização. Fui embrulhado, fui na conversa do gerente, ninguém esperava que ia fechar. Gastei a indenização no casamento, era pouquíssimo.

Perguntei ao guarda da Arco Iris, que era meu conhecido, quando ia abrir vaga. O guarda me avisou, fui aprovado no

estágio e lá estou a três anos. O ordenado na Arco Íris era menor que na fábrica de alumínio, mas para começar tudo de novo estava bom. Comecei de baixo, fiquei como auxiliar de encaixotador na expedição. Já melhorei, recebi aumento por merecimento. Se aparecer coisa melhor, eu saio da Arco Íris. Melhorar lá dentro é difícil, só quem sobe é o pessoal velho. É uma panelinha muito grande, só com sorte e boa estrela poderia melhorar, mas é difícil.

Já tive intenção de subir, mas deu tudo por água abaixo. Quem vive de trabalho, não dá para subir. O trabalhador só tem o que viver. O patrão puxa para o lado dele, o trabalhador não tem chance pela própria organização do nosso sistema. O nosso país é um pouco atrasado. Dizem que tem países que não são assim. Pelo que eu leio, tem a Suécia, a Suíça, a Dinamarca, a Bélgica, a Inglaterra. Nos Estados Unidos, a distância entre patrões e operários é maior que no Brasil, principalmente entre pretos e brancos.

(Aqui fala a esposa do Sr. Olímpio, que assistia à entrevista):

Sou da Iugoslávia (vim em 1949). Perdemos tudo por causa do comunismo. Ficamos na Áustria cinco anos e viemos para o Brasil como imigrantes no primeiro navio que apareceu.

Votei para presidente em Lott, pela campanha dele, fui janista quando ele vinha de capote e barbudo, mas logo vi que era demagogia e da braba. Quem sabe era para derrubar os mais fortes. A renúncia foi um golpe dos brabos. O povo não se manifestou e ele precisou ir embora mesmo. A idéia dele era melhorar o modo de viver do povo, 10 vivem, o resto nem sabe que está vivendo. Como ele tinha seis milhões de votos pensou: o povo me apóia e eu melhoro o Brasil, o povo é muito carnavalesco.

co para vir o comunismo. Não era isso. O que ele queria era mudar a estrutura, a Carta Magna, mas a turma do "não pode mexer na Constituição" pulou na frente.

A Constituição brasileira não serve para nosso país. Tem gente capacitada para estudar essas coisas. Deviam mudar a estrutura, não é só copiar a constituição dos outros. Nem tudo que é bom nos Estados Unidos serve aqui. Nossa constituição é copiada. Lá não é bem democracia. Não tem país com democracia perfeita. Eu prefiro um regime do tipo da Suécia, demora muito para chegar, é uma questão de educar o povo.

O bom governo deveria dar: assistência médica, social, estudo, tudo do Estado. O começo é instruir o povo, saber ler e escrever, escolas profissionais, clubes esportivos e educativos, melhoraria o padrão das crianças. O pai e a mãe são obrigados a trabalhar e os filhos ficam jogados por aí. Teria que haver jardim de infância, parque infantil, para não ter delinquência, estudo para todos, não só para o filho de papai que tem dinheiro, para todos os pobres que não sobem na vida porque não conhecem nada e não têm estudo.

Para governador, votei em José Bonifácio, porque Carvalho Pinto tinha feito um bom governo e JB iria continuar a ser um bom governo. O povo vai atrás da simpatia, não vê se é rico ou se é pobre, nem jornal o povo lê. Não tem partido forte que sempre eleja seus candidatos. O PTB deveria ser o que representava, mas não representa, senão elegeria sempre o governador do povo. Não há partido bom. Deveria haver um partido para zelar pelo povo. Não é necessário um homem forte. A UDN precisa mudar de nome, parece que já nasceu parada. Não acredito muito nos partidos que aqui existem. Aqui tem muito partido. Tem que ser dois partidos só, não esse monte de partidos todos com mania de grandeza. Se tivesse dois partidos, um seria dos

patrões, outro dos operários.

Para vereador votei em Sebastião Laet. Nem sei que partido pertence, é um bom homem para o bairro. Para deputado federal em Rio Branco Paranhos (*). Ele defende muito operário que sempre recorreu a ele para ganhar causas contra o patrão.

Não sou sócio do sindicato. Nunca ninguém do sindicato me procurou. O Sindicato dos Metalúrgicos é que deveria tratar só do que compete a eles, mas eles se metem muito em política. Agora está preso o Dellélis. Dizem que ele estava na reunião dos sargentos fazendo confusão em Brasília.

A reforma agrária iria beneficiar o povo. Traria benefício ao homem do campo que plantaria no que é dele. Não viria tanto camponês para cá, porque lá teria o que trabalhar e comer sem ser explorado. O colono é muito explorado, vive vendendo para o fazendeiro. O colono se interessaria pelo que é dele e trabalharia com vontade. O governo ajudaria no começo, orientando, dando máquinas, semente. Eles se fixariam lá, assim não haveria desemprego, porque eles emigram para a cidade, aceitam qualquer ordenado e fazem concorrência para nós nas indústrias. Com a reforma agrária estabilizaria o preço dos alimentos, chegaria um ponto de igualdade entre ganhar e poder comprar e as indústrias iam melhor.

Principalmente no nordeste, que vem tanta gente de lá, a reforma agrária tem o impedimento dos latifundiários. O Arraes - só ouço falar que ele é comunista - está pondo o povo contra São Paulo, o Julião também. Mas cada jornal puxa para o lado do patrão e aí os jornalistas, veja o Arapuan, têm que ficar mudando de jornal, porque os patrões não querem ele. Leio

(*) Advogado trabalhista, ligado à direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

o Diário de São Paulo, a Última Hora, faço comparações para ver o certo. Leio O Cruzeiro, que também é dos patrões. Por isso não podemos aceitar que Arraes seja comunista. O que acontece é que ele se interessa pela pátria. Quem não manobra de acordo com que os patrões querem é taxado de comunista. Arraes precisava vir um ano para o sul para ver se ele é bom mesmo. Ele foi no Sindicato dos Metalúrgicos, não sei como não prenderam ele. Vai ver que é porque tem imunidade. Se for candidato a vice-presidente, ele não pode fazer nada. Para fazer algo, Arraes devia ser presidente. Arraes não é comunista. Se ele fosse, a campanha que fariam contra ele já o derrubava. Para governador, já fizeram campanha contra ele.

O Lacerda teve que suar para ganhar para governador. O Lacerda não é muito popular. Embora escritor, tem boa conversa, mas não voto nele, é muito impulsivo. Não serve para presidente, tem que usar a cabeça para ser presidente e Lacerda não usa. É muito impulsivo. Tem que ser equilibrado como o Khrouchev para não provocar guerras. Lacerda e Arraes, um é o oposto do outro. Lacerda presidente faria uma revolução, ia por muita gente para fora. Ele não representa as camadas populares. Ele só sabe da Guanabara, mais nada. Ele não deixaria o povo passar bem, não melhoraria nada. Só fala nos Estados Unidos. Americano é um povo trabalhador, mas eles são do "venha a nós". Eles ajudam os países mas tiram deles. Tanto é que lá em Cuba, tudo era americano, os canais, os cabarês, as indústrias. Quando foi desapropriado, só os americanos é que perderam.

Fidel fez bem de mandar os americanos embora. Para o povo foi muito bom. O cubano não tinha nada, tudo era dos americanos. É como no Brasil: os brasileiros são os empregados dos colonos; os donos são os americanos - eles têm indústrias em todo o mundo, na Ásia, na África, na América. Se tivesse um líder como Fidel, o Brasil não estaria assim. Muita gente acredi

tou no Jânio, mas ele mancou. Faz tempo que o povo está procu
rando um líder desses, mas não está achando.

3.1.11- MARLENE

Entrei para a Arco Íris com 15 anos; era a fábrica do bairro. No tempo que mudei para o Jaçanã, não tinha outras fábricas. Comecei como auxiliar de montagem de fechaduras, ganhando salário de menor. Fiquei um mês, aí fui para a seção de roqueadeiras. Piorou, porque o serviço era pior, trabalhava em máquina. Fiquei um mês, aí fui para o empacotamento, quatro meses. Quando entrei para Arco Íris era para trabalhar no escritório, mas como não tinha vaga, vim para a fábrica. Quando fui para o escritório, entrei na calculação; foi uma promoção, porque eu era menor e passei a ganhar salário de maior. Lá fiquei cinco anos e meio e só tive os aumentos por lei. A única promoção foi passar de horista para mensalista. Saí da calculação porque o Sr. H. pediu alguém para a seção de compras. Não re-presentou promoção, só promessa. O serviço é de mais responsabilidade, mas promoção mesmo não veio.

Na Arco Íris não vejo chance de melhorar. A chance é pedir acordo e sair. Esperarei mais seis meses e vou procurar outro escritório no centro da cidade. Eu só estou aqui porque a condução é fácil. Procuraria um emprego onde trabalhasse menos. Não faria questão de ganhar o mesmo. O que eu quero é sair daqui, porque eles não reconhecem nosso trabalho. Eles tiraram o nosso prêmio de produção. O que eles puderem tirar eles tiram. Se eu me casar, não pretendo trabalhar. Meu pai é com a mulher casada que trabalha fora.

Votei no Jânio para presidente. Para governador any lei o voto porque achei que não tinha candidato que servia. A renúncia foi por pressão. Tinha inclusive americanos no meio, juntamente com capitalistas e políticos, Adhemar e Lacerda. A pressão americana foi porque o Jânio estava fazendo amizade com certos inimigos dos americanos. Estava querendo nacionalizar

tudo e para os americanos isso era prejuízo. Acho que ele foi covarde. Quando começou a indireitar muita coisa, botaram medo nele. Ele deveria ter resistido, pois foi o povo que o botou lá.

Sem apoio americano, os brasileiros não fazem nada. Tem meia dúzia de gente que manda no Brasil, os capitalistas. Tem grupos que dizem que o Jânio quis dar o golpe e chegou na hora não deu certo e ele teve que sair. Ele faria uma ditadura, não teria deputados, vereadores, não existiria câmara, o que seria uma grande economia no país. As leis da ditadura são fortes, beneficiaria o país e o povo também. Espanha e Portugal têm ditadura e o povo que se forma lá é patriota. Ele ia nacionalizar as indústrias e fazer uma ditadura tipo Getúlio. Mas a gente não sabe nada, porque o jornal fala, vai ver é uma coisa muito diferente.

Os Estados Unidos dominam politicamente o Brasil. Os presidentes e governadores eleitos vão primeiro aos EUA falar com os chefes. O Brasil teria que ser independente politicamente e não só comercialmente. O Brasil é que sustenta grande parte dos EUA, inclusive em minério. Depois os Estados Unidos dão esmolas da Aliança para o Progresso. Aqui o custo de vida é uma roubalheira, o Estado na mão do Adhemar é um Estado sem lei. Em 1946 foi a mesma coisa. A culpa é dos eleitores que não sabem em quem votar.

A democracia é uma política muito boa, mas os partidos no Brasil são todos iguais, todos têm o mesmo ideal: encher o bolso. Os senadores são pistoleiros, são os criadores da bagunça. O partido deveria ser um só e nacionalista. A maioria do pessoal vota no Adhemar ou nem vota, porque o povo não entende nada. A escola deveria dar instrução política. Eu fui ao ginásio e nunca aprendi isso. Uma pessoa que não está ao par

da política não poderia votar. Partido aqui não resolve, aqui o que resolve devia ser uma união nacional. No nosso país nunca um político fará as coisas porque há influência estrangeira. Leis novas todos se viram contra ela. O comércio está todo na mão dos judeus. O que está estragando é essa união de judeus. Os judeus fazem o progresso deles por isso estamos nessa situação.

Veja o caso da Light, que agora está pior do que antes, quando era dos americanos: é que os americanos exploram até quebrar a empresa, quando está vencendo o contrato, eles só estragam as coisas, quando nacionaliza fica uma porcaria.

Nossa agricultura está abandonada, sem apoio, deveria ser feito como em 27, 28. A reforma agrária melhoraria. Não estou de acordo, não esse negócio de dar terra para colono. Deveria era deixar o colono plantar pé de milho. Se for dar terra do governo, deveria dar assistência médica, o negócio não é só dar terra. Só vai dar confusão no fim, porque o governo não dá apoio. Se tivesse colônia, como a japonesa, e união na lavoura era diferente. O governo, além da terra, deveria dar orientação técnica. No interior, quando fui para Bariri, tem feijão para dar para os porcos, é mais barato que pagar transporte e em São Paulo falta feijão. O que fica caro nos alimentos são os intermediários. É erro usar estrada de rodagem para carga, deveria ser por trem, o governo devia ver isso, evitar transporte rodoviário.

O Juscelino foi o maior presidente para o Brasil. Cuidou do país. mas não cuidou do povo, deixou dívidas para o povo pagar. Ele fez Brasília. Mas eu e meu pai vamos votar nele. Ele deveria ficar 15 anos no poder, como ficou o Getúlio, mas ele não gostava de americanos. Já o JK chegou lá nos Estados Unidos e só faltou comprar tijolo, fez mal. Brasília teria que

ser feita devagar. Em 1965 vou votar no Carvalho Pinto, que fez alguma coisa e é financista.

Se fosse os holandeses que mandassem no Brasil, estávamos muito melhor do que com esses portugueses atrasados. O Lacerda é um sem vergonha, porque ele já vendeu nosso código brasileiro para os americanos. Como pode ser eleito um homem que foi expulso daqui? Farã, se eleito, um governo de opressão contra os operários das indústrias. Ele quer copiar a política americana que é de opressão, lá não tem liberdade. O povo não pensa por aquele que não pode. Aumento de ordenado não adianta nada. Deveríamos fazer uma greve geral para abaixar o custo de vida e se possível aumentar os ordenados. Vai acontecer inflação como na China e na Alemanha. A China indireitou, com o comunismo se organizou. Ela era oprimida pelo domínio inglês e americano. Agora eles tratam deles mesmo.

Diálogo de Pai e Filho sobre a Rússia

- Lá na Rússia há distinção de classes. Não domina o dinheiro, mas a classe domina. A obrigação é fazer.
- Você vai atrás das besteiras da Conceição da Costa Neves.
- Lá é uma vida sem ambição, ninguém progride, não há esperança.
- Lá é organizado, a gente vê todas as praças cheias de gente de livro na mão.
- Lá eles acham que gostam da vida deles, porque o povo é organizado, não tem delinquência, mas também não tem família.
- Agora na Rússia tudo não pode ser tão ruim senão eles já ti

nham feito uma Revolução. Agora a Espanha está indo para a miséria por causa dos padres.

3.1.12- PAULO

Meu primeiro emprego foi numa oficina de gravuras. Ti nha, então, 12 anos e meio. Ia no Grupo de manhã e à tarde aprendia o ofício de gravador, era aprendiz. Fiquei nesta ofi cina oito anos. Conforme ia aprendendo, ia subindo, o salário também. Foi lã que aprendi minha profissão, cheguei a oficial de gravador.

Enquanto trabalhava lã, fiz curso de desenho artístico, tecnológico e um ano de artes plásticas na escola profissional Getúlio Vargas.

Saí dessa oficina aos 20 anos, porque no lugar em que a gente aprende o serviço, eles não dão valor, não se pode subir muito e saí também por questões salariais.

Fui para a Arco Íris. porque sabia que o Sr. Giovanni era chefe da seção e como ele já tinha trabalhado comigo na oficina, pedi para ele ver se tinha vaga. Era época do fim da guerra e precisavam de um gravador, Fiz um pequeno estágio e fui aceito.

Entrei como oficial de gravador ganhando o dobro do que ganhava. Fui melhorando e à medida que os mais velhos saiam, fui subindo. Hoje estou como supervisor da seção 62, onde Sr. Giovanni é o mestre.

Não há partidos aqui. Do jeito que as coisas vão indo, o melhor "partido" é a pessoa se esforçar. Na teoria é fãcil falar em partidos, mas na prática não se pode falar nisso. O que resolve é o esforço pessoal, porque para os operários já tem o Sesi, Senai, Escola Profissional Getúlio Vargas.

O jeito de melhorar alguma coisa seria o salário móvel, mas tem quem diga que só piora. Se houvesse mais união nacional se resolveria, sem política, só técnicos de planejamento. Deveriam fazer como Carvalho Pinto está fazendo aqui em São Paulo, pagar empréstimo compulsório. Operário não deveria pagar imposto de renda, ordenado não é renda. Agora, os industriais sonegam impostos, isto sim faz falta para o país.

Para presidente votei no Lott. A renúncia do Jânio nunca foi esclarecida. Votei no Jânio para vereador e deputado, mas nunca acreditei nele, era demagogo. Se a gente soubesse as razões da renúncia, mas ninguém sabe... Para governador votei no José Bonifácio por causa do Carvalho Pinto, que fez um bom governo. Política não serve para o povo, embora o pessoal hoje em dia não vote mais de cabresto. Para presidente em 65 vou votar no JK. Ele revolucionou todo Brasil com indústrias, principalmente a automobilística. Isso deu emprego para muita gente, construiu usinas hidroelétricas. Fez bem de construir Brasília, embora a capital ainda seja no Rio. Se ele for eleito, fixará Brasília como capital realmente. Também as indústrias estrangeiras que beneficiaram o país dando emprego e fabricando coisas para nós.

Eu não votaria no Lacerda. Ele faria muita confusão, é um mal benéfico para o país. Ele aponta erros, mas ele daria um clima de incerteza no Brasil, aliás desde a renúncia do Jânio não tivemos um minuto de sossego no Brasil.

A última greve foi justa, na medida em que o pedido de aumento de 80% não foi atendido. A solução foi fazer a greve. Não sei se tem infiltração comunista. Soube que os diretores do sindicato estão presos, estavam com os sargentos. Pode também ser por causa da federação, ou calhou. O Dellélis eu não conheço. O Plácido não é comunista. Eles são os únicos que

procuram fazer algo pelos operários, seja com segundas intenções ou não, eles fazem. É muito fácil hoje em dia taxar os outros de comunistas. Na eleição do sindicato votei em branco, não quis saber.

As greves são todas econômicas, por aumento de salário. Talvez as pessoas que frequentam os sindicatos possam falar de outra maneira. A parte humanitária é muito boa, os remédios são mais baratos, meu filho foi operado das amígdalas lá, os advogados do sindicato ajudaram em uma questão de contrato quando eu morava de aluguel. Não me lembro se já fizeram greve política, as greves sempre foram para aumento de salário, eu parava em solidariedade.

Os Estados Unidos é um país formidável, o povo lá está em melhores do que aqui, o nível de vida lá é muito mais alto, sei disso porque tenho tios italianos que moram em Chicago mas até agora se dizem italianos. Vivem de um modo muito prático, tem todo o conforto. O Brasil chegará a ser uma democracia como a americana. Mesmo o JK falou que devíamos dar mais conforto ao interior do Brasil, São Paulo já tem conforto agora precisa o interior. Daí o JK querer melhorar o nível de vida do Brasil, já está melhorando, todo mundo tem geladeira...

O Kennedy foi uma grande perda. Os jornais não deram definição certa de sua morte, uns dizem que Lee Oswald queria se vingar porque Kennedy tirou ele da marinha, outros dizem que foi racismo, ou talvez os adversários que temiam sua reeleição, através dele pelo menos haveria paz, ele estava trabalhando para isso.

Em Cuba creio que o Fidel não fez bem. Principalmente para o povo latino o comunismo não serve. O Brasil não precisa de revolução de armas, precisa mais é uma revolução de ho

mens. Cito que nem o Brasil que na época do Getúlio era ditadura ninguém esperava que viesse democracia de novo e veio, em Cuba a ditadura de Batista cairia e viria a democracia, não precisava revolução.

3.1.13- ANTONIO

Vim do interior, morava perto de Presidente Venceslau. Meu primeiro emprego foi na Companhia Paulista de Madeiras, tinha então 17 anos. Trabalhava como secretário do gerente. Fiz até o segundo ano de ginásio. Ganhava mais do que o salário mínimo. Fiquei lá um ano. Saí para trabalhar por conta própria, para a mesma Companhia. Eu dirigia lenhadores que tiravam lenha e eu vendia para a Companhia. Fiquei nisso quatro anos. Depois, fiquei doente, não podia ir para a mata. Voltei para a Companhia, novamente como secretário do gerente. Por conta própria eu ganhava mais. Foi a doença que me atrapalhou, era doença do coração. Fiquei dois anos e sete meses, com bom ordenado. Saí de lá porque meus pais vinham para São Paulo e eu não queria ficar sozinho.

Em São Paulo trabalhei com um contador em um escritório e fiquei quatro meses. Foi mais para pegar prática da cidade. O ordenado era igual ao da companhia de madeiras. Depois, fui para o Banco Português do Brasil trabalhar na seção de contabilidade; fiquei oito meses. Saí por causa do coração; fiquei oito meses sem trabalhar. Fui para o interior em Terra Rica, Paraná, para descansar com parentes.

Quando voltei, o diretor do Banco, amigo do Sr. M., me arrumou para trabalhar na Arco Íris. Escolhi trabalhar na fábrica porque no serviço de escritório me sentia mal do coração, queria experimentar serviço duro. Mandaram escolher a seção em que eu queria trabalhar. Escolhi na mecânica e manutenção de máquinas, porque lá a gente pode aprender e vencer na vida. O salário é bom.

Comecei como ajudante de mecânico ajustador. Estou no mesmo posto desde que entrei em 1957. Fui aprendendo. O ordena

do também melhorou. Se eu estivesse no Banco, poderia estar ganhando mais do que na fábrica. Eu queria ter um negócio próprio. Vou guardando um pouco do ordenado. Depósito de material de construções é o melhor negócio hoje em dia em São Paulo. Se não aparecer negócio bom, vou ficando até ter estabilidade, depois ganho o integral e monto negócio próprio.

Votei no Jânio para presidente e depois para governador também. Não sei porque ele renunciou, pode ser que ele quisesse fazer as coisas e não deixaram, a panelinha que está lá dentro. A maioria quer que as coisas andem tortas, porque só beneficia a eles: comércio, indústria, deputados, mas a maioria são do comércio de contrabandos. Jânio queria acabar com isso e foi obrigado a renunciar. Quando ele entrou lá entrou fazendo pressão contra os contrabandistas. Jânio ia fazer um bom governo porque ele é muito econômico, acabava com a vagabundagem que tem lá dentro, ele olharia muito o comércio evitando a alta do custo de vida. O Brasil ganharia muito negociando com os países comunistas. Os americanos só querem que o Brasil só faça negócio com eles, mas eles fazem negócio com os comunistas. O país sairia ganhando em negociar diretamente com países comunistas. Jânio acabou com a jagunçada do oeste paulista, com a vagabundagem, é um bom governo; antes não tinha nada disso, cada um fazia o que bem queria. JK só faz despesas. Em 65 ele daria o tombo nas despesas do país. Se foi JK que trouxe a indústria automobilística aqui para nos dar emprego, ele jogou fora dinheiro para construir Brasília. Aqui precisa um governo economista, então a situação melhora para os operários. Muita gente fala que o Lacerda é certo, mas eu acho que ele não pode governar o Brasil. Ele é o primeiro contrabandista do país, ele berra para enganar os outros. Aqui precisa de uma ditadura do Jânio, do Carvalho Pinto, ou então um homem do povo tomar o poder.

Eu não me importava com o Brasil ser socialista, de chamar de comunista, porque sô os americanos iam chamar assim. Devemos fazer negócio direto com todas as nações, não indireto. O pequeno operário lavrador precisa do capitalista, mas também não é só explorar.

Sou sócio do sindicato, mas nunca participei. Votei na chapa 1, porque de uns anos para cá vem ganhando e tem sido boa. Dellélis e Plácido estão presos porque estão envolvidos na revolução dos sargentos em Brasília. Se é que participaram, foi justa a prisão. Hoje em dia é fácil chamar de comunistas os homens que fazem bem para a classe pequena, os capitalistas que rem tirar o couro, como na indústria e na lavoura.

A reforma agrária não resolve o caso da lavoura, por que se o governo olhasse os sitiantes, comprasse o produto de les, que não ganham nem para a semente, ninguém abandonava a lavoura. Mas o lavrador vende para um que passa para mais de seis comerciantes, é onde o preço sobe.

Nas greves eu sempre trabalho. Na última eu estava em férias. Greve não resolve nada porque aumenta o salário e aumenta o custo de vida. Precisa ter um homem que acabe com is so aí, tabelle a mercadoria e os operários ganhariam de acordo com o serviço.

3.1.14- MARIA LUÍZA

Meu primeiro emprego foi na Arco Íris. Viemos do interior. Meu pai e irmãs já trabalhavam lá. Tinha 13 anos, pedi emprego, não quiseram dar, eu era menor. Aí obtive uma autorização do juiz e o Sr. N. me deu emprego, isso em 1950.

Em 1957, o Sr. D., chefe do empacotamento saiu e colocou sua auxiliar como chefe e eu como auxiliar. Mas ele continuava olhando o trabalho e resolveu aí passar ela para o estoque e eu para a chefia. Foi o próprio Sr. D. que indicou. Tive promoção duas vezes, correspondendo a aumento. Na seção de empacotamento não há mais possibilidade de promoção. É verdade que muitos chefes de lá foram transferidos para seções melhores. Sou chefe há seis anos.

Estou contente com a Arco Íris. Agora tem essa folia de greve. Antigamente davam aumento por merecimento. Nessa última greve, a fábrica parou um dia, entrou quem quis, eu em três. Não me topam, eu sou "fura greve" - perguntei para o Sr. N. se ia haver trabalho, ele disse que não - depois veio o Sr. M. e prometeu aumento. Mandou chamar os chefes que moram na Rua João Barbalho (onde a fábrica tem casas que aluga aos operários) e prometeu que se voltassem a trabalhar ele pagava o dia de greve - como esse ano não deu churrascada (*), daria esse dia de folga. Só alguns voltaram.

O menor na Arco Íris ganha salário igual ao de maior em outras fábricas do bairro. Gostam de fazer greve para acompanhar os outros.

Francamente, eu não escolho candidato por partido,

(*) Todos os anos o Sr. M. costumava dar um churrasco na fábrica, por ocasião do seu aniversário.

escolho por ter amizade. Quando se candidatou o Jânio eu achava que devia votar, diziam que era o melhor por ter melhorado muita coisa. Começou prefeito, aqui Jacanã era bairro abandonado, ele pôs a CMTC, depois por causa disso vieram as empresas particulares - acho que ele olhou por todos e não só pelos operários. Renunciou, não tinha defesa. Acho que foi o Lacerda que pressionou - Lacerda falou e continua falando. Eu não daria meu voto para ele, matou os mendigos da Guanabara. Um tipo como o Jânio com bons auxiliares faria muita coisa pelo Brasil. Primeiro poria o Brasil nas nossas mãos: americano faz e desfaz aqui dentro. Se o Jânio se candidatar, ele ganha. Foi ele que deu impulso para os empregados fazerem greve. Adhemar mete o cassetete, isso é motivo porque tem cada patrão por aí! Os candidatos de esquerda não chegam a ser eleitos. Acho que não é possível ser eleito um comunista.

(O pai de Maria Luíza entra na conversa):

"Quero desaparecer mas não quero sofrer o comunismo. Tinha um senhor que contava como é: quem planta as coisas não é dono do que colhe, não pode tirar nem um pouquinho para comer. Eu acho essa terra abençoada. Os brasileiros não conhecem o comunismo, por isso pensam que é bom."

Estado a favor do comunismo é o Rio - para o pessoal votar em homem como o Lacerda só sendo igual. Tenho a impressão que o Lacerda é comunista. Eles dizem, mas eu acho que o Jânio não ia querer isso não, isso de ser ditador. Nenhum deles quer ser ditador, apenas querem ser presidente para ficar como está. O Brasil nunca vai sair disso. A vida continuaria igual aqui. Isso de ditadura e presidência é para eles lá. A situação dos operários está piorando. O custo de vida sobe. Antigamente tinha base, agora não tem.

Estou construindo uma casinha. Aumento para mim ago
ra sô quando vem o geral. Se eu casar, talvez não precise mais
trabalhar.

Acho que para ganhar o suficiente sô a pessoa se es
forçando porque sempre tem alguém que tem que ser superior ao
outro.

(O pai de Maria Luíza conclui: "Quem vive de salário, quanto
mais ganha, mais gasta (reprovação)... É, mas não podia ser di
ferente.

3.1.15- LOURENÇO

Meu primeiro emprego foi como Lavrador na fazenda São Lourenço, em Bariri, que é de um meu parente afastado. Tinha, na época, sete anos de idade, mas trabalhava como adulto. Fazia o mesmo serviço de um homem, carpia café e algodão. Trabalhei na lavoura até 18 anos de idade. No interior não tem salário, plantávamos algodão a meia e arrendava a terra para o café.

Em 1941 vim para São Paulo porque o governo não olha para o interior e do jeito que estava não dava para viver. Vim para cá para melhorar de vida, pois era responsável pelos meus irmãos pequenos.

Eu tinha certificado de reservista, por isso não arrumava emprego. Aí fui para a Força Pública, fiquei três anos. Em relação a outros empregos, outras profissões, o salário não era pouco. Para quem não tinha profissão, como eu, era melhor do que trabalhar na indústria. Nunca passei de soldado, não gostava da Força. Lá não tem liberdade, não é bom ambiente. Saí e entrei na Arco Íris como quebrador de carvão. Em termos de ordenado eu fui melhorando porque fui adquirindo uma profissão. Meu irmão menor já trabalhava na Arco Íris, então eu fui lá no escritório com ele, mas não tinha carteira de trabalho. Quando dei baixa na Força, ainda existia guerra, era em 1944, por isso demorei para dar baixa e eles me deram certificado de reservista. Pude, então, tirar carteira de trabalho e fui para a Arco Íris. Logo depois, passei a ferreiro, melhorou o salário. Depois fui para ajudante de niquelador, por quatro anos, sempre melhorando. Na niquelação tirei carta e passei a motorista, responsável pelo carro.

Quando trabalhava na niquelação, precisei sair por

causa da alergia. Fiquei cinco meses fora. Trabalhei por conta própria, fazendo carreto com caminhão. Depois voltei para a Arco Íris já com prática, tinha vaga de chofer, aí estou até hoje. Sou de confiança do velho Sr. M.. Ele me deu a casa. Às vezes nós vamos em Santos fazer serviço para o velho. Levo mu dança para Osasco, de Osasco para Santos. Gosto também da ve lha (esposa do Sr. M.). Ela brinca com a gente, é muito boa. Se o Dr. W. é bom, o velho é muito melhor.

Minha esperança é não trabalhar mais com caminhão, é muito difícil transitar em São Paulo, estacionar. Gostaria de me estabelecer, montar uma loja de ferragens e acessórios de carro.

Não faço economia de boca, ficar sem comer para ter uma casa não é possível, por isso não dá para juntar dinheiro, a gente gasta tudo. Deixar filhas sem comer nunca.

Antes para votar eu fazia uma análise para ver se o bicho era direito. Atualmente, não considero nenhum candidato, porque o homem em quem tínhamos esperança renunciou. Deve ter sido por incapacidade, não tem outra explicação. O competente era o Carvalho Pinto. Força oculta não é explicação. Enquanto ele teve o Carvalho Pinto para ajudar, o Jânio ficou no gover no. Jânio ficou presidente sem Carvalho Pinto e renunciou. É claro que ele ia escolher os ministros a favor dele, é eviden te que ele não ia por um ministro da guerra contra ele. Se Jâ nio fosse deposto por um militar viria uma ditadura militar igual fez Fidel Castro, mas Jânio renunciou, voltou atrás. Se renunciasse e calasse a boca, mas ele ficou dando entrevistas por aí. Não foi o exército que tirou ele, saiu porque percebeu que era incapaz e tinha desgraçado a nação. Em sete meses foi para a Inglaterra, Europa toda e tinha dito que tinha uma casa e 20 contos, ele saía com o dinheiro do povo, a campanha polí

tica dele era a pobreza dele. Ele dizia não ter nada e hoje sabemos que é milionário. Ele enganou o povo, pois na Casa Verde o povo, antes da eleição para presidência, fez um banquete, tinha leitão e frango, ele comeu que nem um desesperado. Da Casa Verde ele foi para a Freguesia do Ó, não é que ele entra num bar e pede um sanduíche de mortadela! O povo ficou revoltado. Ele queria mostrar que era do povo, o normal dele é estar bêbado. Vi um comício na Vila Maria, ele estava bêbado e tem gente atrasada que ainda vota nele. O pessoal que ganha salário mínimo ouve o que ele diz. É gente que não conhece o regulamento da nação. Falar que faz é fácil, ele diz que vai desgraçar o rico, mas é o que mais desgraça o povo e enriquece ainda mais o rico.

Se se candidatar a presidente novamente, o exército prende ele. Ele não é considerado mais um homem, renunciou, não explicou porque renunciou, cadeia nele, ou exila ele no pior país que existir. Por causa desse homem morreu muito filho de operário, porque a renúncia dele não custou dez tostões, saiu caro, veio a maior inflação - 70 bilhões - 120 contos de cada brasileiro, disse um deputado do Rio que eu esqueci o nome.

Jânio é um atraso da nação. O Tribunal Eleitoral errou nesse ponto. Não deviam deixar participar de uma campanha eleitoral política, "o lobo perde o pelo mas não perde o vício". Deviam cassar o mandato dele se fosse eleito novamente, porque se ele governar, renuncia novamente.

Eu estava na Rua Brigadeiro Luís Antonio, estavam dez ou doze homens trabalhando e tinha uns colarinho duro, chegou o Jânio, desceu do carro e escorraçou os colarinho duro, dizendo que eram vagabundos e foi falar com os trabalhadores. Eu achei que ele fosse um homem direito, honesto.

Para governador votei em branco. Nenhum tinha capacidade. Está aí o Adhemar, em 1939 ele foi interventor, ele pôs horário de verão, depois no outro governo ele fez horário de verão. Ele tem mania desse maldito horário de verão que desgraça o operário que só tem aquela horinha a mais de manhã para dormir, até isso ele tirou. Quem prestava do povo, mataram, que era o Getúlio. Ele não morreu, foi assassinado, acabou o Getúlio, não tem mais bom.

O Brasileiro é bobo, estrangeiro aqui é tratado a pão de ló. Quando vai embora ele fala mal do Brasil. Ele saiu daqui rico e o brasileiro continua pobre. O filho da pátria, é só ir no Brás para ver nas estações esses infelizes que vem morrendo de fome. Agora vem a italianada, chega no porto de Santos, tem ônibus esperando. Chegam aqui e ficam hóspedes do governo, depois vão para o interior, ficam 15 dias e vêm para cá vender bilhete de loteria na Rua Direita, uns bruta italianão forte. Agora os nordestinos morrem de fome e não têm emprego. Devia ser primeiro os brasileiros depois os estrangeiros. O governo tem que ver primeiro o povo. E ainda o povo vota que nem carneiro. No PTB só tem pelego, não tem partido que endireite o Brasil. Morre o pai da família e a casa desanda. Assim foi o PTB depois que morreu o Getúlio.

O sindicato só serve para estragar a nação e assim está o governo do Estado. Desde a renúncia do Jânio só voto em branco. Políticos não prestam, as plataformas dizem que vai melhorar a nação, mas dia a dia só piora. Em 65 votarei em branco. Lacerda não presta, é sem vergonha, é homem que fala muito, homem público não pode falar. Se acha que um homem é corrupto, processa, chama e fala e não vir falar em público e não fazer nada.

Vejamos, o Dellélis e o Plácido foram presos por cau

sa dos negócios dos sargentos. Fizeram muito bem os oficiais de prender. Na greve, tirei as placas do caminhão e fui trabalhar. Eu nem sócio sou do sindicato, não posso falar, não dou dinheiro para vagabundo, só se me tirarem o dinheiro na marra, para o sindicato eu não dou nada. Sindicato não presta, desgraça com os aumentos que pede, porque os miseráveis, que ganham salário, vão piorar por causa do teto, quem ganha 100 vai para 152 e quem ganha 21 vai para 32 só.

O Brasil é um mau pai que tem muitos filhos que estão tão mal. Veja o Matarazzo como está mal. O governo não ajuda, as indústrias vão mal.

Falam mal do Brizola, mas no sul tem reforma agrária, vida barata, lá não roubam o povo, todo gaúcho tem sua terra lá, sapato é de graça, tem bom governante, Brizola tem peito, agora vem esse idiota do Lacerda e fala mal. Ele é que não quer bem ao povo. Ele só faz mal.

O Brasil é comandado por teoria e não por prática como deveria ser. Nas repartições públicas o funcionário está fazendo um servicinho que não tem prática e o advogado tomando conta de garagem que eu sei. O governo não dá salário integral para o operário, o funcionário público tem salário integral e móvel vai aumentando. O operário que trabalha na firma só serve para pagar as dívidas do estado e do governo.

Nas firmas, os patrões conversam na língua deles. Se o ensino primário ensinasse a ter amor à pátria, querer bem à pátria, não haveria problema dos brasileiros serem relegados a segundo plano e dar prioridade a estrangeiros. Hoje as professoras não ensinam a metade do que ensinavam, elas nem sabem fazer requerimento.

O governo devia pegar os Matarazzos, os Anderson e Clayton, os Chateaubriand, pegava o dinheiro dos estrangeiros e pagava as dívidas que o Brasil está cheio.

Getúlio baixou o dólar, fez legislação trabalhista. O que temos ainda é graças ao Getúlio que fez a indústria automobilística, não JK, o começo foi Volta Redonda. Nós não somos beneficiados. O Cunha Bueno disse que um carro Aero Willys custa 20 dólares. Os americanos ditam os preços, ditam em todas as nações.

Para fazer uma ditadura não temos homem no momento. Tem que ser um homem bravo e humano, porque pobre não tem direito. O governo é culpado da situação econômica má do pobre. Admirei o Cantídio Sampaio, que não queria que queimasse os cadáveres, só porque não havia lugar para os pobres no cemitério. Aí surgiu o cemitério de Vila Formosa.

No sindicato é assim, os advogados que não sabem para onde ir vão para o sindicato e jogam os operários contra o patrão. Se o sindicato fizesse greve para diminuir o custo de vida, para acabar a inflação, para aumentar o valor do nosso dineiro, era bom, mas não faz.

O Brasil precisa de trabalho. Há falta de patriotismo, os brasileiros não têm nada. Nada favorece o operário que não tem direito nenhum. Daqui a dois anos talvez o Auro Moura Andrade seria um bom ditador, sei que ele é o homem da carne mesmo assim...

3.1.16- MIGUEL

Nasci em Birigui, vim bebê para São Paulo. Meu primeiro emprego foi uma tinturaria aos oito anos. Depois trabalhei numa fábrica como serrador de vidro. Saí por ocasião da dispensa geral. Depois, fui para a Arco Íris, onde estou há 2 anos. Gostaria de mudar de serviço mas quem manda na seção é o chefe. Na niquelação se trabalha muito e se ganha pouco. Trabalho no querosene, lavo as peças, não entendo nada de niquelação e quero aprender. O serviço devia mudar, o cheiro é terrível. Briguei por causa de hora extra. Se me mandam embora, veja a situação, não tenho profissão, não posso por na carteira: lavador de peças. Tem gente que estuda lá fora já com outra intenção. Quem me arrumou o emprego foi o N.C.. Eu já estava de empregado há dois meses, com mulher e duas crianças.

Não sou sócio do sindicato, mas tenho vontade de entrar. Não sei em que chapa votaria, não acompanho o movimento, quero entrar mas minha mulher acha caro. A diretoria do sindicato tem feito muita coisa. Eu era a favor da greve. Com a greve deram 80% mas tiraram 17% por fora. É culpa do sindicato, porque entraram em acordo com o patrão. Se os operários continuassem em greve, o patrão dava 100%.

Estou muito bem na Arco Íris, mas se um operário for esperar aumento por conta do patrão morre, só por lei. Durante dois anos trabalhei como um louco. Um dia faltou um negócio, só aquilo, lembram só o que a gente faz de errado, não adianta reclamar na CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). O cheiro dá enjoão no estômago, faz mal, mas se eu reclamo, podem mandar eu pedir a conta. Na seção todo mundo tem ajudante, só eu tenho de trabalhar sozinho. Tenho desgosto de não ter seguido uma profissão. Eu não queria saber de estudar, fui expulso do ginásio, fiz testes para vários bancos, mas nun

ca me mandaram chamar. Não sei se vão inspetores do sindicato verificar as condições de trabalho, mas o fato é que o sindicato nunca tomou nenhuma providência. O sindicato procura a independência dos operários e os patrões não gostam disso. Rico sempre tem uma barreira com o pobre, esta barreira está cada vez maior. Os líderes sindicais não iam presos se fossem comunistas. O caso do Dellélis foi por causa da eleição. Ninguém fala bem da Força Pública. Foi um tempo que eu era ademarista roxo, depois que acompanhei ele mandar meter a borracha nos operários, estou decepcionado. Os comunistas procuram principalmente os interesses da classe trabalhadora. O Diário de São Paulo é o jornal que mais combate os comunistas. O fato do dono ser amigo do Dr. W. não altera, tinham que escrever a verdade. Na última greve estava tudo paralisado e o jornal dizia que estava tudo normal. Era mentira. Só se o repórter vê e não pode escrever. Mas do comunismo acho que eles falam a verdade. Por exemplo, o muro da vergonha, abriram a barreira para o Natal e muita gente fugiu. Porque as pessoas queriam fugir? Algumas coisas eu leio. Um médico que mora na Rússia e é comunista diz que é engano do ocidente pensar que lá é tudo modelo, a juventude é transviada a mesma coisa, tem crimes sexuais, por falta de habitação a família mora num cômodo só, as crianças ficam vendo as coisas. Teve um casal de São Caetano que ficou preso na Rússia porque os documentos não estavam em ordem, em compensação ele não tinha profissão e voltou como mecânico. Aqui se a minha filha disser que quer ser professora não pode, lá o senhor fala o que quer ser, o quiser pode.

A maior parte dos brasileiros vão responder que sim, que querem o comunismo. Porque a maior alegria da classe operária era viver igual como os ricos. Mas lá se tiver que viajar para uma cidade tem que pedir salvoconduto. A maior parte dos operários tem idêia errada, lá é bem diferente. A maior parte acha que lá é tudo igual. O caso do dono da minha casa, lá ele teria uma casa só, mas é o Estado quem escolhe quem vai morar

com o senhor. Amanhã o senhor cisma que não vai trabalhar, a polícia vem bater na porta do senhor, dizem que vai à força e se tiver doente me mandam para o hospital. Se tem assassino é igual aos outros lugares.

Um governo comunista aqui nacionalizaria tudo o que existe de estrangeiro. É bom para o governo, não tem que depender do estrangeiro.

Fidel foi enganado. Pensou fazer revolução para melhorar e piorou. Se ficasse igual à Rússia, estava bom, agora eles não têm calçados, têm que buscar os operários na cidade para cortar cana. O comunismo não acredita em nada católico ou crente. Se Fidel fosse um ditador bom, ele não trocava a guarda pessoal toda a semana.

A morte do Kennedy piorou a situação para a América Latina inteira, esse novo vai ter a mesma inteligência. Foi um golpe de estado, dizem que era para ser morto o governador do Texas. Acho que tinha mais de duas pessoas, não foram os comunistas, foi coisa lá de dentro. Aproveitaram que o Oswald era presidente do PC para jogar a culpa em cima deles. Isso foi estudado muito tempo, porque só esse dia ele foi com o carro aberto. O serviço de investigação tinha sido avisado que o Oswald ia ser morto, morreu lá dentro, morre um para salvar uns quinze ou vinte.

Para melhorar a situação dos operários, para melhorar no duro, tinha que estabilizar o custo de vida e muita gente honesta para fiscalizar. Precisava uma ditadura de uma pessoa que se interessasse pela classe operária. Desses que têm aí eu preferia o Jânio. A renúncia foi pressão das forças armadas. Deixar o Jânio como não deixar era a mesma coisa. A gente não sabe se o Getúlio se suicidou ou se mataram ele, igual

ao Getúlio não teve mais. O Jânio estava agindo como ditador, aparecia de repente nos hospitais e via que a turma não estava fazendo nada. Ele estava agindo em favor do povo.

O interesse do patrão é que o operário esteja bem, esteja contente, aí dá o dobro de lucro para ele. Mas aqui na fábrica, por exemplo, o Sr. M. não sabe o que está acontecendo, ele tinha obrigação de ver o que se passa.

Na última greve fiquei três dias em casa. No segundo dia uma boa parte foi trabalhar, no terceiro dia estava todo mundo conversando sobre a greve e o Dr. W. ficou passeando perto para saber o que os operários estavam pensando. Ele foi bo bo, devia era mandar um operário para ver e contar para ele. Os operários não têm armas, não sei porque os patrões têm tanto medo de greve. Sei que parando atrasa o serviço e ele quer é o fim da greve, quanto mais depressa melhor.

Na última eleição para vereador, fui falar com Sebastião Laet. Disse-me que emprego só arrumava depois de eleito, não votei nele. Todos quando são candidatos falam que vão fazer, depois a gente não pode nem chegar perto. Nós moramos de caseiro numa casa do Jardim Europa. A gente sabe o que eles pensam dos operários.

3.1.17- MARCELO

Nasci em Sertãozinho. Pequeno, meus pais me levaram para Ribeirão Preto, Fui criado lá e foi lá que comecei a cursar a escola profissional. Meu pai era francês e fazia serviço de pintura, trabalhava por conta própria. Houve uma crise muito forte e meu pai ficou sem serviço. Então eu precisei arranjar um empreguinho; ganhava dez mil réis por mês. Ganhava, estudava e trabalhava na escola. Aprendia a mexer com máquinas automáticas para madeira. Depois arranjei emprego numa padaria: entregava pão, buscava os animais no pasto, era criado lá e pousava lá. Foi quando minha irmã ficou doente de apendicite e meus tios trouxeram-na para ser operada em São Paulo. Minha mãe quis vir para cá também. O dono da padaria me deu vinte mil réis e eu vim para São Paulo.

Aqui lutamos muito, fizemos muito sacrifício. Mas meu pai não queria de maneira nenhuma vir morar em São Paulo. Nesse tempo eu trabalhava na Companhia Ítalo-Brasileira, era uma tecelagem. Resolvi voltar para Ribeirão. Estava chegando em casa e o enterro de meu pai estava saindo. Seu Romano, o dono da padaria me disse: "o lugar seu está guardado". Deram-me um carrinho e eu comecei a trabalhar por minha conta.

Em 1958 eu me casei. Nessa época tinha 19 anos. O velho Romano resolveu entregar o negócio da padaria para o seu filho mais novo. Eram duzentos sacos de farinha e mais dez contos de réis. Mas o menino enterrou a padaria, ficaram devendo para o Matarazzo. Então, o velho mandou chamar o outro filho que era guarda civil. Esse vendeu os carrinhos de entregar pão, comprou uma camioneta e dispensou os vendedores, para economizar.

Em Ribeirão Preto quem fica sem emprego pode esten

der a mão para Deus. Voltei para São Paulo a procura de emprego. Achei um na Light, de cobrador de bonde, mas eu voltava para casa às duas da manhã, fiquei só um mês. Depois, fiquei empregado sete meses na Good-Year. Trabalhava na casa de força, alimentando as caldeiras a noite toda. Se eu ficasse lá mais tempo ia direto para Campos do Jordão. Eu ganhava duzentos mil réis e pagava cem mil réis de aluguel para morar num quarto. Minha mulher estava grávida e a gente tinha uma menina pequena. Minha mulher chorava muito. Na fábrica eu pedi para fazer hora extra, mas não deu. Não aguentava mais. Passei uma carta para meu cunhado pedindo para ele mandar um telegrama dizendo que tinha doença na família e pedindo para gente ir lá. Consegui licença e viajei. Passamos uma semana lá. Quando voltei, tinha sido dispensado. Fui falar com o gerente e fui readmitido. Um dia o supervisor veio me dizer que eu precisava do brar o serviço, quer dizer, trabalhar dezesseis horas seguidas; era humanamente impossível, abandonei o serviço.

Foi aí que um conhecido me arrumou um emprego aqui na Arco Íris. Era em 1942, época da guerra, tinha muito serviço e dava para fazer hora extra. Entrei como conquilheiro ajudante e depois passei a conquilheiro. Trabalho aqui há vinte e um anos e desde o primeiro mês tomei parte em greves. O Sr. M. foi benevolente e me tolerou. Até três anos atrás eu tomava parte em todas as greves, o pessoal fazia mesmo questão que eu tomasse parte sempre. Uma vez estávamos em greve, o seu Wilson, que aliás é da Força Pública e trabalha de bico na fábrica, veio falar comigo, veio conversar. Eu disse que nunca tinha tido oportunidade na firma. Ele levou isso ao conhecimento do Dr. W. e depois veio me dizer que eu podia escolher entre três seções para ser chefe. Eu não sei se isso foi por merecimento ou se foi só para me acalmar. Mesmo com essa promoção, ordenado que é bom demorou para aumentar.

Eu acho que não tenho mais chance não. Não sou homem

de levar desaforo para casa. Ainda em dezembro do ano passado eu tive uma desavença com o Dr. W., ele gritou e eu gritei. O caso foi assim: Era época de comprar machos. Veio um cara trazer para vender, quando eu estava examinando, o seu Ernesto tirou da minha mão e começou a falar em alemão com o homem. Aca bei não podendo experimentar. Quando me perguntaram se os machos serviam, mandei que fossem falar com o seu Ernesto. Aí briguei e propus acordo, mas eu queria total, já fazia um favor indo embora. Eles queriam me dar só a metade. Fiquei.

Na sexta-feira passada briguei de novo com o Dr. W.. Ele veio me ameaçando dizendo que eu ia ser suspenso por dois dias. O Dr. W. é um homem que tem estudo, mas não sabe proceder, todo mundo gosta quando discuto com ele, porque sabem que eu não fico quieto. Nesse dia disse que podiam fazer a minha carta de despedida, aí veio o chefe da seção de pessoal dizer que eu não ia ser suspenso, mas precisava mudar de temperamento.

Mas falando sinceramente, depois de velho não tenho interesse em me desligar da firma. Não sou de promover encrenca só para receber indenização. Minha ambição é melhorar o meu padrão de vida, porque para chefe de seção eu ganho pouco. Mas infelizmente aqui na fábrica eles só têm consideração pelos que dizem "sim, senhor" para tudo e mandam bebidas de presente. Também os aumentos não adiantam para nada, quando vier tudo já está aumentado. É um círculo vicioso como era na Alemanha. Mas a Alemanha saiu da Guerra dividida e pode emprestar dinheiro para os outros enquanto o Brasil fica dependendo da esmola do lcitc em pó que os americanos mandam para o Nordeste.

Tenho vários livros sobre Getúlio Vargas. O Brasil precisava de um homem como ele, não só o homem, mas o regime - ditadura. Acho que o Getúlio foi o homem ideal, agradava os

pobres e contentava os ricos. Tinha ideais políticos muito profundos e com uma certa demagogia manobrava os operários. Não era facismo, nazismo, comunismo; era uma ditadura suave. Se a gente pusesse rigor na execução da Constituição, pareceria uma ditadura.

Acompanho o Jânio desde a Prefeitura, mas pensei que fosse mais homem. Renunciou por ser impulsivo. Apesar disso, para governador, ainda votei nele. Agora esta aí o Jango, coitado, tenho até pena, mostra tanta humildade, não mostra ser um estadista. O Jânio conquistava a opinião não só do operário como do intelectual. Pelo modo de se expressar, pelo sotaque, Jânio era o homem que poderia suceder Getúlio, não precisava nem ser ditador, mas ele queria a ditadura.

Jânio acabou com os atravessadores. Essas negociatas com a produção agrícola é que fazem com que uma família não possa viver com salário mínimo. Mas ninguém liga, o que importa para eles é sua fortuna. O industrial também é assim. Nos Estados Unidos se faz um motor de automóvel em 12 horas, tudo mãquinas automáticas, que eliminam a mão-de-obra. Aqui estamos muitos séculos atrás.

Para presidente eu preferia o Carvalho Pinto, mas não acredito que seja candidato. Se for candidato é capaz de dividir os votos e ganhar o Adhemar, o homem que vai desgraçar o Brasil. O Lacerda serviria para presidente mas não para o proletariado. Seria um governo tipo do PRP: polícia em cima de todo mundo. Tinha o Getúlio, agora temos o Jango, o Jânio e mesmo o Juscelino, que têm uma tendência para atender as reivindicações operárias. Votaria no Carvalho Pinto ou no Juscelino, ficaria em dúvida até a última hora. Se não tivesse nenhum dos dois, votaria em branco. Aqui é tudo uma anarquia, não há respeito para com os homens de Estado. O Partido Comunista, por

exemplo, está na ilegalidade, entretanto os comunistas fazem o que querem, tomam conta completamente dos sindicatos. Todo mundo sabe que os comunistas estão agindo, estão agitando as massas. Razão tinha o Getúlio que dizia que é mais fácil vigiar com liberdade que fora da liberdade.

Os proletários não sabem para onde seguir. Agora o presidente do sindicato foi preso; isso me preocupa. Tenho panfletos que mandam parar em solidariedade, mas é mais do que isso que eles querem fazer: é pressão. Infelizmente o nosso sindicato ainda não está à altura, ou não quer estar. Os que têm as rédeas na mão agem com outros interesses - os interesses do Partido Comunista. Foi o Exército brasileiro que abriu o inquêrito sobre a revolução de Brasília e chegou à conclusão que Dellélis e Plácido são culpados. Eu não poderia desmentir isso, se fosse a polícia de São Paulo eu desconfiava, mas não é. Exército é outra coisa. Infeliz da gente se um dia fracassarem. Eles estão implicados de acordo com o que eu li e vi e acho que nenhum operário deveria se envolver, que a justiça resolve a situação. Mas em geral a imprensa, onde não há ditadura, age mais pelo dinheiro que pela justiça.

Eu procuro conversar com os colegas, mas hoje em dia quem pensa e tem opinião própria é obrigado a abandonar o sindicato. A eleição da chapa 1 (apoiada pelo Partido Comunista) é o resultado da ignorância do povo. As duas chapas são desiguais. Nós (do Movimento Sindical Democrático) que trabalhamos a semana inteira, só tínhamos o sábado e domingo para fazer reunião e mesmo assim num escritório cedido por um deputado federal. O PC tem um exército de homens que não trabalha, só faz agitação. Não recebem dinheiro de Moscou, são os próprios capitalistas brasileiros que pagam, porque têm medo. Além disso, todo dirigente do sindicato ganha por fora.

Uma vez fizemos um comício no Anhangabaú. Era tanta gente que não se podia nem mexer os braços. Era Adhemar, padre Sabóia, Luiz Carlos Prestes e outros pedindo Constituição a Getúlio. Nosso sindicato, quando Getúlio era vivo, atacava ele dizendo que era facista; até mesmo um desses indivíduos, que nem o assassino do Kennedy, se prontificou para matá-lo. Quando ele se suicidou, o sindicato levantou a bandeira de que ele era nosso pai.

Dellêlis agora está querendo meter o Jango nessa embrulhada para fazer confusão no país. Nosso povo tem 50% de analfabetos, é fácil de convencer. Ainda bem que desapareceu aquele outro sem vergonha, o Plínio Salgado, com aquelas camisinhas verdes. O pessoal era tão fanático que vestia até as criancinhas.

O pacto intersindical foi golpe porque eles sabiam que os patrões estavam de acordo em dar aumento. Por outro lado, a greve era certa em parte por causa das reivindicações de classe. Greve é um direito que assiste aos trabalhadores. Se o sindicato tivesse homens lúcidos, ia era entrar em entendimentos e não ia fazer greve. Os 80% iam sair, essa greve conjunta era agitação. Cada classe devia fazer entendimento separado. Esse Pacto é mais um pretexto, um meio de unir todas as classes para ser mais fácil, no caso de decretação de greve geral um sindicato faz a cobertura do outro. Há perigo de revolução no momento, negócio desses presos, se eles conseguirem lançar uma greve de todas as classes... Ontem ou anteontem houve um movimento que foi abafado em relação à transferência do general do segundo Exército. O próprio Pery (General Pery Bevilacqua, comandante do 2º Exército sediado em São Paulo), Lacerda e Adhemar também pensam em golpe. Não têm dinheiro para por professor nas escolas, mas estão preparando qualquer coisa, a coisa está alarmante, não são otários, tem militares a favor.

Se os comunistas tomassem o poder no Brasil, seria uma calamidade. Ditadura tem que ser como a de Portugal. Lá existe respeito, não tem tarado, o custo de vida não sobe.

Discordo completamente da Rússia. Lá as mulheres fazem serviços pesados. Não quero ser poeta, mas a mulher é o sexo oposto ao homem; homem tem responsabilidade fora de casa, mulher dentro de casa; minha esposa, eu nunca permiti que trabalhasse. Eu sou um cidadão. Lá, se quero ir a Santos, preciso pedir autorização. Lá, é tudo controlado.

3.1.18- DÉCIO

Nasci em Mococa. A família mudou para São Paulo para tratar da minha irmã que era doente. A gente morava na roça, mas eu não cheguei a trabalhar lá, vim com cinco anos.

Meu primeiro emprego foi na Arco Iris. Tinha 14 anos e o diploma do grupo. Fui trabalhar como aprendiz de pregos. A família já morava nessa casa e a minha mãe trabalhava lá. A Arco Iris era perto de casa e era uma boa firma. Depois me deram a oportunidade de ir para o SENAI. Só fui eu e não sei por que me escolheram. Passei três anos fazendo o curso de frezador. Frezador tem possibilidade de ganhar mais que torneiro mecânico, mas foram eles que escolheram o curso para mim. Voltei para a fábrica já como frezador, depois tive alguns aumentos por mérito e os aumentos gerais, mas nunca promoção. A seção é pequena. Jamais serei chefe, tem outros na frente, por antigüidade.

Não pretendo montar oficina própria, apenas a máquina na que eu trabalho vale cinco milhões e eu sou especializado demais, não dá. Mas tenho planos, estou estudando desenho numa escola particular. Quando acabar esse curso, não dá para mudar de seção nem ter aumento, mas este curso é indispensável para fazer curso de projetista, que eu vou fazer depois. Aí quem sabe eu mudo para seção de desenhista - lá ganha-se bem.

Não pretendo sair da Arco Iris. Tenho as vantagens da condução e do almoço. As metalúrgicas iguais à Arco Iris pagam um pouco mais, mas a diferença é mínima. Agora a fábrica está com pouco serviço. Isso acontece todo ano, sempre falta pedido. Teria serviço de trabalhasse para a automobilística, mas não podem, porque as máquinas são todas velhas e eles não querem comprar novas. Os donos não se interessam muito pela fábrica.

Sou sócio do sindicato, votei na chapa 2. Foi bobeira. Um amigo meu, o Manoel, era da chapa 2, ele pediu muito, eu não queria, mas acabei votando. A chapa 1 sempre foi melhor mesmo, era a chapa dos dirigentes de antes. Eles fizeram uma boa direção, conseguiram o 13º salário, mas não é só que eles se viram melhor porque estão lá há tempo, fazem coisas mesmo, é eu fui arriscar numa chapa que a gente não conhece. Sempre falam que são ruins, comunistas eu não creio, sempre elogiei o que eles fizeram.

Hoje conversando é que descobri o Dellêlis e o Plácido, porque foram presos, foi porque eles iam ser candidatos na eleição da Federação. Não acredito que tenha sido por causa da revolução dos sargentos. Isso faz quatro meses e só agora na eleição foram presos, e com isso a outra chapa ganhou.

Para votar, não ligo a partido. Escolho a pessoa, o que conheço melhor, que fez um governo melhor, quando ainda não fez governo, ouço a opinião dos colegas. Votei no Jânio para presidente e governador; já tinha votado no Jânio, achei que tinha feito um bom governo em São Paulo. Renunciou, não creditei nos boatos. Foram os americanos que pressionaram, porque ele procurou o progresso da nação independente. Ele ficou pouco tempo, não deu para fazer nada, mas os americanos perceberam que ele queria fazer coisas. Não acreditei e nem acredito em jornais. Quem paga escreve o que quer. No caso do candidato não se pode ir para o jornal, nem pela propaganda que é o candidato quem paga, a gente vê o que fez, então a gente tem que arriscar por simpatia. Votei para vereador em Sebastião Laet que é aqui do Bairro.

Em geral a Arco Íris só parava por piquete. Agora em toda greve, essa última era greve justa, por aumento de salário, como é que se vive com o mínimo? O sindicato nunca faria

uma greve injusta, aliás eu nunca vi uma greve injusta. Greve é tudo igual. Apesar do Dr. W. ser bom se a Arco Íris não pa-
rar, prejudica os outros. A união faz a força.

Ditadura aqui seria ruim para xuxu. Porque a ditadu-
ra é pior que a democracia. Aqui no Brasil não há possibilida-
de, o povo é pacífico, se houvesse seria contra a vontade do
povo.

Um governo a favor dos operários tentaria procurar
melhorar o nível de vida, faria reforma agrária, faria estra-
das no Brasil inteiro, auxílio técnico para produzir, trazia
progresso técnico, tinha que dar auxílio para os dois, lavoura
e indústria.

3.1.19- VIDAL

Nasci em Ibaté, cidade pequena perto de São Carlos. Com seis anos vim para São Paulo e aqui fiz o grupo.

Meu primeiro emprego aos 13 anos foi na Arco Iris, era ajudante de niquelação. Depois, saí e passei um ano e meio fora, fui para a Metalúrgica Sapê para ganhar mais. Lá, foram me buscar para ganhar mais na Arco Iris. Vim para a politriz, vim como meio oficial. Na outra fábrica tinha sido aprendiz de polidor. Depois continuei sempre na politriz, passei a oficial, viram que o serviço era bom e foram me aumentando por mérito. Naquela época não tinha esse negócio de sindicato, eles aumentavam de acordo com a categoria. Depois passei a auxiliar de encarregado. Do Brás eu não queria vir para cá, então eles prometeram que eu ia tomar conta da seção. O encarregado anterior era um alemão, e o Dr. W. implicava com ele, porque ele era muito teimoso. Então ele foi mudado de seção. Agora toma conta das garotas e eu fiquei no lugar dele. Já faz oito anos.

Depois que sou encarregado, tive diversos aumentos por merecimento, de acordo com a evolução da seção. A seção chegou a ter 68 pessoas, diminuí agora esse mês, durante a crise vinda de todo lugar para minha seção. Deviam ter dado um prêmio mas não deram nada. Agora já perdi mais 12 pessoas porque estou precisando. Ainda não cheguei ao máximo, o máximo seria se eu tivesse carta branca, eu mesmo pudesse julgar o empregado. Mas não tem chefe na fábrica que tenha carta branca. Agora eu e o Scipio conversamos para tomar uma atitude, os chefes em geral são muito velhos, não se interessam - eu e o Scipio vamos ver se melhoramos a seção, isso porque a gente pedindo aumento não vem, mas a gente fazendo novidades o aumento vem.

Não penso em mudar de seção. Infelizmente o ofício

de polidor é igual ao de mecânico, mas não é equiparado, a última operação é a politriz, devia ser tratada com mais carinho. O Dr. W. compreende mas não aumenta.

Não quero mudar porque a politriz corresponde à me cânica. Não adianta dizer que eu gostaria de ser gerente - exis te a política. Gostaria mesmo, não fugia do papel, diversas ve zes tive convite para entrar fácil no sindicato como presiden te. Dr. W. me diz que sou um líder, eu disse para ele que para lá sou obrigado a ser comprado.

Tive convites de outras fábricas quando vim para cã. Tive convite da Arno para ganhar o dobro, mas eu estava com 12 anos de firma e aquele tempo não tinha acordo. Agora, ultima mente, não penso mais. Faz um ano que mudei para essa casa, de pois sou presidente do conselho do clube. Não queria deixar mi nha senhora sozinha, eu tenho jeito de lidar com as pessoas e Dr. W. insistiu para eu ser presidente do conselho. O Paulino é presidente do clube, eu fiscalizo o Paulino, a escolha é por eleição na fábrica toda. Os operários são sócios automaticamen te. As pessoas do bairro entram no clube mas não votam. O pre sidente era sempre escolhido entre os mesmos.

Agora é que estamos fazendo o clube mesmo. Registra mos o clube na federação. Dr. W. sabe de tudo que se passa, no clube nunca se faz reunião sem ele, ele quer saber, menos por medo dos operário, mas porque ele se interessa. Dr. W. quis ser candidato a deputado, eu achei que ele devia mas depois aca bou não querendo, disse que tinha muito o que fazer.

Eu e o Scipio temos as duas seções mais movimentadas, nós nos interessamos. Quando a gente se mete, ninguém fala na da. Para mim tem falha na administração da firma, podem mas não querem melhorar, agora está 90% mais ou menos. Dá para me

lhorar, dá, ali depende de trocar idéias, o entrave principal é o Sr. N., o único que tem força para falar com o Sr. M. Se o Sr. N. não tem mais força que o Dr. W., é igual.

Sou sócio do sindicato, votei na chapa 2, de um colega que foi preso. Votei porque ele pediu. Ele se iludiu muito. Ele é muito simples. Expliquei para ele, convivi muito no sindicato, sei das maldades. O sindicato é bom, mas precisa trabalhar com as nossas leis. Manoel é muito simples, pessoa do interior. Convidaram ele para capanga, ele é uma pessoa sem tarimba. Para ser diretor do sindicato precisa ser esclarecido. Falei com o Dr. W., Sr. P. Sr. N., se comunicaram com advogado para tirar ele da cadeia, mas não se pode fazer nada, é uma lei nova do Adhemar. Manoel disse que foi na Arco Flex, prendeu um colega, ele pediu para soltar e prenderam ele. Agora ele está com remorso, o pai morreu, ele pensa que foi por causa disso.

A chapa 2 trata-se de pessoas que não têm nome, nunca poderia ganhar, cheguei até a apostar. Votei pelo Manoel. Fiquei em dúvida, a chapa 1 não é ruim, há elementos que fogem do nosso setor metalúrgico, elementos que apelam para o comunismo, mas os operários eram bons. Nem sei porque o Plácido e o Dellêlis foram presos. Quem eu mais conheço é o Remo Forli, tem mais tarimba, votei nele para vice-governador, ele não é comunista. O Plácido vem sempre aqui na fábrica. Comigo ele só para cumprimentar, mas sempre vem dar algum alarme. Pouco antes deles serem presos, estiveram aqui, ele e o Dellêlis. Ele é mais conhecido que o Dellêlis, é mais inteligente, me admiro do Jango, que admirava tanto o Dellêlis, não fazer nada para soltar.

A diretoria toda não é comunista e tem feito alguma coisa, o sindicato não prejudica os operários. A lei do sindi

cato é fazer o que é preciso para beneficiar os operários, agora se beneficiar os operários é chamado de comunismo, então não sei, nem sei porque chamam. O sindicato precisa de pessoas de opinião, não para levar os outros de carneiro, mas porque todo cargo de liderança exige, além do que o presidente do sindicato não pode ser comprado pelos patrões. A maioria dos operários que ganha salário mínimo não sabe o que é sindicato. Fazem parte os operários classe média que já têm esclarecimento. Os que votam de carneiro, votam em qualquer nome, em qualquer eleição, não precisa de esclarecimento. O operário classe média votou na chapa 1, a eleição é honesta, tem uma fiscalização dura.

Votei no Jânio para presidente, para governador votei de novo no Jânio. Sempre acompanhei a carreira dela, esperava que o Jânio fizesse o que o Jango está fazendo: dar mais estímulo à classe operária, os projetos que estavam engavetados o Jango está realizando, é uma espécie de substituto. Remessa de lucros, reforma agrária, ele começou a fazer tudo isso.

Todo mundo pensa que Getúlio Vargas foi um grande presidente. Acho que não. Ele iludiu a classe operária, dava aqui, tirava ali. Jânio era melhor que Getúlio e o Jango está fazendo mais coisas que o Getúlio fez em todo o tempo da ditadura. Jango já nasceu no governo, é o tipo de Remo Forli, sabe acomodar o exército e a marinha, é o melhor governo que já houve.

Não voto nem no Juscelino, nem no Lacerda, nem no Ademar, mas entre os três o Juscelino ganha. O povo hoje em dia não sabe em quem votar. Lacerda é melhor que Juscelino. Lacerda não deixa para trás, Lacerda faz. Juscelino é trapaceiro muito sem vergonha. Se o Lacerda fosse presidente ia tirar toda a

comitiva que tem lá, porque são todos contra ele, seria ditador.

Um governo a favor da classe baixa ia ajudar a lavou ra, teria a reforma agrária como Jango quer fazer, o governo de Jango já é o governo da classe operária. Pena que fazem muita pressão contra ele, governo ideal seria o que o Jango quer fazer sem pressões. A crise agora, por exemplo, são as grandes firmas criando caso, mandando os empregados embora, tudo é de propósito contra o Jango. A pressão é o dinheiro. Se o Jango resistir é bom, é o único homem capaz de resistir. O Jânio por que tinha a massa com ele também podia, mas ele foi embora. Não sei porque fazem pressão, solucionando seria melhor para todos. Há dois anos atrás não havia dispensa, agora estão mandando embora, acho que é por causa que vai sair a lei de participação de lucros, eles não querem sacrificar nem um pouco do dinheiro deles.

Os partidos são todos iguais, nenhum é dos operários. Esse ano cinco partidos vieram ao clube e todos queriam comprar apoio, uns falam mal dos outros, não gosto, a pessoa deve ser sincera. Sindicato antes era caminho para a política, mas nunca acreditei em partidos. O sindicato agora é mais forte do que na minha época. É uma questão de ideal, quanto mais aperta o sindicato e prende os operários, vão batendo nos operários, tem mais gente entrando no sindicato, mas aí eles entram com raiva, entram em ebulição.

Golpe? Não tem perigo, se não saiu, não sai mais. La cerda não tem força para por uma ditadura.

Sempre fui contra esse negócio de comunismo. O que é pior, diversas vezes conversei com membros do sindicato que estiveram na Rússia, mas eu não concordo, eles falavam bem - eu

sempre gostei da democracia, uma vez eu discuti com o Plácido, ele foi lá e disse que só existe progresso dentro do comunismo. O bom é ter presidente, uma democracia honesta com ligação comercial com todos os países do mundo mas não obedecer nenhum.

3.1.20- WALTER

Nasci em São Paulo, nesta casa mesmo. Trabalho faz oito anos na fábrica Arco Iris. Saí para melhorar, fui para a Serva Ribeiro, trabalhei um ano em contas ativas, me formei em contabilidade, em 61 fiz vestibular para Economia. Mas não me dou bem com economia, preferi continuar na mecânica, sou torneiro mecânico.

Na Arco Iris há possibilidade de ascensão - pretendo fazer o curso de desenho mecânico. Atualmente faço inspeção de peças de qualidade. Prefiro trabalhar, produzindo a gente sente mais à vontade. Na mecânica comecei como aprendiz, não fiz curso. Dentro da firma talvez eu cobice uma chefia, talvez seja difícil. Meu ideal é trabalhar por conta própria. O meio é economizar, mas é difícil com o que a gente ganha, principalmente na Arco Iris. Pretendo sair só se conseguir me estabelecer por conta própria. Na Arco Iris tem facilidades, não tenho que tomar condução, posso almoçar em casa. A gente ganha mal mas a crise é geral.

Sou sócio do sindicato e votei na chapa 1. Embora não frequente o sindicato, sou sócio por uma questão de princípio, a gente deve estar ao par - essa diretoria fez muita coisa, 159 salário, por exemplo. Numa diretoria sempre há o bom e o mau. Acho que foi uma ótima diretoria. Quem é contra é o pessoal da produção, mas o pessoal profissional sabe melhor e o sindicato beneficia mais o pessoal profissional. O que espero? Nosso salário é mal dividido, somos aumentados por lei. Devia estabelecer, salário móvel e férias em dobro.

Aqui não existe infiltração, aqui é considerado comunista aquele que exige os direitos - segundo o que a gente sabe, comunismo é uma coisa bem diferente. Aqui existe é os

contrários ao regime. Na democracia, o homem tem direito a suas liberdades, aqui existe demais, há abusos, seria melhor com os direitos mais limitados.

Votei em Jânio para presidente e governador. Como presidente ele decepcionou, mas em São Paulo, como governador e prefeito, foi um dos melhores. A renúncia foi por causas que existem em todo mundo. Veja o caso Kennedy. O Jânio tinha muita coisa para falar, as forças ocultas são os rivais, tinham medo por ele ser alocado. Tinha também rivalidade de governo de Estado, inveja por São Paulo ter mais progresso, pensavam que ele ia beneficiar São Paulo.

Um governo favorável aos operários não conseguiria ser eleito e se fosse, não conseguia fazer nada. O nosso povo não está à altura de eleger ninguém, a pessoa só devia votar tendo um nível de cultura - colegial, por exemplo. Aqui se vota no deputado que oferece camisas para o time de futebol. A maioria do povo vota por interesse próprio e não coletivo.

A greve é o único meio de mostrar descontentamento. Quem exige seus direitos é considerado comunista, o operário só é prejudicado. O governo não resolve nada. Para nós faz falta os dias de paralisação, não temos o que comer. Com mais união seria diferente. Mas aí complica porque tem patrão bom não há motivo para o pessoal parar, os operários ficam sem saída, porque trabalhando prejudica os demais e parando se prejudicam. Se fosse o caso de paralisação geral, aí seria bom. Mas os operários procuram seu interesse e não o coletivo, se procurassem o coletivo, todos seriam beneficiados.

A greve nunca é legal porque uma vez que o patrão paga o operário, é necessário que ele trabalhe. Porém, nosso custo de vida não é possível - nós operários ficaríamos contendo

tes se pudéssemos viver mais ou menos bem, sistema certo de sa lário seria uma equiparação aos militares. Caso de nossa moeda deveríamos usar um sistema do operário ajudar o governo a sal dar a dívida com os Estados Unidos. Trabalhariam nove horas e ganhariam oito horas a mais iria para o governo. Mas será que ia?

Comparei a renúncia a morte do Kennedy, porque dizem que bagunça só existe aqui. Existem pessoas por trás ninguém mataria o Kennedy que fez tanto pelo povo e pela paz, alguém queria a desordem, os comunistas? Tudo que acontece é os comu nistas, não creio - não sei quem teria interesse na desordem nos Estados Unidos? O Lee Oswald? Não foi provado, morreu sem dizer nada, era americano e morou na Rússia, mas seu motivo não era suficiente, depois é muito difícil chegar perto de um presidente. Leio o Diário de São Paulo, dou uma olhadela, o mais é propaganda do jornal, história verídica mesmo é difícil, fazem tudo pela vendagem do jornal - sobre o cara que financia o jornal eles nunca criam uma notícia ruim. Por exemplo, o Sr. M. é amigo do Chateaubriand^(*). Leio a Gazeta Esportiva, em re sultado de jogo não podem mentir.

Nosso povo não aprende mesmo. A maioria dos votos é comprado. Veja o dono da Perus^(**) que foi reeleito deputado. Mas existem pessoas pobres que são muito populares, podiam ser eleitas.

Quem rouba um tostão é ladrão, quem rouba um milhão é tubarão - são os tubarões que querem essa anarquia. A lei de veria ser igual para todos. Lei há, mas não é cumprida. Devia ser feita por um presidente com pulso. Jânio não conseguiria

(*) Diretor da Cadeia dos Diários Associados, da qual o referido jornal faz parte.

(**) J.J.Abdala apodado pelo O Estado de São Paulo de "o mau patrão".

apoio do povo, o povo estando desarmado, foram criadas as forças armadas para defender o presidente e o povo, mas elas são contra o povo, não haveria manifestação pacífica, porque o povo seria massacrado. Mas também o povo nunca deveria responder armado. Numa greve, só 50% do pessoal para, falta união. Mesmo no caso de uma medida favorável a todos não era possível conseguir união. A nova situação caminha para uma ação armada dos operários e camponeses. Mas não dá para tomar o poder, não contamos com a maioria, as pessoas têm medo de exigir os direitos.

Não existe um contentamento em Cuba porque não há liberdade de ação - lá não podem falar nada contra o governo, aqui podemos falar até demais, liberdade é um sistema de vida em que se faz o que se quer. Cuba e Rússia são igualmente ruins, mas eu preferiria ser um operário em Cuba do que um negro nos Estados Unidos. Agora preferia ser um operário dos Estados Unidos, país adiantado, mais facilidades, máquinas mas modernas. Prefiro sempre a democracia.

Ninguém aceitaria o comunismo mas existem aqueles que são beneficiados pois ninguém luta sem esperar ser beneficiado - acho que estão enganados. Não sei quem o comunismo beneficia em termos de classe. Os que trabalham seriam beneficiados no regime democrático. Realmente comunista não existe ninguém no Brasil - Adhemar e Lacerda falam por propaganda - revolução dos sargentos de Brasília era uma exigência de direitos, não tinha nada a ver com comunismo.

Nas horas de folga eu trabalho fora - na oficina de um amigo - as noites noivo - a filha do seu Roberto da mecânica.

3.1.21- SR. ÂNGELO

Trabalhei na roça de garoto, sete, oito anos de idade, meu pai tinha umas terras. Com 14 anos, meu pai ficou doente, mudamos para Matão. Trabalhei meses numa oficina de carroçaria, quem está aprendendo não ganha nada. Depois, fui para uma fábrica de macarrão, o dono tinha também uma padaria. Sábado e domingo eu entregava pão. Em 1944, durante a guerra, vimos para São Paulo. Fui trabalhar em uma metalúrgica na Vila Maria. Pedi para ser ajudante de mecânico. Cortei o dedo por descuido, passei dois meses em casa, quando voltei feri o braço, aí saí por causa do acidente. No interior não se perde de do. Depois fui para uma serralheria de caxilhos e carril de pedreiro. Fiquei quase um ano. Saí, passei a trabalhar numa carpintaria. O patrão era duro, não soltava dinheiro, estávamos em dificuldades por causa da morte de meu pai, quando saímos do interior. A seguir, fui para uma fábrica de tela. Depois de dois meses a firma fechou, fiquei na rua. Em 1945 encontrei a Arco Iris, fiquei três anos - fazia máquinas, trabalhei no tor no revólver, plaina, freza - o mestra dava oportunidade. Quando fui mandado embora, já estava na Escola Técnica Getúlio Vargas. De dezembro de 1948 a março de 1949 trabalhei em seis firmas, fazia experiência na mecânica, era uma época de crise, difícil encontrar emprego, ninguém queria pegar, estava no Catumbi quando recebi uma carta do Sr. J. A., perguntando se eu queria fazer uma experiência sob um novo chefe. Quando voltei já comecei como torneiro. Até 1959 fiquei no torno, depois passei para a bancada. Não sei se é devido a natureza a gente é curioso, a gente gosta de ir mexendo. Na bancada a gente tem mais campo e não fica sob o jugo dos ferramenteiros. No torno o tempo não passa e a gente é obrigado a fazer, queira ou não. Tem também a parte financeira, ferramenteiro ganha mais. Eu não me dava bem com o novo chefe Antonio Popp, tinha que sair da seção. Ele me cortou o que eu fazia, eu ia sair da Arco Iris, ti

nha feito uma experiência na Arno que pagava melhor.

Passei a agir - tenho diploma e tenho esses anos de treino. Um colega adoeceu e fiquei no lugar dele, mas ele ganhava salário de ferramenteiro e eu não, eram brigas todos os dias. Dr. W. disse para ficar na bancada três meses de experiência. Aí ele mandou trabalhar separado. Daí um mês já me deu ajudante. Somos chamados de supervisores, mas não ganhamos mais por isso. Apenas o Domingos que ganha mais, dizem que ele toma conta de mais pessoas. De fato, ele tem muita capacidade e muito contato com a seção técnica. Na fábrica tem grupos.

Sobre a redução das horas, as pessoas se irritaram comigo porque fiz campanha para se concordar. Na segunda vez eu achei que já havia serviço, jogo de cúpula da direção que não queria soltar serviço eu não concordo, mas que se pode fazer? Depois, eles cortam o prêmio, eles têm o jogo na mão.

Até o Popp sempre sempre o chefe da mecânica era mecânico. Botavam o melhor ferramenteiro para ser mestre. Dr. W. chegou a conclusão que perdia um ótimo ferramenteiro e ganhava um péssimo mestre - Popp bagunça a seção, mandou fazer um de grauzinho, obrigava os fulanos a ficarem embaixo. Enquanto foi conosco não deu barulho, depois foi com a técnica, ele foi para outra seção. Trabalha menos, até mais folgado. Aí botaram seu Jorge, que era escriturário, era português mas inteligente, falava inglês - muito esperto, levava os mecânicos na conversa.

Tinha um grupo que não o aceitava porque ele veio de fora e não queria que ele mandasse em nós. Saiu mas não foi por nossa causa. Então veio um americano que dava aulas, queria empregar novos métodos, impedir esse negócio de parentes, quem é despedido não volta. O americano discutiu com seu Jorge e ele foi despedido, contra a vontade do Dr. W.. Depois, o ameri

cano também foi mandado embora. Aí veio o Roberto, escolhido porque tem muitos anos de firma e é um bocado esperto para manter o pessoal. Era chefe, é firme nas ações. Foi o americano que apresentou ele para nós. Roberto não tinha amizades, parece que não gosta de ter amizades. O Dr. W. põe uma pessoa de fora da seção que não tem amigos, não tem grupos, assim evita proteção. Se ele for pegar um mestre de ferramenteira, ele precisa de um engenheiro, só prática não é suficiente. O engenheiro eles não vão querer pagar, o Roberto está aí há dois anos. Atualmente acalmou, não tem mais brigas. Roberto foi cabeça de greve, eu também estava no meio. Vendo a ocasião ele dirigiu, participou de uma comissão, se ele foi gratificado foi com salário e isso faz muitos anos (tem outros chefes que eram mais revoltados que ele, o Marcelo, o Oliveira, o Paulino), depois, na época que ele já era contramestre. No tempo do Sr. J. A., a firma tinha muitos processos. Oliveira agora é empregado novo e chefia uma seção pequena. Marcelo era um grande gravador da seção do Giovanni. Tinham choques, choque justo, o Giovanni não discute, mas marca no caderninho.

O pessoal da Vila Maria era doente, o remédio foi a renúncia. Na época, eu comprava dois jornais por dia para ver o que falava. Por mais que eu tenha lido, não sei. Ele foi forçado, no momento ele foi um pouco mole. Ele pensou num golpe, ele tem pensamento de ditador, isso a gente não pode negar, pode-se ver pela conversa de Jânio Quadros e Carvalho Pinto. As forças ocultas? A maior parte pensa no Herbert Levy e no Lacerda. Ele não pode citar nomes, porque ia abalar a opinião pública. Jânio foi eleito porque saiu do nada, mas tinha capitalista do lado dele. Será que não existia nada e falcu, quem sabe, para fazer o povo pensar. Jânio não tinha mais os voluntários de outrora. Jânio é sem partido, isso é bom, mas não muito. O povo aderiu ao Adhemar porque ele se definiu contra o comunismo.

Um governo comunista corta a liberdade, paredon, vigilância política. A indústria passa a ser fiscalizada, um operário que se revolta também pode ir para o paredon, não havia liberdade de ir e vir. Se o Lacerda fosse ditador, faria uma coisa parecida com o comunismo, só que o comunismo é pior que ditadura. Ditadura é uma fiscalização severa. Do lado vermelho eles não perdoam, não é ditadura de um grupo interno, mas de um grupo internacional - temos agentes internacionais funcionando aqui.

Estamos com falta de bons homens, tem muitos querendo ajudar mas não tem mais o Getúlio. Juscelino queria agradar a classe operária, sabe que agradando a classe operária agrada a maioria, não tem meios para isso. Vem o aumento de salário, mas não adianta nada. O governo só procuraria agradar a todos fazendo o capitalista ter menos lucros, isso com maior produção em benefício de todos. A produção é baixa, ninguém encara o trabalhador, os capitalistas não se contentam em ganhar menos, há crise porque não se contentam em passar de bilhões a milhões como lucro. Com o Matarazzo, a coisa mais difícil é um operário ganhar uma causa na justiça, eles compram tudo.

Precisava estabilizar o custo de vida e aumentar um pouquinho o salário. Para os que ganham salário mínimo não melhorou nada. Mas isto já é da competência dos nossos políticos. Jânio sempre dizia "o pobre torna-se menos pobre e o rico menos rico". Nossa firma está indo para trás, teve quase 200 operários, agora tem 600. Em 15 anos na mecânica, venderam dois tornos e compraram três máquinas. Dizem agora que querem aperfeiçoar a perfeição. O Sr. M. agora se encostou no Chateaubriand e em políticos.

Todas as firmas do ramo pagam mais, continuo lá devido aos anos de casa, esperamos acordo. Aqui o trabalho é livre,

temos chance de aprender. Agora já cheguei ao máximo na Arco Iris. Se eu saísse de lá com dinheiro, ia montar uma pequena oficina. Lá eu aprendi, tenho pouca coisa a aprender. Talvez numa outra indústria, mas para isso a gente ficaria na mesma luta de salário. Eu gosto de mecânica. Montar uma oficina agora é difícil. Há um ano atrás estávamos mais ou menos bem. A maquinaria é cara, começar agora é loucura, para trabalhar noutra lugar a gente fica lá mesmo. Eu gosto mesmo é de ensinar. Fiz um curso de como ensinar no SENAI, mas isso na Arco Iris é mais difícil, tomar conta de outra seção também eu não gostaria. Estamos caminhando para a fábrica piorar. Quem sabe uma venda, não logo, porque o patrimônio sustenta. Quando eu perceber que forem vender eu saio.

Os artigos que eles fazem são umas bobagens, teriam possibilidade de fazer outras coisas. Eles acham que estão progredindo, isso eu não acho. Eles têm melhorado a qualidade, melhorou o controle de qualidade, mas atrasam a produção, são rigorosos em coisas desnecessárias. Estão prejudicando a produção.

3.1.22- DIRCEU

Nasci em Jaboticabal, num sítio. Com quatro anos vim para São Paulo, onde fiz primário e estudei desenho mecânico por correspondência. Comecei numa fábrica de móveis, como aprendiz de marceneiro. Aos 11 anos, tinha autorização do juiz, passei quatro anos e fui me aperfeiçoando. Então fui para outra indústria. Mudei porque achei que merecia ganhar mais. Fui para a outra ganhando dobrado, já entrei como oficial, fazia móveis. Trabalhei com cana da Índia. Saí porque deviam três pagamentos legais e eles não deram. Abri processo, fiz acordo, os próprios advogados do sindicato me mandaram fazer acordo. Renunciei ao sindicato e ao processo e fui para a Arco Íris - conhecia pelo meu sogro Marcelo. Comecei como ajudante na estamperia automática, aí eu vim ganhando salário. Depois fui para a lixadeira. Mudaram-me de seção porque faltava serviço e eu não me dava bem com o chefe. Fui trabalhar no almoxarifado, me virei, a direção viu, mandou-me para as fechaduras.

Na Arco Íris não se melhora de salário, a não ser por lei. Aí fiz testes e passei para a mecânica. Trabalhei de ajudante um ano, agora passei para a bancada. Depois que fui para mecânica é que fiz curso por correspondência. Não acabei o curso, não fiz exames, a casa foi assaltada e rasgaram tudo. Tenho muita possibilidade ainda, posso ser um técnico em ferramentaria, estou ainda no quarto ano do ofício. Na Arco Íris pagam bem os mecânicos, mas sei que as outras pagam melhor. Eu trabalhava de ajudante, agora passei a ser responsável pelo meu serviço. Eu considero uma promoção, mas não passaram a me pagar mais. O Sr. N. acha que foi promoção. A título de prêmio deram-me 15%, mas depois deram para os outros todos. Ferramenteiro é mais ou menos equiparado, um não pode ganhar mais que o outro, vão na justiça. Por mais interesse que se tenha não se ganha mais. Mas tenho mais possibilidade de ganhar mais na

mecânica, é a principal seção da fábrica. Eu pretendo, no futuro, fazer o curso de desenho na escola. Então se na mecânica, não dá, eu passo para o escritório. Eu gosto de ir tocando, enquanto dá para mim eu vou, quando não dá mais eu vou embora. Quando ferramenteiro não der mais, vou para tecelão ou outra coisa. Me dou bem em qualquer tipo de serviço, sempre tive facilidade para aprender o serviço. Teve época que marceneiro ganhou bem, agora é a época dos ferramenteiros.

No sindicato votei na chapa 1, por votar. Desde que me saí mal, não liguei mais. Não me interessei em ser sócio, me convidaram. No sindicato dos marceneiros eu participava, a firma disse que tinha comprado o sindicato, eu fui provar, eles ficaram com raiva de mim. Houve um erro de peritagem, imagine errar na conta do operário. Operário já é classe danada, não se justifica erro de peritagem em gente instruída. Não procurei o sindicato mais para nada. Dizem que dão remédio, assistência, o dinheiro que a gente paga joga fora. Se a gente precisa dos advogados, o sindicato demora dois anos para resolver a questão, é obrigado a receber o que o patrão dá. O sindicato dos metalúrgicos é melhor do que o dos marceneiros, tem mais união, se tiver que paralisar alguma coisa, eles paralisam. As indústrias de marcenaria são pequenas, ninguém para, ninguém liga.

Votei no Jânio para presidente, tem coragem. Desde a campanha de vereador ele vinha na Vila Mazzei e eu ia ver, o jeito que falava, as coisas bem explicadas, a gente entendia. Ele dizia que ia ser presidente para gente não abandonar. Eu não abandonei. A renúncia? A pessoa não abandona um posto daqueles bestamente, só pode ter sido pressão. Se tem isso aberto, imagine o que passa por trás. De fato, militar não gosta do Jânio. Ele era tido como louco. Jânio não se vê muito o que fez. Do presidente não se pode esperar muito, vereador do bair

ro da gente a gente espera porque só tem aquele pedacinho para cuidar. Os serviços que o presidente faz a gente vê menos ain da. O Jânio como governador era bom, ele apertava, acabava com a inflação. Ele prejudicava os funcionários que não faziam na da, só marcavam cartão. Por fora a gente só nota que os tuba rões tinham medo dele, nenhum tubarão tem medo do Adhemar. Jã nio arrancava desse o que desse, do rico e do pobre, doa a quem doer. Quiz tentar um golpe, endireitar a nação, não deu certo. Os operários não foram contra, sofreram mas não foram contra. Desde aquela época começou a crise, pode entrar quem entrar que não endireita. Não voto em Carvalho Pinto, em Juscelino muito menos. Meu gosto era que o Jânio voltasse, mas não tem mais chance de ganhar de novo. Para governador ele ganha, quem votou em Adhemar, 90% estão arrependidos. O Adhemar deixa muita liberdade, não segura, a pessoa pode vender pelo preço que quiser. Às vezes a gente tem fé numa pessoa. O Brasil deve muito para o estrangeiro. Tinha que entrar um presidente que tivesse coragem de não emprestar mais e essa pessoa é o Jânio. Voto pela pessoa, não olho partidos, todos os partidos são iguais. Só fazem promessas para os operários. A gente é obri gado a ficar sabendo pelo que escuta. A gente não tem oportu nidade de falar com a pessoa. Para vereador a gente sabe, vo tei no Sebastião Laet, a gente sabe em quem está votando.

Comunismo nem sei o que é, só vejo falar. Para saber tem que ir lá ou pegar uma pessoa que já foi, que sofreu ou foi feliz. Não sei se lá é bom ou ruim, se favorece os que tra balham ou os ricos. Acho que os próprios políticos não enten dem nada. Vejo o filme, gente pulando o muro preferindo morrer ao comunismo. Se gente chega a se matar, não deve ser grande coisa.

Não há perigo de golpe, coisas infundadas, fazem é agitação. Quando tem que acontecer alguma coisa é de repente,

como nos Estados Unidos. Tem que sanar o mal pela raiz.

Na minha opinião, o Kennedy foi um ótimo presidente em todos os pontos de vista, pregando a paz. Católico lá é como protestante aqui, são minoria por isso se esforçam mais. Católico aqui é muito relaxado, faz tudo que é proibido. Esse indivíduo que matou faz parte de uma quadrilha, os próprios americanos ensinam isso, fazem filme ensinando como. Os Intocáveis. É uma quadrilha, porque uma pessoa que fosse louca não ia acertar o indivíduo, mas também pode ter sido forçado, a gente tem filhos é só encostar um revólver numa criança. Às vezes foi o moço querer fazer nome em sujeira não em glória. A polícia deles que devia de ser ótima, não valeu, os guardas seguraram o moço para outro matar. Não se pode dizer de que país é, mas tem gente de outros países. Talvez de Cuba eles foram prejudicados, os americanos fizeram tudo para prejudicar. Talvez fosse até melhor invadir do que ficar oprimindo sempre.

Fidel, pelo que ouço dizer para eles lá, está agindo certo, não sei se é comunista. Se a pessoa errou, ele endireita, não dá chance. O Brasil para se endireitar tinha que se sujeitar a um Fidel Castro. Se fizesse isso, vamos dizer o Jânio, apertasse tudo, tocasse o povo na lavoura. Mas se alguém ficasse descontente tachavam o Brasil de comunista e o Brasil ia se prejudicar, pois o que está em falta vem de outros países.

Na minha idéia Juscelino fez Brasília para fazer o nome dele, glória dele, mas aquele dinheiro saiu de algum lugar e nós até hoje sentimos as conseqüências. Aquilo foi empréstimo, tinha até um território empenhado. Fernando de Noronha já era dos americanos. Davam empréstimos, depois tomavam conta, depois o grito de D. Pedro não valia mais nada. O Juscelino estava negociando.

Prefiro uma ditadura por um tempo, pelo menos tenho esperança que endireite. Aumento de salário s^õ serve para man^{dar} oper^{ário} embora, não adianta mais trabalhar. A solução pa^{ra} não subir era ninguém comprar, mas se não comprar a gente morre de fome. O mais certo seria um tabelamento, subir de acordo com o salário. Aí cai a parte de um governo enérgico e de pulso, não é "com fé em Deus" que vamos resolver. É fazer lei e não garantir os furagreve.

3.1.23- ZEBEDEO

Nasci em 1926 no interior da Paraíba, num sítio, na localidade de Água Branca. Fui criado em Juazeiro no Ceará, fui para lá com quatro anos. Aí trabalhei na roça. Cheguei em Fortaleza em 1944 e trabalhei como servente de pedreiro. Logo que cheguei aqui em São Paulo vim trabalhar aqui na fábrica. Comecei primeiro na fundição, depois fui para a politriz, mas como lá ganhava menos, voltei. Desde doze anos que trabalho aqui e nunca fui promovido. Aumento só os de lei. Agora, o que ganho dá para tirar um pouco mais que o salário mínimo. Não vejo possibilidade de melhora, não sei ler e só sei esse serviço; mas me aclimatei bem. Só saio da fábrica se me pagarem os meus direitos. Aí então vou embora para minha terra.

Sou sócio do sindicato e votei na chapa 1; já estava acostumado com eles, apesar de ser contra a greve. Eu preferia que ao invés disso houvesse entendimento, mas se acontecem essas coisas é porque o sindicato é obrigado a agir assim. A chapa 1 sempre consegue para nós aumentos maiores. É verdade que não se deve lutar só por aumento, mas é verdade também que o salário devia acompanhar o custo de vida. O que o sindicato devia fazer também era ter um depósito de alimentos e vender alimentos para os operários.

Eu acho que os operários não deviam parar de trabalhar para fazer greve. Cada um devia ficar em sua casa, não devia haver piquete, arruaça, a polícia mantendo a ordem. Senão ia tudo virar guerra no País. A questão devia ser resolvida entre o sindicato e os patrões. A paz vale tudo. Mas de um modo geral a greve é sempre justa. Só que devia haver um sindicato só, para todas as classes, assim se organizaria melhor a greve que deveria ser uma greve só. Porque não é fácil o entendimento entre o patrão e o sindicato, a greve é a única força do operário.

Quando há greve eu fico em casa. Eles que resolvam porque eu não tenho nada com isso. Não é que eu seja contra um ou outro, mas é que a situação da greve é perigosa.

Eu não voto se bem que tenha vontade de tirar título. Não posso ter candidato preferido, pediria a Deus para por no meu coração o nome em quem votar. Votaria no nome que me desse na cabeça no momento da eleição. Deus é sempre quem decide, por que tudo já está escrito na Sagrada Escritura. Vem o tempo em que as coisas vão piorando e o fim já está chegando. É por isso que eu só saberia votar em quem Deus me dissesse na hora. Já no caso de eleição do sindicato não há essa responsabilidade, porque é uma eleição particular, mas mesmo assim, Deus sempre ensina.

Dos políticos sempre achei que Getúlio era o melhor, era uma arma forte para o operário, que antes não tinha direitos e ele fez as leis. O Juscelino também fez benfeitorias. Já o General Dutra fez a Via Dutra. Foi Deus que iluminou o Getúlio, porque por si mesmo ele nada teria feito pelos operários.

Foi Deus que fez tudo, e deve mesmo haver diferenças entre todos. Se o próximo presidente só se preocupar com o rico é porque Ele assim o quer. Deus escreveu tudo, mas cada um pode escolher pelo bem ou pelo mal. O caso é que os homens não respeitam os mandamentos, amando mais as trevas do que as luzes; e é mesmo mais fácil fazer o mal que o bem.

Não sei dizer nada sobre a prisão dos diretores do sindicato. O Plácido, dizem que é comunista. Mas se ele está no Brasil tem de ser brasileiro. Não pode ser comunista e brasileiro ao mesmo tempo. Comunista só o russo. Só poderá ser comunista aqui quem for russo, daí pode; está errado dizer que brasileiro é comunista.

A Rússia não procura encrencar com ninguém, mas acho que lá é ruim porque não há religião. Mas o fim não chegará enquanto todos não souberem a vontade de Deus.

Tenho seis filhas e três estão no curso primário. Elas serão o que quiserem. Meu prazer é que elas leiam e serão o que Deus quiser. Tenho vontade de aprender a ler de noite, quando eu chego estou sempre muito cansado. O que eu espero da minha vida é ser indenizado com um milhão mais ou menos e ir para Fortaleza trabalhar por conta própria. Como está, não tenho saída. Quero ir para Fortaleza vender frutas junto com meus irmãos.

3.1.24- VIRGOLINO

Fui criado em Minas na fazenda até 14 anos. Trabalhei na lavoura, fiz primário incompleto e mudamos para o interior de São Paulo. Lá eu trabalhei em usina de açúcar cinco anos. Trabalhei também na lavoura de cana. Viemos para São Paulo em 1951, trabalhei três meses numa fábrica de guarda-chuva. Trabalhava como operador de uma prensa. Saí de lá para vir para a Arco Íris porque não precisava condução e meu pai trabalhava lá, Agora ele já saiu.

Estou há 13 anos na Arco Íris. Comecei como fundidor, fiquei mais ou menos três meses, depois trabalhei em diversas seções: rebarbagem de latão, montagem de estamparia, prensas e estou há 11 anos na politriz. Comecei como aprendiz de polidor, fiquei três anos na produção, depois passei a supervisor. Fui chamado pelo Dr. W. para ser promovido por merecimento, ele achava que eu servia para o cargo de supervisor, pois eu merecia. Aonde há reconhecimento do empregador é obrigação do cidadão operário procurar a melhoria. O empregado tem que lutar pela melhoria e desenvolvimento da indústria, eu tenho procurado melhorar as condições de segurança da seção.

O futuro ninguém prevê, há sempre a esperança de trabalhar por conta própria, porque empregado não tem chance de melhorar sem ser pelos aumentos. Se houver reconhecimento do patrão, está bem; depende do patrão, do contrário é esperar pela legislação trabalhista.

Sou inimigo número um do comunismo. Queremos viver em liberdade, um mundo livre. Sei o que é o Partido Socialista, tenho tido ligações com dois membros do PS, Delléllis e Plácido que estão presos. Ali é um foco, a opinião deles é muito mais do socialismo do que do lado da democracia. Delléllis e Plácido

têm procurado fazer o bem do operário, mas acredito que ainda teria uma forma melhor de resolver uma greve sem agitação.

Greve deveria haver uma vez que não tenha entendimento. É o custo de vida, o nível social e a alta administração que provocam as greves. A greve é um grande prejuízo para a nação, mas eu acho que greve não é um problema econômico, é problema político. Estamos nesta situação social ruim porque ninguém resolve nossos problemas, somos obrigados a nos unir.

Acho que um governo para administrar uma nação precisa não ser manobrado por grupos, seja o grupo reacionário, seja comunista. Nosso problema é de um homem digno e honesto e que pensasse no bem do povo, que desse condições melhores, há tanta pobreza... pobreza que vem por causa da má organização. Esta má organização é política e por causa dos grupos capitalistas.

Os capitalistas não fazem o bem espontaneamente, é a legislação trabalhista que os obriga, se fosse pelos capitalistas eles não fariam nada. Onde existe parte espontânea do patrão é só em firmas americanas. As firmas americanas dão assistência porque os Estados Unidos é um país mais desenvolvido que o nosso, as leis deles são mais aplicadas e como a vida social americana é mais organizada eles não levariam dinheiro nosso para lá deixando nosso povo sem assistência, é questão de formação moral deles.

Sempre tive vontade de ir para a América do Norte, até tirei informações no consulado americano sobre o custo de vida lá. Eu queria ver como é a vida lá. Não queria morar lá porque gosto daqui e quero que o Brasil seja uma grande nação, quero que seja um grande país, com sistema de vida social melhor, e assim pela má sorte dos dirigentes que temos.

Os Estados Unidos estão bem porque para o desenvolvimento de uma nação em primeiro lugar deveria acabar com o analfabetismo, dar apoio de educação em todos os sentidos, educação técnica para formar especialistas, precisa de gente capacitada com aperfeiçoamento técnico porque não adianta nada ter solo bom para a agricultura se não tem especialistas para máquinas agrícolas.

Um bom governo devia aplicar em primeiro lugar severidade com todos os infratores e lei para todos pagarem os impostos que são sonegados, aí que o governo adquiriria fundos para toda melhoria pública. Não deveria haver suborno no Estado. Esses fiscais que recebem suborno deveriam ser expulsos de emprego público e nunca mais poder votar.

Votei para presidente no Juscelino em 1955, votei no Jânio em 1960 e depois votei nele para governador em 1962. Da outra vez, votei também no Jânio para governador e depois votei no Carvalho Pinto. Todos os partidos são iguais. Representar a classe operária só quando houver um homem de consciência que pense do lado do operário. Pode surgir um operário como pode ser um homem de alta sociedade, depende do modo de encarar os problemas políticos, financeiros e sociais.

Acho que embora o Lacerda seja um homem muito inteligente, uma grande personalidade, ele como jornalista já trouxe grandes perdas à Nação. Ele tem se envolvido em problemas como o do Getúlio, a morte do Major Vaz, que morreu no Rio. Não tenho prova, mas os jornais dizem que ele jogou mendigos no rio da Guarda. O carioca tem mais conhecimento dele do que nós paulistas. Esses que são muito contra o comunismo, os fanáticos, penso que são os primeiros comunistas. Agora tem uma coisa, no nosso país o homem que procura o bem estar do povo brasileiro é taxado como comunista, os demagogos que se esquecem

do povo, do bem estar na Nação, da vida social são chamados dos verdadeiros democratas. O Lacerda está enquadrado no verdadeiro anti-democrata, ele procura agitação política, o contrário do Dellêlis e Plácido que fazem pelos operários. Lacerda faria uma ditadura facista, do lado dos ricos. Ele é um perigo principalmente para os operários.

Do meu ponto de vista, o Juscelino é o ideal, porque foi um governo que deu um grande impulso à Nação. Embora muitos digam que ele foi o governo do alto custo de vida, o governo de grandes inflações, foi, entretanto, o governo que mais desenvolveu o país: rodovias asfaltadas, usinas hidrelétricas, grande movimento industrial automobilístico e esse desenvolvimento trouxe grande número de empregos para a classe operária. Enquadrando meu ponto de vista, acredito que, conforme vai desenvolvendo o país, precisamos não só das indústrias automobilísticas, como também necessitamos do capital estrangeiro para acabar de desenvolver. Não sou contra a Aliança para o Progresso, porque o americano não tem nada que pensar de não desenvolver todos os países da ONU, que todos tenham o mesmo sistema social do povo americano. Mesmo que os Estados Unidos estivessem com segundas intenções é interessante para eles que todos os países da ONU sejam desenvolvidos tão bem quanto eles, levando a democracia, não a que levamos, porque a classe operária vive muito atormentada, bem administrada, um padrão de vida bom em que haja liberdade.

O comunismo seria um regime onde não há liberdade de pensamentos, de passeios. Para o operário que ganha o salário mínimo e tem quatro ou cinco filhos, para ele é mais interessante o comunismo porque acredito que a liberdade financeira seja mais presada do que o próprio comunismo, por isso acho que tem grande possibilidade de vir o comunismo no Brasil e beneficiaria muita gente.

Fidel Castro não usou uma campanha diretamente ao comunismo para tomar o poder. Ele usou uma campanha diferente. Em parte foi bom para o povo cubano, principalmente para a parte operária, porque o comunismo deveria existir, o PC também, mas com liberdade de pensamento dos chineses, dos cubanos, dos russos, e liberdade deles irem para onde quisessem. O problema lá é falta de liberdade.

Não podemos acreditar nos jornais porque se existe uma parte que é a favor, que esclarece sobre o que é o comunismo, há quem não gosta. Deveria por isso ter campanha de esclarecimento justa, não mentirosa. Mas se existisse uma campanha de esclarecimento do socialismo e esta campanha levasse o povo da classe do salário mínimo a crer que o comunismo de fato é realmente um padrão de vida melhor, aí os primeiros a ser contra essa campanha seriam os grupos reacionários. Para os grupos reacionários não seria interessante o povo ter esse esclarecimento, porque chegaria a hora de nós termos a mudança de regime e os reacionários parariam de se enriquecer tanto.

Nós devemos ter uma reforma de nossa democracia, precisamos de uma democracia com mais justiça, com padrão de vida melhor, uma democracia para o melhor desenvolvimento de nosso país.

O governo que administra uma nação que tem pensamento de reformas e idéias justas seria o governo ideal, porque seria o governo que não estava com pensamentos ambiciosos, não adianta um homem ser tão rico, ter ambição e outros passando fome, deveria pensar no bem estar da humanidade.

Quando era solteiro, fui delegado do sindicato na Arco Iris. Depois de casado, desliguei. Votei na chapa 1 porque acredito que a chapa 1 tenha maior conhecimento dos assuntos

ligados aos operários.

Ultimamente, durante as greves, tenho ficado em casa, vou ao portão para acompanhar a maioria, mas antes de me casar eu ajudava a parar a fábrica. Paramos um "par de vezes" a fábrica. Como cristãos, somos contra o comunismo, mas chegamos a conclusão de ver tanta miséria, tanto sofrimento, pessoas levando uma vida desesperada, que a pessoa chega à conclusão que o comunismo resolveria para muita gente.

3.1.25- JOÃO

Nasci em Cravinhos (São Paulo). Com 19 anos vim para São Paulo. Antes fiz muitos serviços, trabalhei na roça, de pois entrei na Escola Profissional Mecânica de Ribeirão Preto. Era a 20km de distância de onde eu morava, mas o governo dava passe de trem. Não cheguei a acabar a escola. Quando vim para São Paulo trabalhava como servente de pedreiro, também tomei conta de obras. Mas passava pouco tempo no emprego, um mês ou dois. Tinha crise de emprego, era o começo da guerra, no tempo em que estavam construindo Volta Redonda. Trabalhei na Antártica durante três meses, fui carregador. Depois trabalhei um mês numa oficina de marcenaria. Eu tinha uma certa orientação pro fissional porque meu pai era carpinteiro. Depois trabalhei nu ma metalúrgica, na fundição, como ajudante de ferreiro, mas não me satisfiziam nem o salário nem o serviço.

Entre aqui na fábrica no tempo da guerra. O Brasil começou a trabalhar para a guerra e a metalúrgica foi contra da. Entrei como esmerilhador. Passei 18 anos na Politriz como ajudante de oficial, fui promovido a oficial e depois a ajuda nte de supervisor. Agora sou encarregado de uma seção.

Quanto à possibilidade de ser aumentado, é difícil para mim. Eles têm preferência por pessoas mais chegadas à di reção. Espero vir a trabalhar em firma melhor, no ramo da ele trônica. Aqui não pagam bem os operários especializados. Nas outras firmas o especializado ganha melhor.

Sou sócio do sindicato, votei na chapa 3 para tirar aquela continuidade. Queria botar lá dentro id éias novas, re formas. Alguns elementos da chapa 3 eram muito bons, capazes de orientar melhor os operários, sem demagogia. Em todo o caso, a chapa 1 tem uma orientação bastante boa, já a chapa 2 do Mo

vimento Sindical Democrático estava querendo partir para outro campo, são meio religiosos e chamavam os outros de comunistas.

A diretoria do sindicato, apesar de nunca haver renovação, faz muita coisa. É o único sindicato na América Latina que tem prédio próprio e bonito. Até emprestamos para as outras classes fazer reunião. Agora vamos fazer uma colônia de férias em Santos, isso é bom, tem tanto filho de operário que nasce e morre aqui sem nunca ver o mar.

Quanto à prisão de Dellélis e Plácido, eu acho que eles não estavam metidos em nada, são os patos. Sempre que tem questão, os que não têm a ver com isso é que pagam. Agora esse negócio de subversão da revolução de Brasília, eles têm que achar alguém para pagar o pato, sempre quem tem menos defesa é quem paga.

A greve, quando é para resolver as necessidades do povo é sempre justa. Agora, por exemplo, eu estou lendo no jornal sobre a greve de Capuava^(*) e acho que ela é justa. Esta última greve do PAC^(**) também era justa, era uma greve geral para ver se o governo tomava providências imediatas visando não só o salário, mas também as reformas de base, porque greve só por salário não resolve nada. Os privilegiados quando interessa a eles dizem que essas greves são "políticas". Mas greve é uma só, greve por reformas de base ou por salário móvel é tudo greve econômica.

Para presidente em 1965 voto no Carvalho Pinto por que com ele não existe peleguismo, é mais nacionalista e não

(*) Greve dos trabalhadores da referida refinaria, exigindo sua encampação pela Petrobrás, encampação feita no comício de 13 de março de 64

(**) Pacto de Ação Conjunta, aliança entre diversos sindicatos.

ter interferência de trustes. Em Juscelino, Adhemar e Lacerda eu não voto. Não voto no Lacerda porque o operário não tem confiança nele, é muito americanizado. Se ele fosse eleito presidente ia combater a política que o operário procura, ia apoiar outro sistema sindical, porque o que tem ele, acha que é subversivo. Mas subversivo o sindicato não é, quando atrapalha os outros então acham que é subversivo.

Um governo a favor dos operários seria um socialismo cristão que faria as reformas de base, estabeleceria o salário justo e o lucro justo, combateria a sonegação e suprimiria a remessa de lucros. Há pouca possibilidade desse governo ser eleito. Os operários nunca chegam a nada, mas isto não é importante, o que é preciso é continuar explicando as coisas para o povo, porque esse movimento tem que partir da consciência dos operários. Enquanto isso não vem, tudo vai continuar em crise porque são os próprios capitalistas que decidem se vai haver crise ou não. O governo deveria interferir diretamente, mas os deputados e senadores são os capitalistas eles mesmos. Do jeito que as coisas vão, só se o governo toma primeiro a iniciativa é que os operários podem fazer greve de pressão. Mas até agora os operários não têm sido bem orientados, as greves não são muito explicadas, só sabem fazer greve por causa de salário. Mas se o sindicato quiser esclarecer vão começar a chamar ele de comunista. Se o presidente da República intervém, também chamam ele de comunista.

Quando o Jânio entrou, eu pensei que ele fosse o governo favorável para os operários, depois as classes favorecidas entenderam o que ele queria e foi obrigado a renunciar. Se o Jânio voltasse agora e apresentasse um programa socialista e explicasse a renúncia, ele seria eleito e muito bem apoiado.

Agora tem uma parte do povo que quer ditadura como

uma espécie de desespero, mas eu acho que aqui não é mais terra para ditadura, acho que o povo não acompanhava. Aqui não durava, fosse quem fosse. Seria ruim mesmo se fosse o Jânio. Mas o regime que estamos também não é democracia. Agora existe democracia apenas para uma classe.

Se o Lacerda fosse ser ditador ia ser que nem um fascista, que nem um hitlerista, ia ser pior demais. Mas eu acho que não tem perigo de golpe do Lacerda. Ele é odiado pelo povo, e só o dinheiro não leva a nada. Para ser ditador tem de satisfazer a vontade do povo ou pelo menos fingir que satisfaz, que gosta do povo.

O Fidel Castro no princípio fez coisas muito boas, deu liberdade e bem estar ao povo. O povo sofria muito no tempo do Fulgêncio Batista, eram escravos dos trustes, 75% das terras cultiváveis eram da United Fruit, tudo dos americanos. Depois ele foi para o lado dos russos buscar reforço, para manter a liberdade do povo, porque os Estados Unidos queriam invadir Cuba. Agora lá para a classe que era escrava no tempo do Batista tudo é melhor. Foi tudo falta de visão dos americanos, assim eles vão continuar perdendo muitos outros povos.

Dizem que os Estados Unidos são o país mais civilizado do mundo, mas lá existe muita selvageria por parte dos conservadores e dos sulistas para com os negros. Desconfio que o Kennedy foi assassinado pelos republicanos por causa de seus ideais de reforma e de compreensão entre os povos. Foi tudo bem organizado, na hora falhou até o serviço de segurança. Isso agora de dizer que foram os comunistas a para desviar a opinião pública. O regime nos Estados Unidos é bom, mas existe excesso de liberdade: perseguição racial, quadrilhas econômicas, trustes.

O comunismo é alguma coisa de muito diferente do fascismo. O fascismo é racista, é contra os judeus dizendo que eles são culpados. Mas o que é mais diferente é que o fascismo é capitalista. O comunismo é um problema de capital, as empresas são estatais e não existe patrões e operários; todos recebem do Estado, é uma coisa diferente do capitalismo. Agora o que é ruim é que lá é tudo muito organizado, o camarada tem prazo certo para tudo, em parte eles têm razão.

No Brasil para se ter um bom nível de vida, os homens do poder deviam ter mais consciência. Aqui não é o governo quem governa, é o capitalista. Eles têm o governo na mão.

Nenhum dos candidatos que tem agora se aproxima do "socialismo cristão". Se aparecesse o povo votava nele, o povo quer solução.

Os jornais em geral informam mal. O Diário de São Paulo por exemplo, que eles dão para gente lá na fábrica, é um jornal vendido para os capitalistas; eu tiro a média lendo um jornal comunista. Esse tal de Brasil Urgente é um jornal esquisto, é pago por um lado meio fascista: são os padres que querem pegar o movimento operário.

O Jango que está aí agora, é um governo que agrada a um e a outro, mas não vai conseguir muita coisa. É verdade que conseguiu o salário família, o abono de Natal e a reforma da aposentadoria, mas o salário móvel ele não consegue.

No Brasil as companhias estrangeiras remetem mais dinheiro para fora do que deixam aqui. Mas tem capitalista brasileiro que também deposita no exterior.

Se tivesse um regime comunista aqui, os capitalistas

tenham que fugir e ficava tudo do Estado. Se entrar esse regime, demora ainda pelo menos uns 30 anos. Antes de ser comunista, ou seja, logo após a revolução, as coisas podem melhorar. Depois fica tudo parado. Mas existem divergências entre os comunistas, uns querem reformas, outros, como a China, querem manter uma linha diferente. Aqui no Brasil, se logo depois da revolução se estabelecer uma divergência ideológica, talvez seja bom...

4- MEMÓRIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO

4.1- POPULISMO

A renúncia de Jânio Quadros à presidência apareceu como um raio em céu sereno para os operários janistas. O tipo de ligação sentimental bastante forte entre o líder e a massa era o suficiente para vencer a aparente apatia que se podia verificar junto aos operários com relação à política. Jânio aparecia como diferente de tudo, ou quase tudo, a que os trabalhadores conheciam no campo da política partidária. É certo que Getúlio permanece sempre como um mito, que a legislação trabalhista era vista como a conquista fundamental dos trabalhadores, entretanto Getúlio ainda era um homem que aparecia ligado às estruturas políticas tradicionais; Jânio se apresentava à massa como um homem só, um homem sem partido, que não tinha compromissos senão com a massa trabalhadora que o elegera. Nesse sentido, votar em Jânio era quase como votar em si próprio; um si próprio que sabia falar que era culto e enérgico, entre tanto fundamentalmente um homem do povo. Era característico da demagogia janista esse tipo de empatia com a massa. Nesse sentido, Jânio foi um inovador dentro do populismo brasileiro.

Skidmore se coloca a questão sobre se se poderia ou não denominar Jânio como um líder populista. É interessante verificar que são justamente as características inovadoras do estilo janista que levam a dúvida ao historiador americano, numa confusão clara entre populismo e um certo estilo clientelístico tradicional do qual o coronelismo é sua expressão mais elaborada (Skidmore, 1969). Weffort dá conta, em parte, do problema:

"Seria, portanto, necessário estabelecer de início as distinções entre populismo e "coronelismo", formas algo semelhantes pois o líder de massas, como o coronel, se apóia sobre uma relação de tipo afetivo com os seus seguidores, sobre uma relação de confiança e

dependência pessoal (...)

Populismo e "coronelismo" são, porém, realidades sociais basicamente distintas, embora possam se associar em circunstâncias determinadas. O populismo é fenômeno das regiões atingidas pela intensificação do processo de urbanização, pelo crescimento das cidades que acompanha o crescimento das indústrias. Esta belece suas mais fortes raízes nas regiões de mais intenso desenvolvimento capitalista. A relação líder-massa, típica do populismo, apenas formalmente se assemelha aos padrões afetivos vigentes na sociedade tradicional brasileira.

Há uma diferença básica entre "coronelismo" e populismo: no primeiro temos contatos nos limites sociais e econômicos sob domínio do senhor rural; a adesão da massa ao líder su põe, pelo contrário, a liberdade dos indivíduos que a compõem, de qualquer forma de coerção social e econômica daquele tipo. No "coronelismo" a relação é quase política, é apenas uma dimensão da dependência social geral do eleitor; no populismo, a relação política é frequentemente a única; no "coronelismo" exprime um compromisso entre o poder público e o poder privado; o populismo é, no essencial, a exaltação do poder do Estado, é o próprio Estado se colocando, através do líder, em contato direto com os indivíduos reunidos na massa.

Não tem, portanto, qualquer sentido limitar o populismo, por força das analogias com o "coronelismo", à sua forma patriarcal, como a vemos em Getúlio Vargas ou em Adhemar de Barros(...)"(Weffort, 1963).

Mas de onde provinha a especificidade do estilo de Jânio Quadros? Acredito que justamente do fato de sua liderança estar apenas em grau muito pequeno comprometida com a liderança tradicional. Se o populismo surge da liderança tradicional como uma necessidade mesmo desta para se adaptar às novas condições criadas pela industrialização e urbanização que tiveram como contrapartida no plano político o alargamento da demo

cracia a novas camadas da população, ele vai progressivamente se purificando dessa ganga do passado até surgir em sua maior limpidez com o janismo. Jânio percebeu que não era mais possível fazer um apelo ao apoio da massa, através da promessa de benefícios a serem concedidos, não era possível mais aparecer como benefactor ou pai do povo, mesmo porque tais papéis só ca bem a homens ricos e a figura de Jânio era pobre. Jânio nem adulava nem protegia, ele e as massas se moviam num mesmo ní vel. A ideologia confusa do janismo, oscilando entre a esquer da e a ultra-direita era também a expressão mais exata da ideo logia confusa das massas dos centros urbanos, como fica paten te em nosso trabalho. O estilo cafageste e beato a um só tempo reunia os elementos do estilo vago, cínico e sincero, de seus eleitores. A própria linguagem, empolada e sem significados con cretos precisos, corresponde a essa forma de expressar o mundo, própria das massas urbanas. Um mundo que por aparecer desestru turado, não é compreendido, porém precisa ser conceptualizado a um só tempo em sua complexidade e em sua falta aparente de sentido. Se Getúlio era acessível às massas, se Adhemar sempre teve uma comunicação fácil, o gênio de Jânio situava-se em ou tro plano. Jânio não precisava ser compreendido para se comuni car com as massas, bastava-lhe falar e agir nos comícios. Como deixar de votar em alguém que é nós mesmos, ainda que não sai bamos direito o que quer, posto que nós também não sabemos?

Uma característica fundamental da carreira de Jânio Quadros é seu caráter essencialmente urbano. Desde sua eleição para vereador até a chegada à presidência da República, a gran de massa dos eleitores janistas sempre foram o operariado e o "petit peuple urbain". Tanto nas eleições presidenciais (1960) como na eleição vitoriosa para o governo do Estado de São Pau lo (1955) foram os votos urbanos que asseguraram a Jânio a vi tória e mesmo nas eleições perdidas de 1962 foram os votos do interior por contra que asseguraram a vitória a seu opositor,

Adhemar de Barros. O que me parece importante por em relevo é a relação desse caráter urbano da liderança janista com o estilo de populismo que lhe é característico. Ao contrário das lideranças populistas anteriores, Jânio não tinha qualquer vinculação com o mundo rural: não era grande proprietário fundiário, nem fez sua carreira política ligado a um partido de tipo clientelístico. Se se pode afirmar uma especificidade no estilo janista, essa especificidade é justamente sua relação não paternalista com a massa. Ora, isso não se deve nem ao acaso nem a uma escolha, mas sim a essa ausência de laços que vinculava sem Jânio à política paternalista tradicional. Também a idéia da manipulação da massa pela liderança tem de ser redimensionada. Apesar de em certo sentido Jânio ser a essência mesmo da manipulação, seu discurso e seu comportamento efetivo se situam em outro nível que o das lideranças populistas paternalistas. Nesse sentido, a consciência mistificada e mistificadora que foi o janismo o era tanto para a massa quanto para o líder. Jânio não foi um homem que tenha sobrevivido proveniente de estágios políticos anteriores (Primeira República ou Estado Novo). Toda sua carreira se faz dentro do período democrático e é, tanto como a massa de seus eleitores, produto desse mesmo período.

Dentro desse quadro, a renúncia apareceu como um golpe que atingiu pessoalmente os trabalhadores que haviam votado em Jânio. A primeira sensação foi de incredibilidade e aturdimento. Um operário expressa bem o que deve ter sido esse clima e essa sensação: "Na época eu comprava dois jornais por dia para ver o que diziam, mas por mais que eu lesse eu não sabia." (Questionário). As explicações foram surgindo, tanto da parte daqueles que continuaram a confiar no líder como da parte daqueles que dele se desencantaram.

Grande parte dos operários janistas votaram ainda

mais uma vez em Jânio depois da renúncia (eleições para o go verno do Estado em 1962). Embora não nos pareça que o essen cial da manutenção do apoio ao líder sejam as explicações even tualmente encontradas para a renúncia, vamos nos deter, entre tanto, um pouco nas mesmas, por achar que elas oferecem uma chave para a compreensão do fenômeno.

O que nos chama imediatamente a atenção se comparar mos o grupo dos que permanecem janistas com o grupo daqueles que tendo votado em Jânio para presidente deixam de nele votar para governador, é o caráter mais especificamente político das explicações sobre renúncia no primeiro grupo, em contraste com o caráter mais particularista e psicologizante dos que não sen do mais eleitores de Jânio pretendem explicar sua renúncia. Pressões do imperialismo, de grupos capitalistas, de milita res ou de políticos aparecem como o fator fundamental que le vou Jânio à renúncia. O que é patente sempre que tentam expli car a conduta de Jânio é que se fosse por vontade popular, ele ainda estaria na presidência e que se caiu (foi derrubado) foi por tentar fazer algo em favor das massas populares. É extrema mente significativa neste sentido a resposta de um operário, justificando porque votara em Jânio em 1962, depois de ter si do obrigado por seu patrão a votar no mesmo candidato para pre sidente em 1960: "Tinha votado nele já uma vez. Agora votei de vontade. Votei porque ele renunciou. Mas não foram os ope rários que o tiraram de lá, por isso devia voltar(...)" (Ques tionário) ou então o que diz outro tirando qualquer caráter voluntário da renúncia: "Ele foi forçado a renunciar, não per di a confiança nele." (Questionário). Outro tenta compreen der a renúncia, embora reconheça não dispor dos dados necessá rios para saber exatamente o seu porquê: "Sempre confiei nele, mas o povo não pode saber porque tantas coisas acontecem. Sabe mos que o Jango, que era o vice, teria que ocupar o cargo e, no entanto, houve toda aquela onda de parlamentarismo. Isso é uma

prova de que os políticos procuram passar por cima das leis, uma prova de que eles tinham motivos que não sabemos para fazar Jânio renunciar (Questionário). As forças ocultas parecem polarizar-se em torno dos políticos interessados ao mesmo tempo na queda de Jânio e na manutenção das classes populares em sua situação de inferioridade.

Entretanto, com maior frequência não há sequer a preocupação com entender a renúncia. É o que expressa de forma extraordinária um operário eleitor de Jânio: "Continuo votando nele. A renúncia foi problema dele. A gente nunca sabe a verdade mesmo." (Questionário). Por trás dessa formulação que aparentemente denota apenas uma fidelidade para com o líder se esconde, a verdade, mesma da democracia representativa. No momento da eleição e apenas nele é que o poder reverte ao povo. Eleitos os representantes, delegado o poder, o povo perde qualquer possibilidade de controle direto. Nesse sentido, realizar ou renunciar são possibilidades igualmente abertas aos eleitos ou como diz magnificamente nosso entrevistado: "A renúncia é problema dele."

Talvez um fato do passado recente, tenha levado os operários janistas, pelas semelhanças formais das quais a presença de Lacerda na oposição é a mais evidente, a emprestar imediatamente à renúncia um significado que ela não tinha. Refiro-me ao suicídio de Vargas. À carta renúncia pretendeu-se dar o mesmo significado das carta testamento. Na verdade, Jânio ao renunciar nem se suicidou e muito menos suicidou-se politicamente, nesse sentido a carta renúncia era vaga e abstrata: acusava para dar uma satisfação às massas, mas a rigor não acusava ninguém para poder jogar com as forças políticas e econômicas que poderiam assegurar uma eventual volta à cena política. A carga de Vargas tentava uma análise da natureza das pressões que se polarizavam naquele momento para exigir sua queda,

era limitada apenas por sua formação de político tradicional. Por ser de compromisso a carta renúncia de Jânio não era capaz de nomear o adversário. Isso, entretanto, não impediu que os dois gestos aparecessem como simétricos: "Ele não me decepcionou, não foi ele que quis renunciar, foi o mesmo que aconteceu com Getúlio Vargas. Mas o povo brasileiro não merece sacrifícios como o de Getúlio" (Questionário).

O que acho importante ressaltar é que a fidelidade a Jânio é diferente da devoção a um líder carismático e da dependência em relação a uma liderança onde predominem os elementos de tipo paternalista. É certo que na liderança janista se encontram também componentes dessa ordem, mas não são nem os mais importantes nem aqueles onde podemos encontrar o nexo explicativo. Se notarmos que os janistas fiéis são os operários melhor integrados na indústria e que são justamente os "operários sem profissão" que abandonam o líder depois da renúncia, creio que meu argumento ganha em força.

QUADRO I

Em quem votou para presidente?

	QUALIFICADOS		NÃO QUALIFICADOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
JÂNIO	22	64,7	53	57,0	75	59,1
ADHEMAR	6	17,7	30	32,3	36	28,3
LOTT	5	14,7	5	5,4	10	7,9
BRANCO	1	2,9	4	4,3	5	3,9
S/R	-	-	1	1,1	1	0,8

QUADRO II

Em quem votou para governador do Estado (1962)?

	QUALIFICADOS		NÃO QUALIFICADOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
JÂNIO	20	58,8	28	31,1	48	38,7
ADHEMAR	6	17,7	48	53,3	54	43,5
J. BONIFÁCIO	6	17,7	7	7,8	13	10,5
CID	-	-	2	2,2	2	1,6
BRANCO	2	5,9	4	4,4	6	4,8
S/R	-	-	1	1,1	1	0,8

Se compararmos os resultados dos Quadros I e II, vemos que das eleições presidenciais para as eleições para o governo do Estado, Jânio perde 26% de seus eleitores do grupo dos operários não qualificados contra apenas 6% do grupo dos operários qualificados. Isso vai no sentido de mostrar que os eleitores de Jânio são os operários mais bem integrados no trabalho industrial. Weffort chega a conclusões semelhantes. (Weffort, 1965). Acredito que justamente o proletariado urbano integrado à condição operária e ao trabalho industrial constitui uma das camadas menos permeáveis, seja à liderança paternalista tradicional, seja a uma liderança carismática como por vezes se tentou caracterizar o fenômeno janista.

A adesão a Jânio expressa ao mesmo tempo uma forma de consciência nebulosa do papel das classes populares no processo político e um sentimento de impotência dessas mesmas classes. A renúncia, a falha de Jânio aparece como a própria

fraqueza das classes populares pressionadas por forças que não são capazes de identificar ao certo. Nesse sentido, a dubieda de da carta renúncia corresponde à dubiedade da própria consciência popular que enfrenta inimigos poderosos e ocultos, ou pelo menos camuflados.

Dentro desse quadro, devemos levar em conta aqueles que abandonaram Jânio depois da renúncia. O erro, a fraqueza de Jânio aparece como uma traição pessoal. A relação com o líder baseava-se essencialmente na confiança. Jânio ao renunciar, quebrou esse tipo de laço, foi rompido o elo sobre o qual repousava a união. A adesão a Jânio era apenas emocional sem aqueles componentes políticos difusos que encontramos nos janistas que permanecem fiéis. Podemos mesmo dizer que os janistas desiludidos foram essencialmente aqueles que viam em Jânio uma liderança populista de velho estilo e que, portanto, nunca chegaram a captar a inovação que ele representou.

A razão que não estava presente na adesão aparece agora e é capaz de julgar mesmo retrospectivamente o líder infiel: "A renúncia de Jânio foi por incapacidade, não tem outra explicação; competente era o Carvalho Pinto, enquanto ele teve o Carvalho Pinto para ajudar, ficou no governo(...) Jânio renunciou, deu para trás; se renunciasse e calasse a boca, mas não, ficou dando entrevistas por aí. Não foi o exército que tirou, ele saiu porque percebeu que era incapaz e tinha desgraçado a nação. Em sete meses foi para a Inglaterra e Europa toda e tinha dito que só tinha uma casa e vinte contos, ele saiu com o dinheiro do povo. A pobreza era a campanha política dele. Ele dizia não ter nada e hoje sabemos que é milionário; ele caganou o povo. Uma vez na Casa Verde, o povo, antes da eleição para presidente, fez um banquete; tinha leitão e frango. Ele comeu que nem um desesperado. Da Casa Verde ele foi para a Freguesia do Ó, não é que ele entrou num bar e pediu um sanduíche

de mortadela. Ele queria mostrar que era do povo, mas o povo ficou revoltado. O normal dele é estar bêbado e ainda tem gente atrasada que vota nele." (Entrevista nº 15).

Essa visão desmistificada do líder entretanto só apareceu depois da renúncia. Os fatos relatados por esse operário aconteceram durante a campanha presidencial. Ele votou em Jânio para presidente sem achar que este era demagogo ou bêbado. A renúncia foi o ponto esclarecedor.

A adesão a Jânio daqueles que se desiludiram vinculava-se sobretudo aos componentes emocionais de sua liderança, por se sentirem traídos depois da renúncia, abandonaram o líder para voltarem a lideranças de tipo tradicional. Aqueles que permaneceram fiéis a Jânio tinham ainda que de uma forma caótica um elemento político classista em sua adesão, o que ficou patente nas justificativas encontradas para a renúncia. Nunca é demais lembrar que se em 1960 Jânio era apoiado pelos setores políticos mais reacionários, o mesmo não acontecia em 1962, quando a ultra direita e os setores conservadores tradicionais uniram-se em torno da candidatura Adhemar de Barros ao governo de São Paulo. A demagogia janista largamente utilizada na campanha presidencial de repente foi abominada pelos setores direitistas. Adhemar era uma garantia mais segura e, de fato, em troca este realizou um dos governos mais repressivos do período democrático e apoiou decisivamente o golpe de 1964.

Na resposta de um operário que votou em Jânio para presidente e em Adhemar para governador do Estado, encontramos a chave explicativa dos desesperados de Jânio: "Fui na conversa dele, achei que ele podia ser mais honesto e fazer melhoria para o operário, mas não..." (Questionário). Como sua adesão baseava-se apenas da demagogia, demagogia essa manipulada pelos grupos mais reacionários, e como esses grupos pouco de

pois começaram a desmistificar essa mesma demagogia, ele percebeu que foi enganado. Mas não chega a perceber que mais do que por Jânio, foi enganado por aquelas forças políticas que o apoiavam e, que, justamente passaram a apoiar Adhemar de Barros em 1962. Nesse sentido, só percebe o engodo na medida em que essa percepção é necessária para que caia em outro, que de resto, e o tempo demonstrou, teria conseqüências mais graves.

A primeira coisa que constatamos ao comparar os motivos de escolha do candidato entre adhemaristas e janistas é o caráter essencialmente pessoal dos janistas em contraste com o caráter de fidelidade familiar dos adhemaristas. Assim, temos uma declaração de um operário que votou em Jânio as duas vezes: "Foi sempre de minha preferência, é preferência minha." (Questionário). A ênfase é toda dada à escolha pessoal ao caráter essencialmente individual da escolha.

Vejamos agora algumas declarações de eleitores adhemaristas:

"Sempre fui adhemarista, minha família é toda adhemarista." (Quest.).

"Simpatia, questão de família, todos somos adhemaristas." (Questionário)

"Quando tirei meu título meu pai já era adhemarista e eu sempre votei nele".(Questionário)

"Nós somos adhemaristas lá em casa; Adhemar é um senhor de idade que principalmente fez hospitais." (Questionário).

"Porque é do partido de meus pais (...)" (Questionário).

"Porque eu morava com uma família que era muito adhemarista e corinthiana." (Questionário).

A fidelidade a Adhemar é uma fidelidade à família ou a membros dela ou a amigos. A escolha não é uma escolha pessoal, é uma escolha presa ao passado, é um destino marcado, da mesma natureza do ser corinthiano. É algo que foi determinado a priori, porque quando se tirou o título, o pai já era ou porque perdendo-se no tempo, sempre fomos adhemaristas. É interessante notar como a propaganda de Adhemar, na eleição de 1962, explorou esse elemento da tradição. O apelo era ao passado, "ao tempo de Adhemar", o tempo em que as coisas eram mais baratas, a campanha era quase uma hora da saudade. O contraste dessa escolha familiar e com apelo ao passado toma um sentido mais agudo quando comparamos com os motivos da escolha janista, que aparecem como essencialmente pessoais e visando não a uma volta no tempo, mas a um tempo melhor que se situa prospectivamente. Outro elemento que deve ser acentuado na escolha dos Adhemaristas é o caráter paternalista da liderança. Adhemar é o homem que faz favores pessoais, não aos operários, mas aos pobres, e é essencial do seu eleitorado o não se colocarem nunca enquanto grupo, mas enquanto indivíduos que receberam favores do líder.

"Adhemar fez coisas. A senhora dele no Natal dá presentes (...)" (Questionário).

"Simpatia por causa da mulher dele, que faz bem para os pobres(...)"(Questionário).

"Ele é deliberado, deixa a gente andar sem licença. Vai preso com o carro, telefona para o Adhemar que ele solta." (Questionário).

"Devo obrigação a ele. Ele arranjou hospital para minha mulher." (Questionário).

"Sempre gostei dele, ele me ajudou muito. Do na Leonor deu uma carta para internar a patroa em Itapira, para por a sobrinha no Hospital Matarazzo, para por minha filha no centro social de menores." (Questionário).

"Ele para mim foi um pai, eu estava passando fome e ele me sustentou seis meses, toda semana eu ia buscar mantimentos" (Questionário).

"Achei que ele tinha capacidade; minha patroa, logo que chegamos aqui, ficou no Hospital Dona Leonor, a gente deve obrigação a ele" (Questionário).

Se Jânio é o homem justo, capaz de fazer valer o direito do operário, capaz de tratar todos os cidadãos igualmente, Adhemar é o homem bom que dá esmolas e quebra galhos para os pobres, seja através de seu prestígio social, seja através da máquina administrativa. Quando está no governo, Adhemar é o homem rico e poderoso, mas cheio de simpatia e compreensão humana, que facilita e ajuda os recomendados de seus apaniguados, tornando a coisa pública algo de sua propriedade privada, de que pode dispor para ajudar os pobres e humildes. Adhemar anda de paletó às costas e arregaça as mangas, mas o faz enquanto patrão, jamais poderia ser confundido com um homem do povo, é cafageste mas rico. É o momento da união entre o bom patrão e o bom ladrão.

É quase o oposto da figura de Jânio. Não dá nada, não faz favores a ninguém - ao contrário, denuncia os favores como um dos males essenciais. Não oferece migalhas do banquete mas promete a todos o assento à mesa, mesa da qual, ao contrário de Adhemar, pretende não fazer parte. Adhemar protege os pobres, Jânio se propõe a acabar com a pobreza. A caridade se substitui pela justiça e o favoritismo pela igualdade. A fonte dos males está no tratamento diverso que recebem os poderosos e os fracos; Jânio promete uma balança igual para todos. Daí as características diversas dos janistas e dos adhemaristas.

Os adhemaristas são os fracos que não acreditam nem em si nem no futuro. A liderança paternalista é a garantia do

futuro, uma vez que em termos pessoais não vêem, em geral, futuro possível. Os janistas não querem proteção, querem oportunidade. O líder deve não ser o poderoso que protege, mas aquele que sendo igual garante as chances. Há por parte deles a crença no futuro, porque eles acreditam em si próprios. Adhemar é o homem rico, sua mulher distribui presentes e ele sustenta os pobres que o procuram. Seu projeto seria o de transformar o povo numa imensa plebe a quem ele, distribuindo o pão, seria o circo. O projeto de Jânio é realizar todos integralmente enquanto cidadãos. É ascético sendo da massa, enquanto líder dela se afasta para poder realizar o projeto comum. Adhemar, bonachão, um homem rico, enquanto líder tenta se aproximar da massa, não para realizar o que a massa deseja, mas para protegê-la ao fazer crer o projeto irrealizável.

4.2- AUTORITARISMO

"O Brasil precisava de um homem como Vargas, não só o homem, mas o regime: ditadura."

Uma declaração como essa ou sucessivas declarações que encontramos por parte de operários contra órgãos legislativos e sobre a necessidade de seu fechamento, poderiam, na verdade, ser tomados como índice de tendências autoritárias. Entretanto, não podemos pensar em democracia ou ditadura de uma forma abstrata. Temos que ver o que é para o operário a democracia e o que significou, por outro lado, a experiência ditatorial getulista. É com referência a seu universo de vivências que o operário pensa o mundo político e não a partir de conceitos abstratos como o fazem os intelectuais. Democracia ou ditadura, o que é constante é a necessidade de trabalho e a exploração a que se acham submetidos. A única coisa que os protege de certa forma da mais desenfreada das explorações é a Legislação Trabalhista.

Contrastando com o desconhecimento de seus direitos enquanto cidadãos, vemos o conhecimento preciso e minucioso por parte dos operários de seus direitos profissionais. O prôprio direito de voto é menos importante que os direitos trabalhistas. A visão do processo político global é distante e nebulosa em contraste com a clareza que é sua vida no trabalho com a Legislação Trabalhista e o que seria sem ela. Quando um operário expressa o desejo de um regime ditatorial e sua referência, até o golpe de 64, era o regime de Vargas, não está manifestando tendências autoritárias, mas, na verdade, desejando em contraste com o regime em que participa apenas formalmente, um regime que lhe dá alguns benefícios a mais do que a liberdade abstrata e o direito de votar. Da mesma forma, ao se manifestar contra o Poder Legislativo, na verdade o que faz é protestar de certa forma contra o regime de exploração a que está

submetido. O operário vê concretamente que na maioria dos ca
sos deputados e senadores são os próprios patrões e que, por
tanto, sua ação enquanto políticos só poderá ser favorável a
sua própria classe e nunca aos trabalhadores.

"As leis, os operários têm graças a Getúlio.
A própria democracia impedia Getúlio de fa
zer algo. Ele fez muito na ditadura quando
era bom, mas na democracia não pode fazer na
da."

Muito ao contrário de denotar uma tendência autori
tária, vemos na declaração deste operário uma percepção poli
tica muito aguda de certos obstáculos impostos pela "democra
cia" às realizações de governantes populistas. Democracia é si
nônimo de grupos econômicos que dentro ou fora do congresso
pressionam o governo no sentido de seus interesses. A ditadura
getulista, por outro lado, aparece como algo que pairava por
cima dos interesses particulares sem estar sujeito a pressões
e que nesse sentido poderia proteger os humildes e explorados.
É como se Getúlio, ao proibir e negar a luta de classes, real
mente a tivesse suprimido. O caráter predatório do Estado que
surge de uma forma cristalina depois de 46, permitiu à demago
gia populista de Vargas se cristalizar aos poucos como uma va
ga ideologia nacionalista que, transformada em fantasma, pre
cisou ser destruída em 64.

Acusar-se o proletariado de ter tendências anti-demo
cráticas é acusá-lo de perceber o que a democracia concreta
que ele conhece significa em termos de espoliação de sua pró
pria classe. A ditadura ansiada, é óbvio, nada tem a ver com
os governos militares que se sucederam ao golpe de 64. Sua per
cepção é nebulosa, mas sua intenção é clara: o governo deseja
do é aquele que melhora as condições de vida dos operários.

O que a massa operária não podia perceber até 64, mas

as vanguardas políticas sim, é que tal governo não era mais possível, que a burguesia estava muito apavorada e ligada aos interesses externos para poder apresentar um simulacro que fosse de governo nacionalista.

O processo de produção industrial, que tomando homens tão diferentes de tão diversas proveniências transformá-os todos em operários, por si só, entretanto, não os leva a perceber de uma maneira clara que estão todos sob uma mesma condição. A particularidade do trabalho, da situação de cada um, mascara a verdade da condição comum. Sequer se pensam como operários. A denominação oficial da fábrica onde são prentistas, polidores, ferramenteiros, faxineiros etc., em termos da consciência presente, é algo mais forte do que a situação comum de espoliados dentro de um mesmo processo. Vagamente se percebem como pobres, às vezes se reconhecem como povo, mas num caso como em outro, ao mesmo tempo em que sua consciência transcende sua situação específica, ainda e por isso mesmo não chega a alcançá-la. A cada momento que se colocam em oposição se apresentam de uma forma diferente, nunca alcançando, portanto, a oposição real: às vezes são os pobres que se vêem face a face com os ricos onde o patrão está eventualmente incluído, como trabalhadores incluem também o patrão em seu grupo, pois o vêem diariamente na fábrica. Como povo, às vezes se reconhecem como membros de uma imensa totalidade abstrata que se opõe à outra abstração, o governo. Mas outras vezes se vêem lado a lado do governo contra os exploradores.

Dentro de uma diversidade muito grande de comportamentos políticos encontramos, entretanto, uma constante: o mito Vargas. Objetivamente, o seu voto pode ter ido para candidatos antigetulistas, mas Vargas está presente. Em uma classe operária que não desenvolveu nenhuma forma de comportamento político unificado, que tem relativamente pobres tradições de

lutas, que não apresenta sequer traços de uma cultura de classe, esse tipo de unidade é quase surpreendente. E será ainda mais surpreendente se notarmos que não se trata somente dos operários mais velhos, que objetivamente tiveram uma série de vantagens graças à legislação trabalhista; não se trata também apenas de operários de segunda geração, cujos pais, por se terem beneficiados dessas vantagens, poderiam ter desenvolvido no interior da família tal tipo de atitude. Não; são muitas vezes homens de origem rural recente que de forma alguma foram, pessoalmente ou em termos da família, beneficiados pela política trabalhista de Vargas.

A admiração por Getúlio é a coisa que os une a todos, talvez não saibam muito bem explicar por que, talvez misturem motivos reais com imaginários, muitas vezes totalmente contraditórios com a ação real de Getúlio em qualquer de seus períodos dos governamentais, mas é esse exatamente o mecanismo de cristalização do mito. Os próprios políticos cedo se aperceberam desse fato; na campanha presidencial de 1955, não só o candidato do PTB, Kubitschek, se apresentava como o candidato de Getúlio, mas também Adhemar, que logo após a efêmera aliança de 1950 se passara para a oposição, bem como Juarez, um dos homens da Conspiração que culminou, em agosto de 1954, com o suicídio de Vargas, e até mesmo Plínio Salgado(...) Poder-se-ia objetar que nesse momento o impacto imocional provocado pelo então recente suicídio de Vargas ainda se encontrava muito presente em todas as consciências. Mas o que dizer dos fatos que colhemos em nossa pesquisa que data de 1963?

Porém os operários paulistas não votaram em geral nos candidatos de Getúlio; em geral ansiavam, por vezes, pela ditadura que lhes acenava a UDN. Como explicar a contradição?

Ao pensarem em ditadura, os operários tinham em vis

ta uma certa "memória mitológica" da ditadura Vargas. A confu
são entre a figura do líder e o sistema político levava-os a
ver como sinônimos ditadura e governo que dá algumas vanta
gens às classes trabalhadoras. A tradicional aliança entre as
massas e o poder executivo contra o legislativo, que aparece
como corrupto e como representante das oligarquias, veio se so
mar a experiência do governo Vargas, em especial durante o pe
ríodo do Estado Novo, em que, graças a alguns dispositivos da
legislação trabalhista, os trabalhadores se sentiram pela pr
imeira vez de alguma forma defendidos e protegidos.

CONCLUSÃO

Parto. Vou deixando minha obra, vou deixando minha alma, vou deixando os pedaços. No caminho. A tese é o caminho, uma vereda de chegada. Pactário. Volta. Assim, graças ao escrito, a ausência talvez seja menos dolorosa, também a chegada. Vim chegando do tempo, viajante vindo de um lugar maravilhoso em que era jovem, em que todos éramos jovens. Os dias em que se achava que o mundo pode ser mudado e que aquilo que se faz corresponde ao que se quer; um tempo em que eu nada sabia da perversidade dos efeitos. Roda viva.

Soltar as amarras, ir para mar alto em busca de ou tros portos, tempestades, o naufrágio talvez. Como abandonar esses anos todos, todas essas vidas, minha vida, morte de alguns, minha? Como colocar um ponto sem que esse ponto seja o final de tudo.

Voltar é um verbo intransitivo, mas o difícil do voltar é perceber que não se voltou a lugar algum, ou seja, que o lugar para o qual voltamos não existe mais, ninguém o guardou para nós, não temos lugar. Temos de procurar, cavar, furar, em pilhar, construir... A Alemanha, que um dia amamos, acabou para sempre. O lugar para onde volto não existe mais, e o lugar que existe não tem lugar para mim.

Eu quis neste trabalho, a contrapelo, que a memória vencesse o esquecimento. Dizer aquilo que fiz mas também aqui lo que não fiz. A idéia primeira da qual eu partira, idéia mais ou menos generalizada à época da pesquisa, era a de que a aceleração do processo de industrialização tornava definitiva a passagem de um tipo de estrutura político-econômica para outro. Eu pessoalmente não via como necessariamente positiva essa transição do tradicional para o moderno, achava, isso sim, que cada uma dessas estruturas balizava um campo dentro do qual a consciência dos agentes sociais podia se desenvolver. Realizaria en

tão uma pesquisa e teria depoimentos de operários concretos, empiricamente estudados por esses depoimentos eu teria a consciência imediata presente desse setor do proletariado urbano. A questão que eu me punha antes da pesquisa era: qual a distância entre essa consciência verificável empiricamente e a consciência possível dada pela situação da classe na configuração global. Por pudor quase deixo de lado a idéia subjacente que era a de que a partir do hiato constatável era possível orientar uma ação no sentido de tentar eliminá-lo.

Uma vez realizada a pesquisa, essa questão deixou de ter importância. Diante do material empírico, eu estava intriguado demais por duas constatações para as quais a única explicação a que podia chegar era a natureza específica da unidade por mim investigada. Em primeiro lugar eu não encontrava, por parte dos operários de minha amostra, uma clara valorização do trabalho industrial e correlatamente a não percepção da passagem do tradicional para o moderno, como parte de uma trajetória de ascensão social. Em segundo lugar, um contingente relativamente pequeno de trabalhadores rurais que se tinham tornado operários. Nós realizávamos periodicamente no CESIT seminários de pesquisa, e esse meu dado era contrastante como os dos outros pesquisadores. Pior ainda isso ia contra tudo que se pensava sobre o caráter específico da industrialização na América Latina e sobre o comportamento mais dócil da classe operária nessas condições. Eu tento achar uma explicação para isso no item 2.2- Os Operários, mas os dados com os quais eu lido não são suficientemente esclarecedores.

A época da pesquisa, eu, e não era lobo da estepe, guerreiro solitário, montava guarda às muralhas à espera dos bárbaros, mas estes, na verdade, de há muito já se encontravam no interior da cidade. A integração do Brasil no sistema capitalista internacional na condição de minor partner já tinha

acontecido. Era possível a continuação do desenvolvimento econômico sem o aumento numérico de consumidores do mercado interno. O campo político em que nos movíamos não mais correspondia à realidade. Da mesma forma como, e isso já havia quem desconfiasse à época (Cardoso, 1964), não existia a tão buscada burguesia nacional com interesses diversos, divergentes mesmo das grandes empresas que ainda não se chamavam multinacionais, também o proletariado não existia. Melhor dizendo, não existia aquele proletariado consciente, militante sindical, eleitor da esquerda, anti-imperialista, batalhador das reformas de base etc.. O proletariado da modernização contra o dragão do latifúndio, o monstro do imperialismo, a hidra do subdesenvolvimento.

O proletariado que tínhamos era aquele que eu encontrara aparentemente despedaçado pela política populista, pelo sindicalismo envelhecido e pela visão nacionalista do mundo, mas na verdade inteiro, apenas recusando-se a entrar numa briga que não era sua. Teria sido possível talvez realizar uma análise sociológica aprofundada dos discursos operários e perceber como esses discursos aderiam melhor à realidade do que os pressupostos do nacional-populismo que estavam por trás do esquema teórico que informavam pesquisas como a que eu realizara. Hoje, fazer isso teria sido tão somente fazer um exercício de estilo.

Não quero dizer, cruz credo, que o discurso operário corresponde à verdade, enquanto o discurso cultivado dos intelectuais é ideologia mentirosa. Quando se está imerso na realidade, não conseguimos justamente ver um palmo diante do nariz. O que pretendo, e isso desde o início da pesquisa, é tratar o discurso operário como um sintoma. O discurso não é verdadeiro ou falso, pouco importa, ele me permite chegar às explicações. O discurso, como aquele que se representa diante do psicanalista, importa em seu hic et nunc sem que a questão

da verdade ou da falsidade se coloque. O que eu quero dizer é que aquela concepção totalizadora é falsa porque os dados que colhi daquela perspectiva contradizem-na. Há uma incoerência entre o esquema e o real. Isso, entretanto, é algo que eu sei, hoje e nada que eu faça poderá me fazer deixar de saber, não teria podido fazer de conta que não sei para depois chegar à conclusão, que sei, a partir dos dados pesquisados.

Resumo o argumento geral que pode ser encontrado em diversos autores, que no que diz respeito ao comportamento político das classes populares é desenvolvido pela primeira vez por Weffort (Weffort, 1972): o nacional populismo sobreviveu como ideologia, por circunstâncias especiais: o suicídio de Vargas e a eleição de Juscelino apoiado pelo esquema trabalhista e as consequências que as mudanças estruturais à economia brasileira que daí advém. O golpe de 64 é, de resto, apenas o último ato desta peça. É essa sobrevivência anômala do populismo, cujas análises e palavras de ordem cada vez correspondem menos à realidade da infraestrutura mas que continuam tendo uma grande força política que pode explicar a referida discrepância. A presença do nacional populismo é tão importante, mesmo aqueles que se posicionavam contra, nele, na verdade, se achavam imersos, que só depois do movimento de 1964 é que se vai, pouco a pouco, que não é o golpe que vai promover a integração do país ao sistema internacional, mas que, pelo contrário, ele só ocorre porque a estrutura política e sindical arcaica já não dava conta das realidades emergentes (Almeida, 1975).

Aí está. Sujeito, objeto e cenário. Estou, estão os operários. Espero não ter caído no irracionalismo *tenido* por minha *orientadora* de tese (Cardoso, 1986). É possível a teoria, eu apenas não a encontrei.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. "Sindicato no Brasil: no vos problemas, velhas estruturas". Debate e Crítica, nº 6, julho 1975.
- ANDERSON, Perry. Manuscrito inédito sobre o Brasil, sem título geral, redigido em 1967.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
- CARDOSO, Ruth. "Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método", in: R. Cardoso (org.) A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- DREIFUSS, René. 1964 A Conquista do Estado, Petrópolis, Vozes, 1981.
- FERNANDES, Florestan. A Sociologia em uma Era de Revolução Social. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1963.
- FERNANDES, Florestan. A Sociologia no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1977.
- IANNI, Octávio. Estado e Capitalismo. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965.
- LAS CASAS, Roberto. A Descolonização da África Portuguesa (projeto de pesquisa). Institut d'Etude du Developpement Economique et Social (IEDES). Université de Paris I, Paris s/d
- LEVI STRAUSS, Claude. La Pensée Sauvage, Paris,

- LOPES, Juarez Rubens. Crise do Brasil Arcaico. São Paulo, Di fusão Européia do Livro, 1967.
- LOYOLA, Andrea Rios. Les Ouvriers et le Populisme (les attitudes ouvières à Juiz de Fora). Thèse pour le doctorat du 3^{ème}. Cycle présentée à l'Université de Paris x sous la direction de M. Alain Touraine, Ecole Pratique des Hautes Etudes, Centre d'Etudes des Moviments Sociaux, Paris, 1973.
- NOVAIS, Fernando. Portugal e Brasil na crise do Antigo Siste ma Colonial (1777-1808). São Paulo, Hucitec, 2^a edição, 1981.
- PEREIRA, José Carlos. Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1967.
- PEREIRA, José Carlos. Formação Industrial do Brasil e Outros Estudos. São Paulo, Hucitec. 1984.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operá rias. São Paulo, Editora Brasiliense, 1970.
- SKIDMORE. Brasil de Getúlio a Castelo (1980-1964). Rio de Ja neiro, Saga, 1969.
- TOURAINÉ, Alain. Production de la Societé. Paris, Seuil, 1973.
- TOURAINÉ, Alain. Vie et Mort du Chili Populaire. Juillet/Septem bre 1973. Paris, Seuil, 1973.
- TOURAINÉ, Alain. La Societé Invisible, Regards 1974-1976. Pa ris, Seuil, 1977.
- TOURAINÉ, Alain. "A Intervenção Sociológica". Novos Estudos CEBRAP, vol. 1, nº 3, julho 1982.

VOUGA, Cláudio. A Direção das Empresas Industriais em São Paulo (dissertação de mestrado). A primeira parte foi publicada com o título "Direção e Ação Empresarial". Sociologia vol. XVII, nº 2, junho de 1965.

WEFFORT, Francisco Correa. "Política e Massas" in: Ianni, Singer, Cohn, Weffort. Política e Revolução Social no Brasil, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965.

WEFFORT, Francisco Correa. Sindicatos e Política. Tese apresentada para concurso de livre docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP 1972.

ANEXO 1CENTRO DE SOCIOLOGIA INDUSTRIAL E DO TRABALHO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nome

Endereço

Local de nascimento

Rural ()

Urbano ()

Tempo de permanência em São Paulo

Formação escolar

Profissão do pai

Salário mensal

Número de pessoas da família

Renda total da família

Quantos contribuem para a renda?

Empregos anteriores

- 1) Qual o seu serviço na fábrica ?

- 2) Participa do sindicato ?
- 3) (se sim) Que tipo de participação o sr. tem no sindicato?

- 4) De quantas greves o sr. participou ?

- 5) Que tipo de participação o sr. teve nessas greves ?

- 6) Porque o sr. acha que se faz greve?

- 7) Lê jornais ? Com que frequência ? Qual ? Por que ?

- 8) O que lê de preferência:
 - a. esporte
 - b. crônica policial
 - c. política nacional
 - d. política internacional(especificar se c ou d)

(Se não mencionar c ou não ler jornal)

Como o sr. toma conhecimento dos acontecimentos nacionais ?

3.

9) O que o sr costuma fazer nas horas de folga ?

10) A. O sr se interessa por política?

B. Costuma conversar sôbre política com os companheiros de trabalho ?

C. O sr. acha que os operários devem participar mais ativamente na vida política do país ? Por que ?

11) Votou nas ultimas eleições para presidente

- Jânio
- Adhemar
- Lott
- nulo ou branco
- não votou

Por que?

12) Votou nas ultimas eleições para governador

- Jânio
- Adhemar
- J.B.
- Cid
- nulo ou branco
- não votou

Por que ?

13) Nos ultimos cinco anos sua situação melhorou, piorou ou continuou a mesma? Por que?

4.

- 14) Em geral mudou a situação dos operários nos últimos cinco anos? Continuará melhorando ou piorando? Por que?
- 15) Muitos acham que se os operários trabalhassem bem poderiam um dia vir a ser donos de fábrica. O sr. conhece operários que tenham ganho dinheiro e se tornado patrões? O sr. acha isso possível?
- 16) Até onde um operário pode subir na vida?
- 17) O sr. acha que melhorar as condições de vida e de trabalho é problema:
a. de cada um ()
b. dos operários em conjunto ()
- 18) (se b) Que tipo de atuação devem ter os operários em conjunto?
- 19) Como deve agir o sindicato para melhorar as condições de vida e de trabalho dos operários?
- 20) O sindicato tem agido nesse sentido? Por que?

ANEXO 2ROTEIRO DE ENTREVISTA

- A- 1) História profissional do entrevistado, enfatizando os mo
mentos que significaram ascensão ou queda. Procurar veri
ficar os motivos que o levaram a mudar de um emprego pa
ra outro, tentando relacionar com as possibilidades que
o entrevistado via de ascender socialmente. Perguntar da
forma mais detalhada possível em que consistia exatamen
te cada um dos serviços que realizava em seus empregos,
bem como seu processo de profissionalização.
- 2) História política do entrevistado, candidatos de prefe
rência, partido de preferência, porque escolhe determina
do candidato, procurar verificar se são motivos ideológi
cos que o levam a essa escolha.
Perguntar se há alguma diferença entre os partidos polí
ticos existentes, se há algum partido que seja tipicamen
te o partido da classe operária. Se não houver, pergun
tar como deveria ser esse partido e como deveria agir no
sentido de defender os interesses da classe operária.
Perguntar os candidatos em quem votou nas últimas elei
ções, motivos. Verificar como o entrevistado se comporta
diferentemente em eleições para cargos legislativos ou
executivos.
- B- Procurar verificar como o entrevistado relaciona os aconte
cimentos de seu dia a dia: custo de vida, luta salarial, con
dições de trabalho, possibilidades de ascensão dentro da em
presa ou mesmo profissionalmente com o nível político glo
bal. Nesta parte se procurará jogar com os elementos obti
dos na parte A.
- C- Verificar o que o entrevistado entende por conceitos como:

Povo, Estado, Classe Operária, Comunismo, Democracia etc.
Por que são feitas as greves? O que seria uma greve econômica, e política? Verificar de que maneira o entrevistado relaciona os motivos econômicos com os motivos políticos. O senhor acha justas as greves econômicas, e as políticas (distinguir bem entre justo e legal).

Sindicato: em quem votou nas últimas eleições e por que. O que acha da ação do sindicato e de sua diretoria.

Verificar se o entrevistado lê jornais, que jornais lê, se acredita que os jornais dizem sempre a verdade ou se estão ligados a grupos de interesse.

Opiniões sobre: Fidel Castro, Lacerda, Arraes, Estados Unidos, Cuba, Rússia, renúncia de Jânio, assassinato de Kennedy.

O que seria um governo comunista para o Brasil, e uma ditadura de direita (Lacerda, por exemplo).

Qual o governo mais adequado para os operários, seria o mesmo que para os patrões, seus interesses são coincidentes ou divergentes? (relacionar com o cotidiano do entrevistado).

ANEXO 3

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SOCIAL

(DEPENDÊNCIA)

~~SECRETARIA~~ Social

Apresentar
de Claudio Torres

Se

interessa

Dr Roberto